



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO  
DA SAFRA BRASILEIRA**

**grãos**

V. 6 - SAFRA 2018/19- N. 5 - Quinto levantamento | **FEVEREIRO 2019**



**Presidente da República**

Jair Bolsonaro

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)**

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

**Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)**

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

**Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)**

Fernando José de Pádua Costa Fonseca

**Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)**

Marcus Luis Hartmann

**Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)**

Waldenor Cezário Mariot

**Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)**

Cleide Edvirges Santos Laia

**Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)**

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

**Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)**

Fabiano Borges de Vasconcellos

**Gerência de Geotecnologias (Geote)**

Candice Mello Romero Santos

**Equipe Técnica da Geasa**

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Leticia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

**Equipe Técnica da Geote**

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

**Superintendências Regionais**

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO  
DA SAFRA BRASILEIRA**

**grãos**

V. 6 - SAFRA 2018/19 - N. 5 - Quinto levantamento | **FEVEREIRO  
2019**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 6 Safra 2018/19 - Quarto levantamento, Brasília, p. 1-125  
fevereiro 2019.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>  
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro  
Publicação integrante do Observatório Agrícola  
ISSN: 2318-6852

#### Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)  
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)  
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)  
Candice Mello Romero Santos (Geote)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)  
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)  
Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão)  
Lucas Côrtes Rocha (Gecup)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)  
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)  
Patrícia Maurício Campos (Suinf)  
Adriene Alves de Melo (Gecup)

#### Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jocktã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Allan Salgado, Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Ana Paula Pereira de Lima; Cláudio Chagas Figueiredo; Olavo Franco de Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

#### Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

#### Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)  
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)  
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

#### Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

#### Fotos

Inicial: Lavoura de arroz alagada - Roger Santis / Foto de final: acervo Conab, Sureg-MS

#### Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

#### Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)  
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013- ) – Brasília : Conab, 2013-  
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007- ).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título

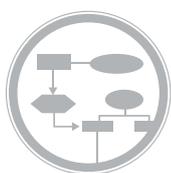
# SUMÁRIO



**1. Resumo executivo** ..... 8



**2. Introdução** ..... 10



**3. Metodologia** ..... 12



**4. Estimativa de área, produtividade e produção** ..... 15



**5. Crédito rural** ..... 25



**6. Análise climática - Inmet** ..... 29



**7. Monitoramento agroclimático** ..... 34



**8. Análise das culturas** ..... 37

8.1. Culturas de verão ..... 38

8.1.1. Algodão ..... 38

8.1.2. Amendoim ..... 42

8.1.3. Arroz -----	46
8.1.4. Feijão -----	56
8.1.5. Girassol-----	76
8.1.6. Mamona -----	77
8.1.7. Milho -----	78
8.1.8. Soja -----	89
8.1.9. Sorgo -----	100



**9. Receita bruta ----- 103**



**10. Balanço de oferta e demanda ----- 111**

10.1. Algodão -----	111
10.2. Arroz -----	112
10.3. Feijão -----	112
10.4. Milho -----	114
10.5. Soja -----	114
10.6. Trigo -----	115



**11. Calendário agrícola de plantio e colheita----- 117**





## 1. RESUMO EXECUTIVO

### SAFRA 2018/19

**A** estimativa da produção de grãos, para a safra 2018/19, é de 234,1 milhões de toneladas. O crescimento deverá ser de 2,7% ou 6,4 milhões de toneladas acima da safra anterior.

A área plantada está prevista em 62,6 milhões de hectares. O crescimento calculado é de 1,5%, comparando-se com a safra 2017/18.

**Algodão:** com a concentração do plantio em janeiro, estima-se crescimento de 33% na área e 27,9% na produção.

**Amendoim:** a estimativa é de 515,7 mil toneladas, aumento de 0,8%.

**Arroz:** a produção deverá ser 11,3% menor que a safra passada, ficando em 10,7 milhões de toneladas.

**Feijão primeira safra:** apresenta redução de 10,6% na área em relação à safra passada e produção estimada em 1 milhão de toneladas.

**Milho primeira safra:** redução de 1,2% na área cultivada e produção prevista de 26,4 milhões de toneladas. Acrescentando a segunda safra, a produção total poderá atingir 91,6 milhões de toneladas, 13,6% superior à obtida em 2017/18.

**Soja:** projeção de crescimento de 1,9% na área de plantio e redução de 3,3% na produção, atingindo 115,3 milhões de toneladas.

## Safra inverno 2019

Com o início do plantio a partir de abril, estima-se a produção das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) em cerca de 3,3% superior à obtida em 2018.





## 2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas,

abordam-se neste boletim do quinto levantamento, o resultado das pesquisas da safra de verão para todas as culturas de primeira e segunda safras (algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, sorgo). São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado. Consta também o acompanhamento da safra de inverno 2019 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticales).

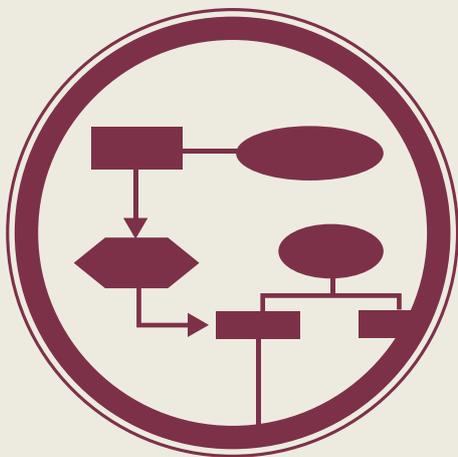
Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar.





### 3. METODOLOGIA (CULTURAS DE INVERNO – SAFRA 2019)

Os métodos utilizados pela Conab no processo de levantamento da safra de grãos envolvem a pesquisa e o contato direto com diversos informantes, cadastrados por todo o país, a utilização de acompanhamento agrometeorológico e espectral (mapas e condição de vegetação), o conhecimento das informações de pacotes tecnológicos adotados pelos produtores, o acompanhamento sistemático da meteorologia e o uso de métodos estatísticos para consolidação das informações disponibilizadas ao público-alvo.

A metodologia aplicada pode ser assim resumida:

#### 3.1. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A linguagem utilizada para os cálculos estatísticos é o “R”, que é um software livre que permite adaptações ou modificações de forma espontânea, disponibilizando ampla variedade de técnicas estatísticas e gráficas, incluindo modelagem linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise de séries temporais (time-series analysis) e amostragem. Para ajustar os modelos e realizar as previsões desse estudo foram utilizados os pacotes “Forecast” e “Asts”.

Os dados utilizados são da Conab e estão disponíveis no site da Companhia (<http://www.conab.gov.br/>). Os dados de produtividade são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação. No geral, a base de dados utilizada contempla 24 anos, já que a partir de 1994 houve uma estabilização econômica, reduzin-

do a incerteza nas variáveis analisadas.

As séries temporais são estudadas no sentido de compreender o seu mecanismo gerador e prever o seu comportamento futuro, o que possibilita tomar decisões apropriadas. O método utilizado tem 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Devido à quantidade de culturas e estados, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Foi encontrado um modelo para cada cultura e estado.

Após a escolha do melhor modelo para cada cultura e

### 3.2. PACOTES TECNOLÓGICOS

A Companhia elabora custos de produção de diversas culturas nos principais locais de produção, tomando por base metodologia própria. Por serem modais, os resultados apurados devem ser observados como parte importante do espelho dos sistemas de cultivo e da utilização de pacotes tecnológicos na agricultura nacional.

A principal variável analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Inicialmente, tomando por base a área de abrangência dos custos,

### 3.3. MODELO AGROMETEOROLÓGICO E ESPECTRAL

A Conab tem buscado medidas eficazes para incrementar a potencialidade do sistema de levantamento e acompanhamento de safras agrícolas e, para isso, tem se empenhado na apropriação de ferramental diversificado.

Para tanto, tem sido utilizado recursos tecnológicos de eficiência comprovada, tais como: modelos estatísticos, sensoriamento remoto, posicionamento por satélite (GPS), sistemas de informações geográficas e modelos agrometeorológicos/espectrais, para estimar as áreas de cultivo e prever impactos à produtividade das lavouras.

### 3.4. MONITORAMENTO DA SITUAÇÃO CLIMÁTICA

A variável climática é o maior risco na agricultura. Para o acompanhamento diário da situação climática se observa diversas informações geradas pelas principais instituições nacionais. No âmbito dos estados, as Superintendências Regionais da Conab também fazem o monitoramento local.

As principais informações pesquisadas dizem res-

Unidade da Federação foi feita a análise dos resíduos para cada situação. Essa é uma maneira de verificar se o modelo ajustado é adequado. O resíduo é a diferença entre o valor ajustado do modelo e o valor “real”. Para verificação do modelo são gerados gráficos de resíduos padronizados, autocorrelação (ACF) dos resíduos, normal Q-Q Plot dos resíduos padronizados e P-valores da estatística de Ljung Box.

Alguns modelos utilizados podem apresentar alguns gráficos de resíduos fora do padrão. Nesses foram feitos testes de ajustes com outros possíveis modelos e escolhido o que melhor se ajustou.

faz-se a sua relação com os roteiros preestabelecidos pela Companhia para visita em campo.

O passo seguinte é a sobreposição e a análise dessas variáveis com as culturas e os rendimentos apurados nas pesquisas de campo e as produtividades resultantes dos estudos estatísticos e dos pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção. O resultado desses estudos é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações.

A Companhia tem máscaras de cultivo de inverno que oferecem meios para o monitoramento agrícola, através do acompanhamento das condições agrometeorológicas e espectrais (índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que refletem a condição da vegetação e fornecem indicativos de produtividade) das lavouras.

As informações obtidas podem indicar os impactos, principalmente das precipitações e temperatura (climatologia e anomalias) no processo produtivo e seus resultados auxiliam na definição das áreas de plantio e de índices vegetativos que são utilizados para o acompanhamento da produtividade.

peito às precipitações, temperaturas e suas anomalias, bem como outras, tais como umidade do solo, geadas e de modelos climáticos de prognósticos temporais. Tais informações são utilizadas para acompanhamento das condições das culturas ao longo de todo o seu ciclo de desenvolvimento.



### 3.5. METODOLOGIA SUBJETIVA

A metodologia subjetiva é realizada através de questionários junto às entidades e aos órgãos diretamente ligados aos agricultores que, de uma forma geral, já procedem a primeira consolidação dos dados.

A metodologia adotada é a pesquisa amostral estratificada por roteiro em cada estado após a divisão do estado por grandes regiões, com coleta de informações por meio da aplicação direta de questionários aos detentores das informações dos órgãos pesquisados.

Para compensar as probabilidades desiguais de captação, são atribuídas ponderações diferenciadas a cada produto distinto da safra de grãos, chamados de fatores naturais de expansão. A calibração dos fatores naturais de expansão consiste em estimar novos pesos para cada grupo de elementos da amostra, por meio de ajustes dos pesos naturais do desenho segundo in-

formações de variáveis auxiliares da amostra.

As unidades de investigação são as áreas de jurisdição do município ou de um conjunto de municípios produtores, incluídos no roteiro de cada estado e as visitas são realizadas pela equipe técnica da Companhia.

Os informantes da pesquisa são os produtores e técnicos de cooperativas, empresas de assistência técnica e extensão rural (públicas e privadas), secretarias municipais de agricultura, revendas de insumos, agentes financeiros e outros órgãos que possam contribuir com informações relevantes na unidade amostral, sobre as diversas culturas pesquisadas.

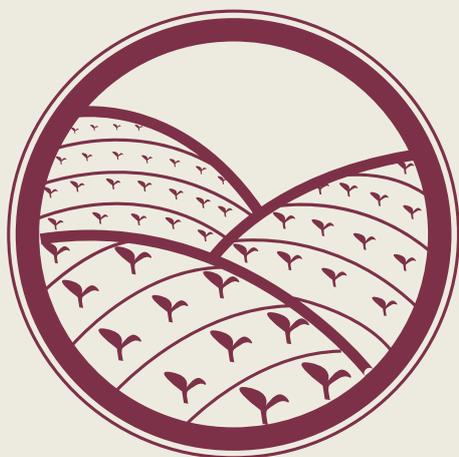
As variáveis investigadas podem ser resumidas em área, produtividade, estágio da cultura, condição da lavoura, qualidade do produto e outros dados da cultura como as pragas e doenças.

### 3.6. OUTRAS INFORMAÇÕES

O método utilizado para o acompanhamento e a avaliação da safra de grãos se complementa com informações que contribuem para aumentar o grau de confiabilidade dos resultados, tais como: o crédito ru-

ral, o mercado de insumos, os preços recebidos pelo produtor, os dados da balança comercial, o câmbio e as análises das perspectivas econômicas.

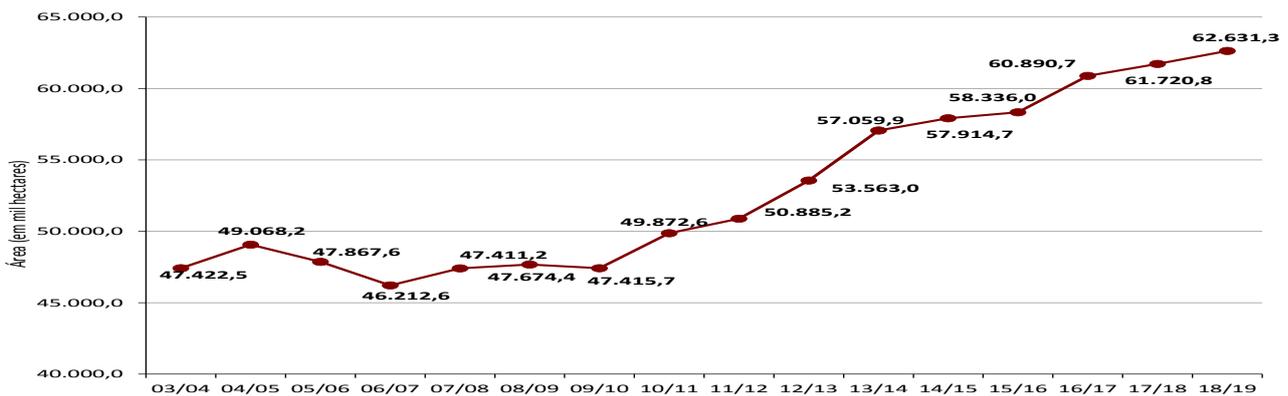




#### **4. ESTIMATIVA DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO**

No quinto levantamento, a área plantada de grãos no Brasil, para a safra 2018/19, está estimada em 62.631,3 mil hectares. A perspectiva é de aumento de 1,5% em relação à temporada passada, que equivale a um incremento de 910,5 mil hectares, explicado pelos aumentos na área de algodão e soja.

**Gráfico 1 – Comportamento da área cultivada - total Brasil**

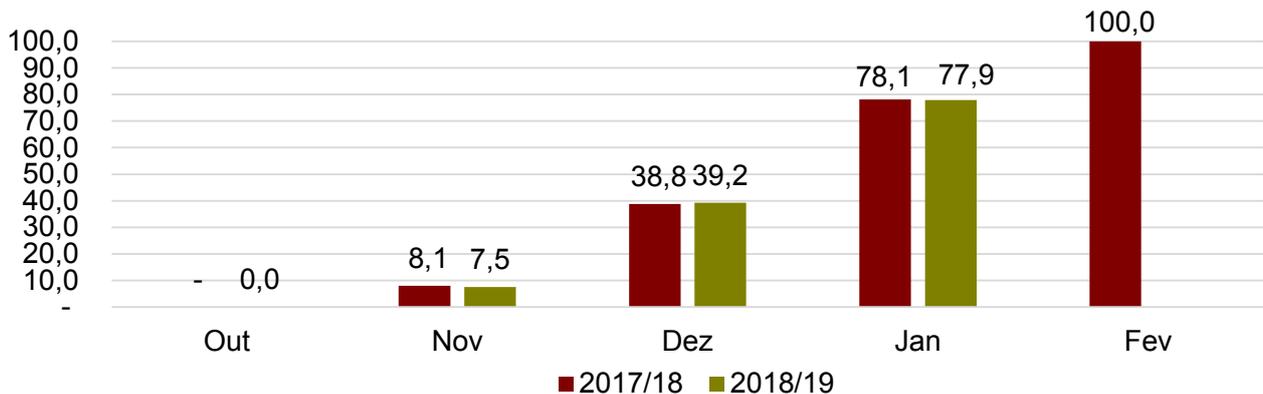


Fonte: Conab.

O clima no início da safra contribuiu para a semeadura. As chuvas significativas em momento antecipado contribuiu para o adiantamento do plantio, sobretudo

da soja, e deve oferecer janela bastante favorável à semeadura das culturas de segunda safra.

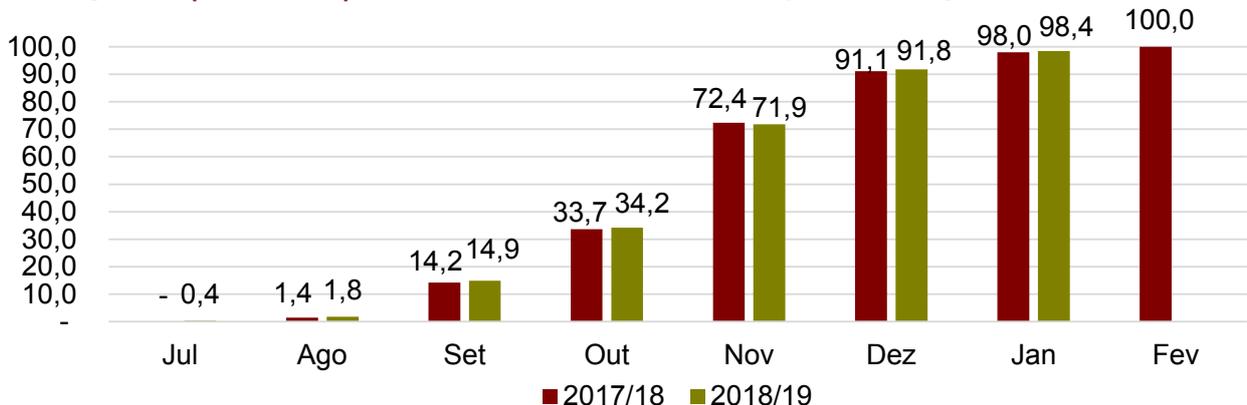
**Gráfico 2 – Comparativo de plantio de algodão entre as safras 2017/18 e 2018/19**



Nota: Percentual referente à Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais (corresponde a 95,6% da produção).

Fonte: Conab.

**Gráfico 3 – Comparativo de plantio de arroz entre as safras 2017/18 e 2018/19**

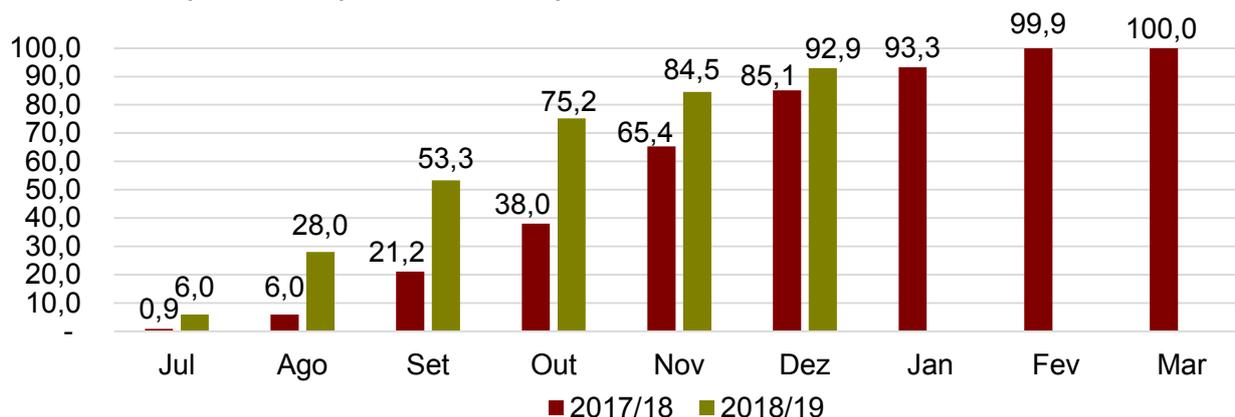


Nota: Percentual referente a Tocantins, Maranhão, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 86,8% da produção).

Fonte: Conab.



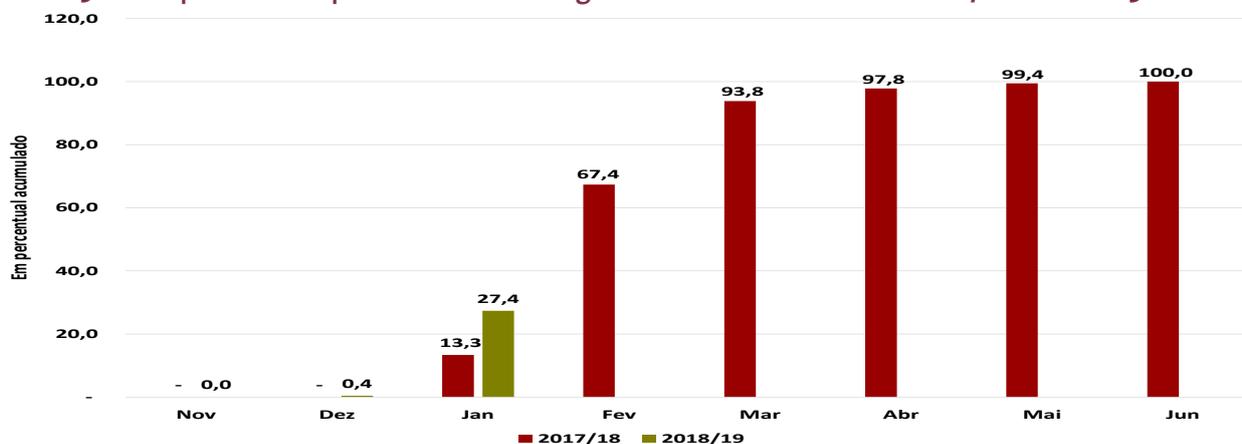
**Gráfico 4 – Comparativo de plantio de milho primeira safra entre as safras 2017/18 e 2018/19**



Nota: Percentual referente a Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 80,2% da produção).

Fonte: Conab.

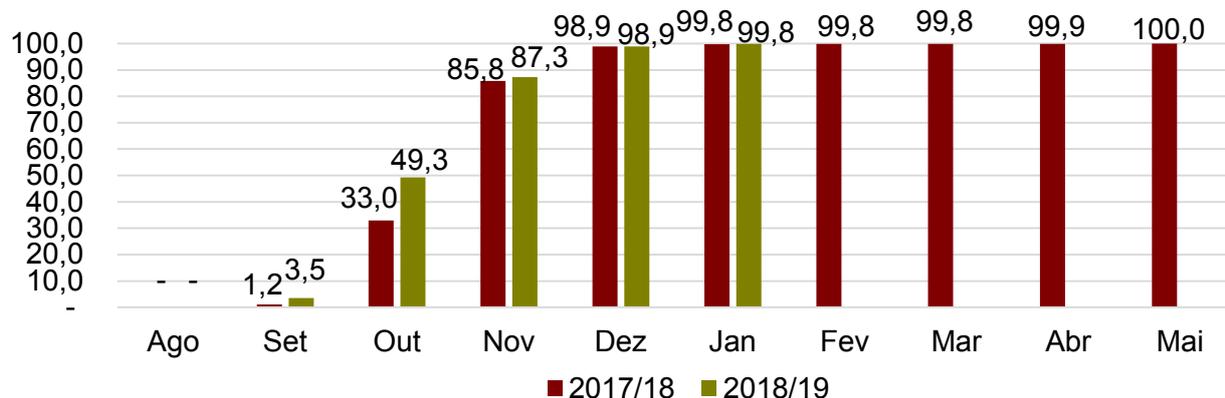
**Gráfico 5 – Comparativo de plantio de milho segunda safra entre as safras 2017/18 e 2018/19**



Nota: Percentual referente a Tocantins, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná (corresponde a 93,6% da produção)

Fonte: Conab.

**Gráfico 6 – Comparativo de plantio de soja entre as safras 2017/18 e 2018/19**



Nota: Percentual referente a Tocantins, Maranhão, Piauí, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 97,1% da produção).

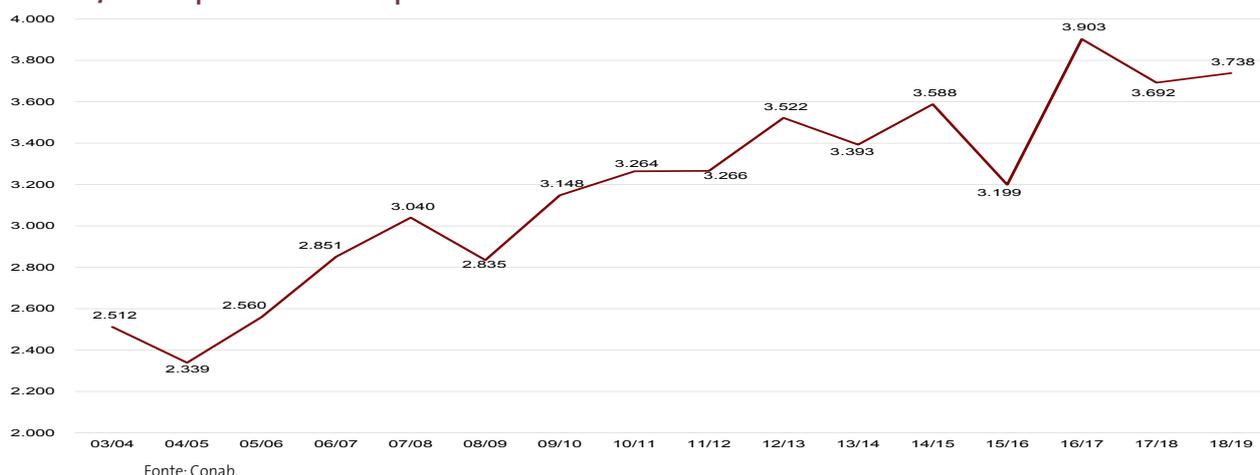
Fonte: Conab.



Até dezembro, as condições das lavouras nas principais regiões produtoras eram boas. A partir daí, no entanto, a falta e a ocorrência de chuvas pontuais, além da incidência de temperaturas elevadas, sobretudo no Centro-Sul, prejudicaram as culturas que se encontravam nas fases de enchimento de grãos e fechando o ciclo produtivo, semeadas logo no início da safra. Mesmo assim, a produtividade alcançada no início da colheita é positiva e deverá ser a segunda maior registrada na série histórica da Conab.

Os números observados nesse levantamento indicam que as estimativas de produtividade se mantêm próximas ao calculado estatisticamente no início da safra, na metodologia utilizada pela Conab. Esse quadro é monitorado e avaliado a cada levantamento e, na medida em que se constata alterações recolhidas nas pesquisas de campo, envolvendo os níveis de produtividade, esse fato se torna o foco das atenções no acompanhamento ao longo da safra.

**Gráfico 7 – Comportamento da produtividade – Total Brasil**

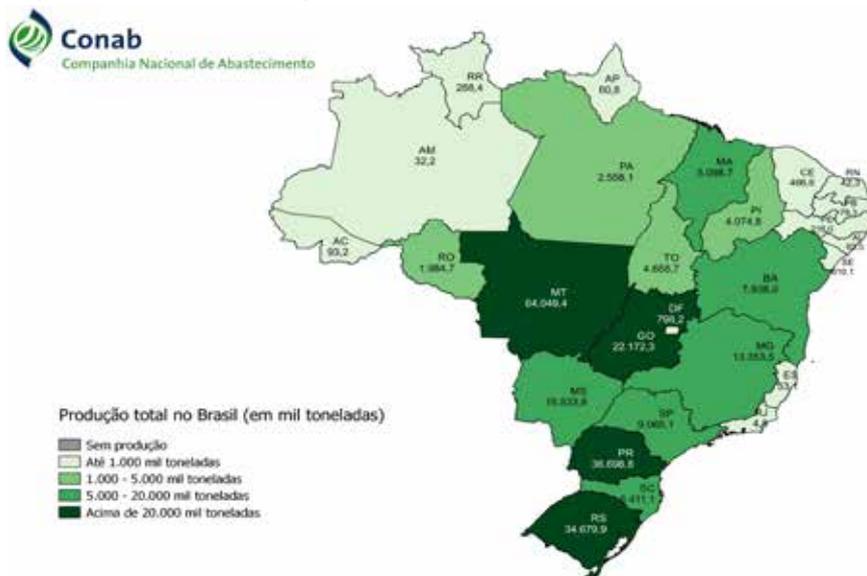


A produção estimada, nesse levantamento, indica um volume de 234,1 milhões de toneladas, apresentando variação positiva de 2,7% em relação à safra passada. Esse resultado representa a possibilidade de aumento na produção de 6 milhões de toneladas.

do nessa safra. A produção da soja deverá ser de 115,3 milhões de toneladas, o milho, distribuído entre a primeira e segunda safras, poderá atingir 91,6 milhões de toneladas, o arroz, 10,7 milhões e o algodão em pluma, 2,6 milhões de toneladas. Para a atual safra, destaca-se também a expectativa de aumento da produção para o amendoim e mamona. O feijão possui três safras e a estimativa é que sejam produzidos 3,1 milhões de toneladas.

A soja, milho, arroz e algodão apresentam-se como as principais culturas produzidas no país. Esses quatro produtos correspondem a 94% do que será produzi-

**Figura 1 – Produção de grãos no Brasil**



## 4.1. ALGODÃO

Diante do bom desempenho das cotações da pluma, os produtores nacionais investiram mais no cultivo de algodão nessa safra e é esperado incrementos recordes na área plantada. Além do aumento de área em regiões que tradicionalmente cultivam algodão ocorre incorporação de novas áreas ao processo produtivo em detrimento de outras culturas.

A área plantada, nessa temporada, deverá apresentar aumento de 33% em relação aos 1.562,8 mil hecta-

res efetivados na safra passada. Fatores como taxa de câmbio, níveis de estoques internacionais, evolução dos preços nas principais praças produtoras e o bom ritmo das exportações, contribuirão para que esse quadro se consolide. Além disso, a cultura passa, na maioria dos estados, por uma adequação do período de plantio, aproveitando as chuvas necessárias ao desenvolvimento da planta e, na época da colheita, a coincidência com o clima seco, ideal para a obtenção da pluma de boa qualidade.

## 4.2. ARROZ

A cultura do arroz é essencial para a segurança alimentar e nutricional para mais da metade da população mundial, além de ser integrante do hábito alimentar da nossa população. Sua produção ocorre em todo o país, mas tem maior concentração na Região Sul do país, que é responsável por quase 80% da oferta nacional.

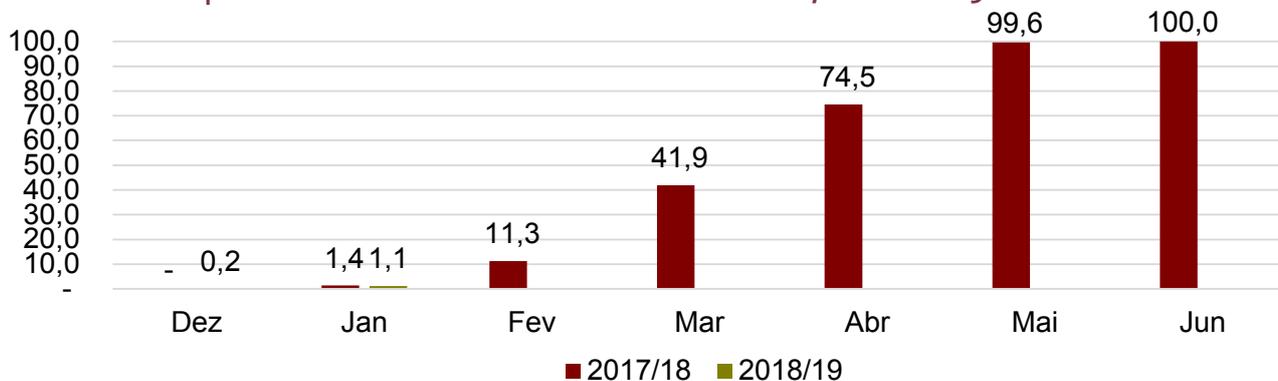
O arroz tem perdido área ao longo dos anos. Nas últimas dez safras, a área cultivada com arroz reduziu aproximadamente 39%, sobretudo em áreas de sequeiro, uma vez que o produtor tem optado por culturas mais rentáveis. De acordo com as estimativas da Conab, a área brasileira de arroz, nessa safra, deverá ser

10,8% menor que a área cultivada na safra passada.

Apesar da produção não ter sofrido grandes variações nesse período, o rizicultor nacional tem mantido a produção ajustada ao consumo, incrementando a produtividade com a utilização de um melhor pacote tecnológico. O salto de produtividade entre a safra 2000/01 e 2017/18 foi de 91% (de 3.197 para 6.118 kg/ha).

Nessa safra, a produção deverá experimentar redução, estimada em 11,3% quando comparada à safra passada, decorrente da menor área plantada.

Gráfico 8 – Comparativo da colheita de arroz entre as safras 2017/18 e 2018/19



Nota: Percentual referente a Tocantins, Maranhão, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 91,9% da produção).

Fonte: Conab.

## 4.3. MILHO

O milho plantado na primeira safra apresenta produção bastante pontual, para atendimento a demandas internas, a exemplo da ração animal para confinamento e nas áreas próximas às granjas de aves e suínos, uma vez que o foco do produtor neste primeiro momento é a soja. Na segunda safra é onde se concentra a maior parte da produção de milho.

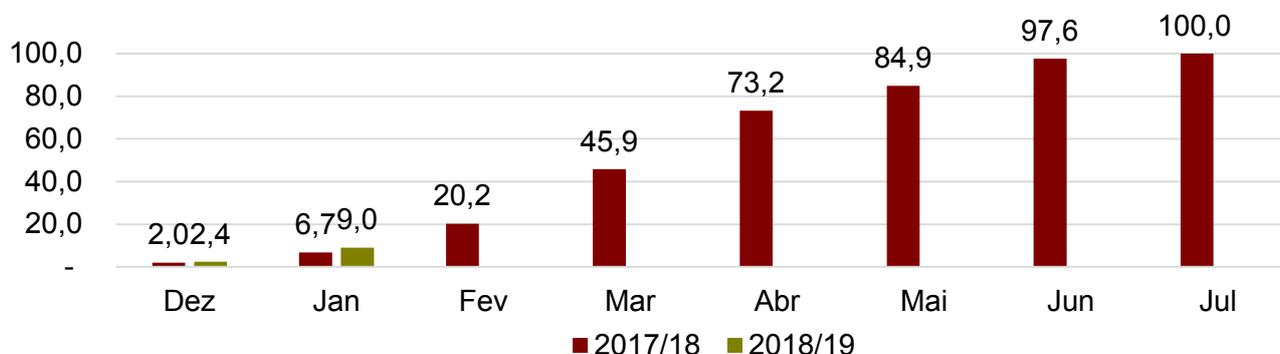
Nessa temporada, apesar de ter sido verificado a migração de áreas de feijão primeira safra, cana-de-açúcar e pastagens para o milho primeira safra, a competição por culturas mais rentáveis resultou em diminuição de área em relação à safra passada. A área plantada atingiu 5.018,7 mil hectares, representando diminuição de 1,2%. Já a área do milho segunda safra ainda está bastante indefinida.



A estimativa para a área do milho segunda safra ainda é uma intenção de plantio. Os produtores já estão com os insumos comprados, mas dependentes da evolução do quadro climático. Por isso, há casos pontuais de prorrogação do plantio, mas ainda dentro da janela recomendada.

A produção de milho deve ser de 91,6 milhões toneladas, dividida entre a primeira e segunda safras. Essa produção representa um aumento de 13,6% em relação à temporada passada, que foi acometida por problemas climáticos na segunda safra.

**Gráfico 9 – Comparativo da colheita de milho primeira safra entre as safras 2017/18 e 2018/19**



Fonte: Conab.

#### 4.4. SOJA

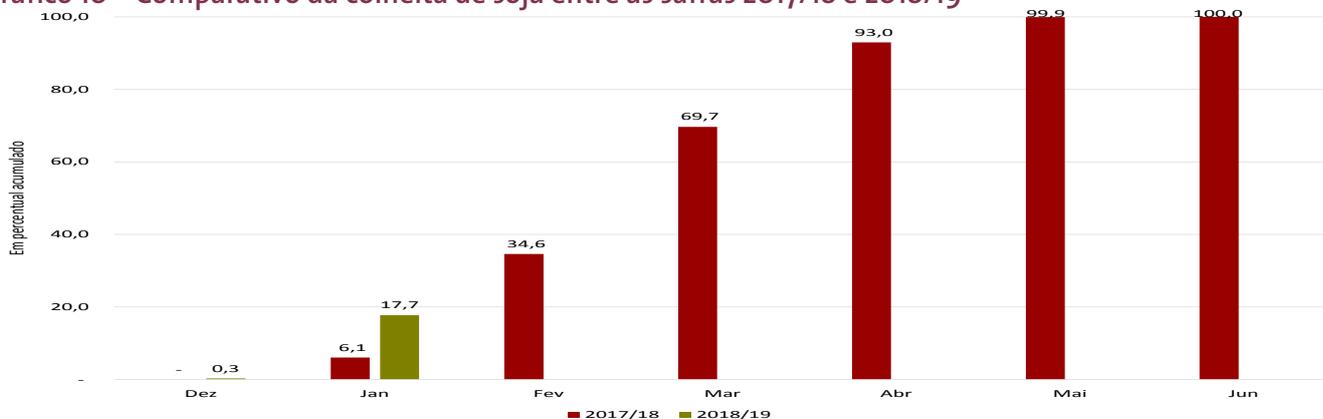
As expectativas para a temporada 2018/19 mantêm a tendência de crescimento da área plantada com a oleaginosa, atingindo 1,9% de crescimento em relação à safra passada, correspondendo ao plantio de 35.821,4 mil hectares. A soja é um produto com forte liquidez e geralmente comercializada com valores considerados remuneradores, o que tem proporcionado um quadro de suporte dos preços no âmbito interno, reforçando a aposta dos produtores no incremento de área para esse produto.

salto de 2.823 kg/ha na safra 2006/07 para 3.394 kg/ha na safra 2017/18, um salto de 20%. Nesta safra, a estimativa é de redução na produtividade, ocasionada por adversidades climáticas severas em alguns estados, como Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná, quando comparada à excelente produtividade da safra passada. A variabilidade das produtividades encontradas em campo é grande e decorre principalmente da variedade utilizada, época de semeadura, manejo e textura do solo.

O produtor tem usado de todos os meios para incrementar o uso de tecnologia a fim de reduzir seus custos, aumentar sua produtividade e, dessa forma, melhorar sua rentabilidade. Assim, a produtividade da soja

Nesse levantamento, a estimativa é que a produção seja de 115,3 milhões de toneladas. Quando comparada à safra passada, que foi recorde, é 3,3% inferior, mas ainda sendo uma grande produção, tornando-se a segunda maior safra de soja da série histórica.

**Gráfico 10 – Comparativo da colheita de soja entre as safras 2017/18 e 2018/19**



Nota: Percentual referente a Tocantins, Maranhão, Piauí, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 97,2% da produção).

Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO	
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2019 (b)	Fev/2019 (c)		
ALGODÃO	1.174,7	1.472,1	1.562,8	33,0	388,1
AMENDOIM TOTAL	138,3	148,3	145,5	5,2	7,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	132,1	141,8	139,4	5,5	7,3
AMENDOIM 2ª SAFRA	6,4	6,5	6,1	(4,7)	(0,3)
ARROZ	1.972,1	1.817,2	1.759,0	(10,8)	(213,1)
ARROZ SEQUEIRO	539,0	457,3	412,3	(23,5)	(126,7)
ARROZ IRRIGADO	1.433,8	1.359,9	1.346,7	(6,1)	(87,1)
FEIJÃO TOTAL	3.171,7	3.093,7	3.014,1	(5,0)	(157,6)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.327,0	1.239,5	1.235,4	(6,9)	(91,6)
FEIJÃO TOTAL PRETO	328,7	320,3	311,2	(5,3)	(17,5)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.516,0	1.533,9	1.467,5	(3,2)	(48,5)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,6	972,0	941,9	(10,6)	(111,7)
CORES	462,4	368,0	365,7	(20,9)	(96,7)
PRETO	180,2	171,8	172,5	(4,3)	(7,7)
CAUPI	411,0	432,2	403,7	(1,8)	(7,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.532,7	1.532,7	1.486,8	(3,0)	(45,9)
CORES	378,0	378,0	379,8	0,5	1,8
PRETO	131,4	131,4	121,6	(7,5)	(9,8)
CAUPI	1.023,3	1.023,3	985,4	(3,7)	(37,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	585,4	589,0	585,4	-	-
CORES	493,5	493,5	489,9	(0,7)	(3,6)
PRETO	17,1	17,1	17,1	-	-
CAUPI	78,4	78,4	78,4	-	-
GIRASSOL	95,5	95,5	79,5	(16,8)	(16,0)
MAMONA	31,8	47,9	47,9	50,6	16,1
MILHO TOTAL	16.616,4	16.654,0	16.824,6	1,3	208,2
MILHO 1ª SAFRA	5.082,1	5.104,3	5.018,7	(1,2)	(63,4)
MILHO 2ª SAFRA	11.534,3	11.549,7	11.805,9	2,4	271,6
SOJA	35.149,2	35.760,4	35.821,4	1,9	672,2
SORGO	782,2	787,6	787,6	0,7	5,4
<b>SUBTOTAL</b>	<b>59.131,9</b>	<b>59.876,7</b>	<b>60.042,4</b>	<b>1,5</b>	<b>910,5</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO	
	2018 (a)	2019		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2019 (b)	Fev/2019 (c)		
AVEIA	375,6	375,6	375,6	-	-
CANOLA	35,5	35,5	35,5	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-
CEVADA	111,9	111,9	111,9	-	-
TRIGO	2.042,4	2.042,4	2.042,4	-	-
TRITICALE	19,9	19,9	19,9	-	-
<b>SUBTOTAL</b>	<b>2.588,9</b>	<b>2.588,9</b>	<b>2.588,9</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>61.720,8</b>	<b>62.465,6</b>	<b>62.631,3</b>	<b>1,5</b>	<b>910,5</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2019 (b)	Fev/2019 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO <sup>(1)</sup>	2.560	2.457	2.460	(3,9)	(99,5)
ALGODÃO EM PLUMA	1.708	1.640	1.641	(3,9)	(66,2)
AMENDOIM TOTAL	3.698	3.809	3.544	(4,2)	(153,5)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.798	3.891	3.616	(4,8)	(182,7)
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.541	2.030	1.915	24,3	374,1
ARROZ	6.118	6.167	6.082	(0,6)	(35,6)
ARROZ SEQUEIRO	2.409	2.380	2.366	(1,8)	(43,6)
ARROZ IRRIGADO	7.513	7.441	7.220	(3,9)	(293,6)
FEIJÃO TOTAL	982	1.002	1.017	3,5	34,3
CORES	1.384	1.461	1.496	8,1	111,6
PRETO	1.489	1.555	1.484	(0,4)	(5,8)
CAUPI	521	516	515	(1,2)	(6,4)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.216	1.102	1.088	(10,5)	(128,2)
CORES	1.728	1.667	1.626	(5,9)	(101,6)
PRETO	1.655	1.693	1.570	(5,1)	(85,1)
CAUPI	449	386	395	(12,0)	(53,8)
FEIJÃO 2ª SAFRA	793	841	877	10,6	83,7
CORES	1.268	1.383	1.532	20,8	263,6
PRETO	1.368	1.489	1.476	7,9	107,5
CAUPI	522	558	551	5,6	29,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.056	1.253	1.257	18,9	200,1
CORES	1.137	1.365	1.370	20,5	233,2
PRETO	677	671	671	(0,8)	(5,7)
CAUPI	593	674	674	13,7	81,3
GIRASSOL	1.489	1.561	1.547	3,9	58,6
MAMONA	631	621	638	1,0	6,3
MILHO TOTAL	4.857	5.476	5.448	12,2	590,3
MILHO 1ª SAFRA	5.275	5.379	5.271	(0,1)	(3,4)
MILHO 2ª SAFRA	4.673	5.518	5.523	18,2	849,6
SOJA	3.394	3.322	3.220	(5,1)	(173,6)
SORGO	2.731	2.472	2.472	(9,5)	(259,4)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>3.737</b>	<b>3.851</b>	<b>3.784</b>	<b>1,3</b>	<b>47,0</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2018 (a)	2019		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2019 (b)	Fev/2019 (c)		
AVEIA	2.116	2.116	2.228	5,3	112,0
CANOLA	1.394	1.394	1.270	(8,9)	(124,0)
CENTEIO	2.083	2.083	1.833	(12,0)	(250,0)
CEVADA	3.159	3.159	2.989	(5,4)	(170,0)
TRIGO	2.657	2.657	2.757	3,8	100,0
TRITICALE	2.709	2.709	2.578	(4,8)	(131,0)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>2.583</b>	<b>2.583</b>	<b>2.667</b>	<b>3,3</b>	<b>84,0</b>
<b>BRASIL (2)</b>	<b>3.689</b>	<b>3.799</b>	<b>3.738</b>	<b>1,3</b>	<b>49,2</b>

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2019 (b)	Fev/2019 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	3.007,1	3.616,8	3.845,3	27,9	838,2
ALGODÃO - PLUMA	2.005,8	2.413,7	2.564,9	27,9	559,1
AMENDOIM TOTAL	511,4	564,9	515,7	0,8	4,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	502,8	551,7	504,0	0,2	1,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	8,6	13,2	11,7	36,0	3,1
ARROZ	12.064,2	11.207,3	10.698,2	(11,3)	(1.366,0)
ARROZ SEQUEIRO	1.298,5	1.088,8	975,6	(24,9)	(322,9)
ARROZ IRRIGADO	10.765,7	10.118,5	9.722,6	(9,7)	(1.043,1)
FEIJÃO TOTAL	3.116,1	3.098,9	3.064,5	(1,7)	(51,6)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.837	1.810	1.848	0,6	11,0
FEIJÃO TOTAL PRETO	490	498	462	(5,7)	(28,1)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	790	791	755	(4,4)	(34,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.281,6	1.071,2	1.024,6	(20,1)	(257,0)
CORES	799,0	613,4	594,7	(25,6)	(204,3)
PRETO	298,2	290,9	270,7	(9,2)	(27,5)
CAUPI	184,4	167,0	159,2	(13,7)	(25,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.216,0	1.289,6	1.304,1	7,2	88,1
CORES	477,3	522,9	581,7	21,9	104,4
PRETO	179,9	195,6	179,4	(0,3)	(0,5)
CAUPI	558,9	571,1	543,1	(2,8)	(15,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	618,6	738,1	735,6	18,9	117,0
CORES	560,4	673,8	671,3	19,8	110,9
PRETO	11,6	11,5	11,5	(0,9)	(0,1)
CAUPI	46,5	52,9	52,9	13,8	6,4
GIRASSOL	142,2	149,2	123,2	(13,4)	(19,0)
MAMONA	20,0	29,7	30,5	52,5	10,5
MILHO TOTAL	80.709,5	91.190,3	91.652,3	13,6	10.942,8
MILHO 1ª SAFRA	26.810,7	27.455,8	26.454,3	(1,3)	(356,4)
MILHO 2ª SAFRA	53.898,9	63.734,5	65.198,1	21,0	11.299,2
SOJA	119.281,7	118.800,1	115.343,7	(3,3)	(3.938,0)
SORGO	2.135,8	1.946,6	1.946,6	(8,9)	(189,2)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>220.988,0</b>	<b>230.603,8</b>	<b>227.220,0</b>	<b>2,8</b>	<b>6.232,0</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2018 (a)	2019		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Jan/2019 (b)	Fev/2019 (c)		
AVEIA	794,8	794,8	837,0	5,3	42,2
CANOLA	49,5	49,5	45,1	(8,9)	(4,4)
CENTEIO	7,5	7,5	6,6	(12,0)	(0,9)
CEVADA	353,5	353,5	334,4	(5,4)	(19,1)
TRIGO	5.427,6	5.427,6	5.631,0	3,7	203,4
TRITICALE	53,9	53,9	51,3	(4,8)	(2,6)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>6.686,8</b>	<b>6.686,8</b>	<b>6.905,4</b>	<b>3,3</b>	<b>218,6</b>
<b>BRASIL (2)</b>	<b>227.674,8</b>	<b>237.290,6</b>	<b>234.125,4</b>	<b>2,8</b>	<b>6.450,6</b>

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (\*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>3.010,4</b>	<b>2.989,7</b>	<b>(0,7)</b>	<b>3.178</b>	<b>3.236</b>	<b>1,8</b>	<b>9.568,3</b>	<b>9.676,1</b>	<b>1,1</b>
RR	67,3	76,4	13,5	3.941	3.775	(4,2)	265,2	288,4	8,7
RO	563,6	557,9	(1,0)	3.518	3.557	1,1	1.982,9	1.984,7	0,1
AC	44,1	44,6	1,1	2.116	2.090	(1,2)	93,3	93,2	(0,1)
AM	14,3	16,4	14,7	2.119	1.963	(7,3)	30,3	32,2	6,3
AP	24,7	24,7	-	2.538	2.462	(3,0)	62,7	60,8	(3,0)
PA	893,5	851,5	(4,7)	2.856	3.004	5,2	2.551,9	2.558,1	0,2
TO	1.402,9	1.418,2	1,1	3.266	3.285	0,6	4.582,0	4.658,7	1,7
<b>NORDESTE</b>	<b>8.334,9</b>	<b>8.311,6</b>	<b>(0,3)</b>	<b>2.488</b>	<b>2.241</b>	<b>(9,9)</b>	<b>20.737,7</b>	<b>18.629,3</b>	<b>(10,2)</b>
MA	1.818,6	1.811,5	(0,4)	3.071	2.815	(8,3)	5.585,6	5.098,7	(8,7)
PI	1.534,2	1.494,3	(2,6)	2.779	2.727	(1,9)	4.263,4	4.074,8	(4,4)
CE	946,6	946,6	-	570	514	(9,8)	539,4	486,6	(9,8)
RN	88,7	88,7	-	488	477	(2,3)	43,3	42,3	(2,3)
PB	220,6	178,4	(19,1)	614	445	(27,6)	135,4	79,3	(41,4)
PE	461,8	461,8	-	476	468	(1,7)	220,0	216,0	(1,8)
AL	67,2	67,2	-	1.286	1.243	(3,4)	86,4	83,5	(3,4)
SE	153,4	153,4	-	946	3.977	320,4	145,1	610,1	320,5
BA	3.043,8	3.109,7	2,2	3.193	2.553	(20,1)	9.719,1	7.938,0	(18,3)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>25.355,6</b>	<b>26.225,2</b>	<b>3,4</b>	<b>3.950</b>	<b>4.025</b>	<b>1,9</b>	<b>100.156,0</b>	<b>105.553,7</b>	<b>5,4</b>
MT	15.343,0	15.855,8	3,3	4.022	4.039	0,4	61.713,8	64.049,4	3,8
MS	4.544,7	4.772,6	5,0	3.608	3.883	7,6	16.395,7	18.533,8	13,0
GO	5.306,6	5.436,7	2,5	4.006	4.078	1,8	21.256,6	22.172,3	4,3
DF	161,3	160,1	(0,7)	4.897	4.986	1,8	789,9	798,2	1,1
<b>SUDESTE</b>	<b>5.563,9</b>	<b>5.571,1</b>	<b>0,1</b>	<b>4.074</b>	<b>4.034</b>	<b>(1,0)</b>	<b>22.667,3</b>	<b>22.476,5</b>	<b>(0,8)</b>
MG	3.347,2	3.316,2	(0,9)	4.235	4.027	(4,9)	14.174,9	13.353,5	(5,8)
ES	28,2	28,2	-	1.926	1.883	(2,2)	54,3	53,1	(2,2)
RJ	2,5	2,6	4,0	1.840	1.846	0,3	4,6	4,8	4,3
SP	2.186,0	2.224,1	1,7	3.858	4.076	5,6	8.433,5	9.065,1	7,5
<b>SUL</b>	<b>19.456,0</b>	<b>19.533,7</b>	<b>0,4</b>	<b>3.831</b>	<b>3.982</b>	<b>4,0</b>	<b>74.545,5</b>	<b>77.789,8</b>	<b>4,4</b>
PR	9.564,8	9.621,5	0,6	3.658	3.814	4,3	34.991,9	36.698,8	4,9
SC	1.273,5	1.260,5	(1,0)	4.936	5.086	3,0	6.285,7	6.411,1	2,0
RS	8.617,7	8.651,7	0,4	3.860	4.008	3,8	33.267,9	34.679,9	4,2
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>11.345,3</b>	<b>11.301,3</b>	<b>(0,4)</b>	<b>2.671</b>	<b>2.505</b>	<b>(6,2)</b>	<b>30.306,0</b>	<b>28.305,4</b>	<b>(6,6)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>50.375,5</b>	<b>51.330,0</b>	<b>1,9</b>	<b>3.918</b>	<b>4.010</b>	<b>2,3</b>	<b>197.368,8</b>	<b>205.820,0</b>	<b>4,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>61.720,8</b>	<b>62.631,3</b>	<b>1,5</b>	<b>3.689</b>	<b>3.738</b>	<b>1,3</b>	<b>227.674,8</b>	<b>234.125,4</b>	<b>2,8</b>

Legenda: (\*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.  
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019



## 5. CRÉDITO RURAL

O trabalho a seguir tem como foco o crédito rural obtido e utilizado pelos produtores rurais. Neste trabalho, proporemos uma visão dual desse expediente, sejam eles: o crédito oficial, do qual as informações são retiradas do sítio do Banco Central do Brasil e faz referência aos valores aportados via importantes programas de auxílio à agricultura como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e o financiamento sem vínculo a programa específico, e o crédito advindo de outras fontes, como os fornecedores de insumos ou Tradings.

Isso posto, em cada um dos 12 levantamentos realizados pela Conab serão apresentadas as informações agregadas para os programas existentes, também serão mostrados dados agregados para as regiões brasileiras no âmbito do crédito rural oficial e, por fim, detalharemos para uma ou duas culturas em específico, as informações tanto do crédito oficial como também as informações das demais fontes de crédito utilizadas pelos produtores rurais brasileiros. Nesse quinto levantamento, da safra 2018/19, serão debatidas informações acerca do milho (segunda safra).

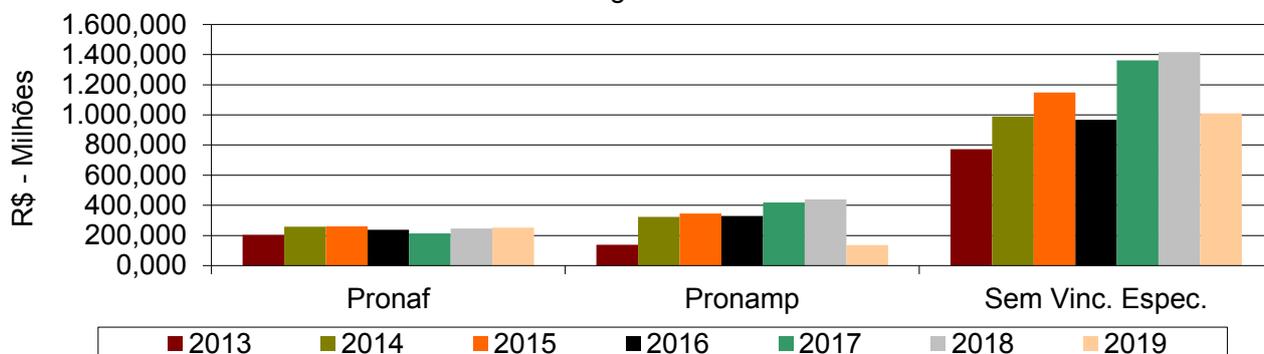
### CRÉDITO RURAL OFICIAL – BACEN

Os dados apresentados a seguir foram retirados do sítio oficial do Banco Central do Brasil, na área relacionada à Matriz de Dados do Crédito Rural (MDCR). O

acesso para a obtenção das informações foi realizado no dia 5 de fevereiro de 2019.

O valor total aportado, via crédito oficial, em janeiro de 2019, foi de R\$ 1,4 bilhão, esse valor é 33% inferior ao observado para o mesmo período em 2018.

**Gráfico 11 - Financiamento total – Por programa - Janeiro de 2013 a 2019**



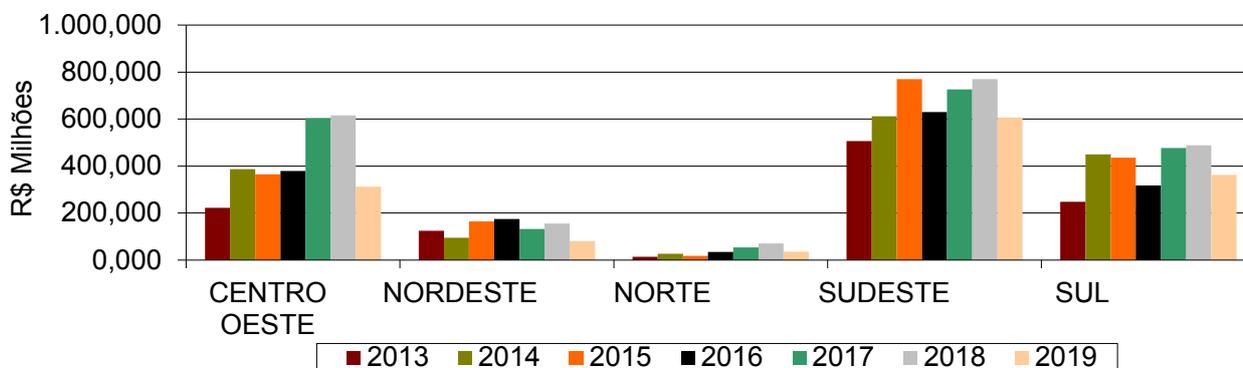
Fonte: Bacen.

O valor oficial total supracitado pode ser subdividido entre as três formas de entrada para o aporte (Pronaf, Pronamp e financiamento sem vínculo a programa específico). Isso posto, os quantitativos, em janeiro, para cada uma dessas possíveis formas de aporte foram: R\$ 252 milhões para o Pronaf (2,7% maior do que o valor observado em janeiro de 2018), R\$ 136,4 milhões para o Pronamp (69% menor do que o valor observado

em janeiro de 2018) e R\$ 1,01 bilhão no financiamento sem vínculo a programa específico (28,6% menor que o valor aportado em janeiro de 2018).

É salutar apresentar os comportamentos e valores apresentados por cada região geográfica brasileira. Isso posto, verificar-se-ão os valores específicos para janeiro, em cada região.

**Gráfico 12 - Financiamento total – Por Região - Janeiro de 2013 a 2019**



Fonte: Bacen.

Na região com maior aporte, verifica-se o Sudeste com um total de R\$ 607,3 milhões, 21% menor que o observado no mesmo período do ano imediatamente anterior. Na região brasileira com menor aporte em valor

absoluto, também se verifica diminuição no aporte total. Isso posto, no Norte, com aporte de R\$ 35 milhões, a diminuição foi de 50%. Em todas as regiões brasileiras observaram-se decréscimos no valor total aportado.

## 6.1. A CULTURA DO ALGODÃO

A partir desse ponto o foco dar-se-á na cultura do milho, tanto com as informações do crédito oficial (Bacen) como também dos financiamentos realizados em outras modalidades.

Assim, a modalidade oficial traz números para o custeio

inseridos no contexto do Pronaf, Pronamp e no financiamento sem vínculo com programa específico. O valor total aportado em janeiro de 2019 foi de R\$ 487,46 milhões, esse valor é 62,2% menor que o observado para janeiro de 2018 (R\$ 783,63 milhões). Esse valor total está distribuído nas três modalidades de financiamento, da seguinte for-

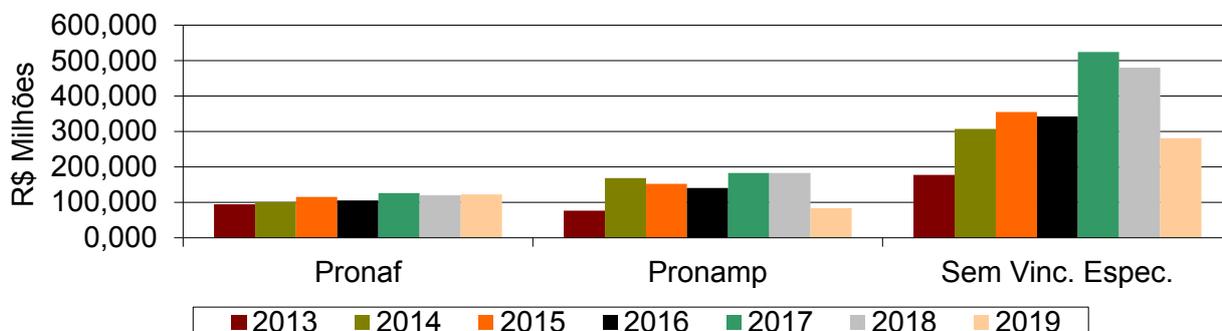


ma: R\$ 281,65 milhões na modalidade sem vínculo com programa específico, 58,6% menor que o aportado em janeiro de 2018, (R\$ 480,88 milhões), para o Pronaf foram aportados R\$ 122,08 milhões, 1,5% maior que o aportado em janeiro de 2018 (R\$ 120,22 milhões) e R\$ 83,73 milhões via Pronamp, 45,9% menor que o valor observado para

essa modalidade no mesmo período do ano anterior (R\$ 182,52 milhões).

Dessa maneira, verifica-se uma queda no financiamento total do custeio na cultura do milho, para a safra 2018/19.

**Gráfico 13 - Financiamento total – Por programa – Milho - Janeiro de 2013 a 2019**

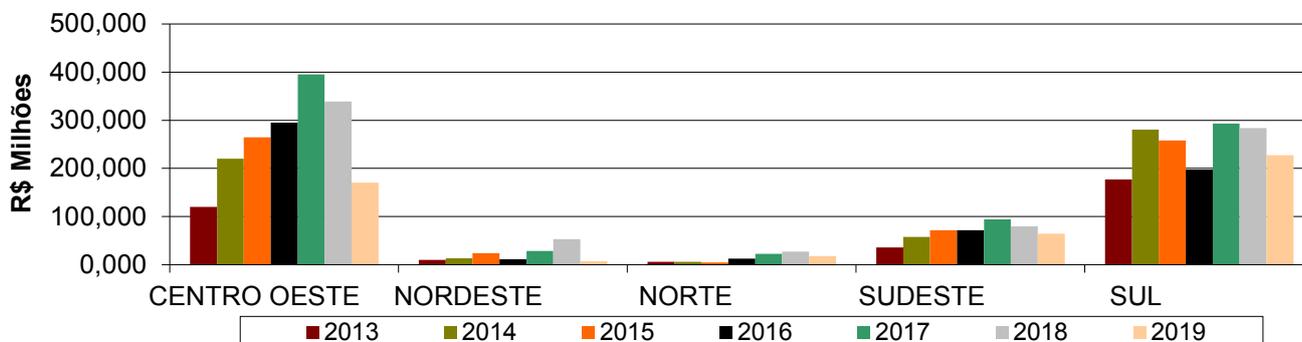


Fonte: Bacen.

Outro aspecto interessante de visualizar o aporte para essa cultura consiste na observação dos montantes financiados nas regiões brasileiras, com detalhe especial para as Regiões Centro-Oeste e Sul, que são os maiores produtores de milho, via modalidade oficial. Na maior região produtora de algodão, Centro-Oes-

te, foram aportados R\$ 170,63 milhões em janeiro de 2019, a metade do valor observado em janeiro de 2018. Já na Região Sul foram aportados R\$ 227,72 milhões, valor 20% menor que o aportado no mesmo período do ano imediatamente anterior.

**Gráfico 14 - Financiamento total acumulado – Milho – Regiões - Janeiro a janeiro de 2013 a 2019**



Fonte: Bacen.

Nesse ponto do trabalho apresentamos as informações relacionadas tanto ao financiamento de crédito oficial bancário como as demais formas de aporte.

Na Região Centro-Oeste, maior produtora de milho, observa-se o seguinte cenário: em Mato Grosso, o financiamento ocorre prioritariamente via Tradings, com as seguintes distribuição: 55% via Tradings, empresas e revendas; 35% por bancos e 10% por recursos próprios. Há de se ressaltar heterogeneidade no interior do estado, haja vista que nas porções sul e oeste do estado existe maior participação dos bancos, chegando a 50% do financiamento, por outro lado, no Médio Norte, Norte e Nordeste há maior concentração da atuação das tradings, empresas e revendas com 70%

de participação no montante total. Em Mato Grosso do Sul existe cenário semelhante onde 43% dos recursos são disponibilizados por fornecedores de insumos, instituições bancárias ofertam 36% dos recursos e 21% são oriundos de recursos próprios. É característica comum no estado a aquisição, por parte dos produtores, de mais de uma fonte de financiamento para o custeio das lavouras. Há uma composição de crédito advindo dos bancos, cooperativas e revendas de insumos.

No Sul do país observa-se o seguinte cenário no Paraná: há a participação de bancos públicos, predominantemente na disponibilização do crédito, existe também a participação de cooperativas de crédito e,



em alguns casos, essas atenderam os cooperados com troca por insumos e contrato de compra futura a preços determinados.

Na Região Norte, em específico para o estado de Roraima há o cenário a seguir para a cultura de milho segunda safra: 15% oriundos de recursos oficiais, principalmente o Banco da Amazônia e o Banco do Brasil,

outros 15% são recursos próprios dos produtores e 70% são provenientes de tradings e vendas. No estado do Tocantins a distribuição de recursos se dá da seguinte maneira, em relação a milho segunda safra: 50% junto às instituições bancárias, 40% juntos às tradings e lojas de insumos e 10% com recursos próprios do produtor.





## 6. ANÁLISE CLIMÁTICA<sup>1</sup> - INMET

### 6.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE JANEIRO

O primeiro mês do ano foi marcado pelo forte calor e pelo contraste na distribuição das chuvas, com excesso nos extremos Norte e Sul do país e deficit em todo o Centro-Norte. Durante quase todo o mês, as temperaturas máximas diárias – aquelas que ocorrem geralmente próximas ao final da tarde – atingiram patamares considerados elevados até mesmo para o verão tropical brasileiro. Essa combinação de baixa precipitação e temperaturas elevadas formaram condições desfavoráveis às atividades no campo em grande parte das áreas produtoras.

Na região do Matopiba, mesmo com acumulados, em geral abaixo da média, as chuvas foram mais regulares em Tocantins e no sul do Maranhão, com volumes acumulados entre 120 mm e 250 mm. Porém no sul do Piauí e no oeste baiano, as chuvas foram mais irregulares, resultando em acumulados – entre 40 mm e 100 mm – variando entre 40% e 70% abaixo da média histórica do período.

Na Região Sudeste apenas em algumas localidades no leste de São Paulo apresentaram chuvas dentro da faixa normal do mês. Nas demais localidades da região houve baixa frequência diária de precipitação e os volumes ficaram significativamente abaixo da média. Nesse sentido, destaca-se o centro-norte de Minas Gerais, onde as precipitações totalizaram menos de 50 mm, o que é consideravelmente abaixo da média histórica do período.

<sup>1</sup> Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília.

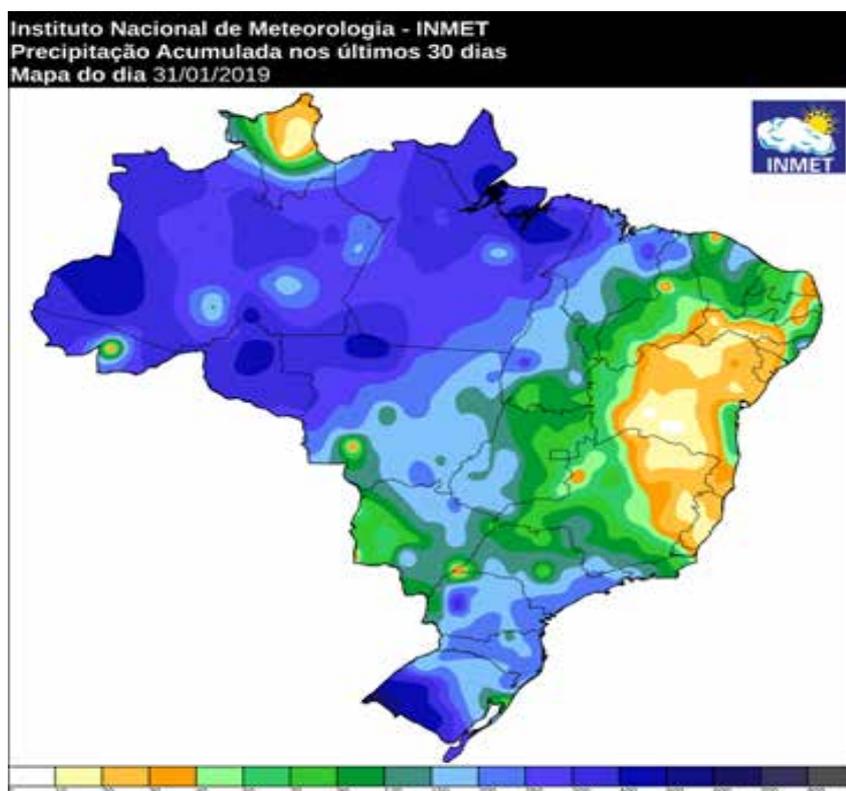
dessas localidades que é na faixa de 120 mm a 250 mm. Aliadas ao baixo índice pluviométrico, as temperaturas elevadas, em torno de 3 °C acima da média, favoreceram a redução da umidade do ar e o déficit hídrico no solo em grande parte da Região Sudeste.

Também na Região Centro-Oeste, predominaram áreas com precipitação inferior à média histórica. Exceção para o Mato Grosso, onde as chuvas foram mais regulares e dentro da faixa normal do período. Nos demais estados e no Distrito Federal, semelhantemente a dezembro de 2018, as chuvas ficaram abaixo da média histórica, com volumes na faixa entre 50 mm e 160 mm em janeiro (Fi-

gura 1), enquanto a climatologia do período varia entre 150 mm e 300 mm.

Contrastando com as demais regiões produtoras, a Região Sul apresentou excesso de precipitação durante janeiro. Em várias localidades do Paraná, as chuvas significativas ajudaram na recuperação hídrica do solo após um dezembro bastante seco em todo o estado. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, as chuvas ficaram acima da média. No sul do estado gaúcho foram registrados os maiores volumes acumulados da região, com mais de 600 mm em Uruguaiana.

**Figura 2 - Acumulado da precipitação pluviométrica em janeiro/2019 no Brasil**



Fonte: Inmet.

## 7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) de janeiro (Figura 2) mostra que a área do Pacífico Equatorial continuou coberta por anomalias positivas, mantendo a condição de El Niño, porém com um leve enfraquecimento em relação ao mês anterior. Essa condição também é percebida no gráfico diário de índice de El Niño/La Niña até o dia 4 de fevereiro (Figura 3). Observa-se que nos últimos 30 dias, o Pacífico Equatorial na área 3.4 (entre 170°W-120°W)

apresentou forte variação nas anomalias em torno de 0,5 °C, resultando em um enfraquecimento do fenômeno naquele período.

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5 °C e +0,5 °C.



Figura 3 - Mapa de anomalias da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período 1º a 15 de janeiro/2019

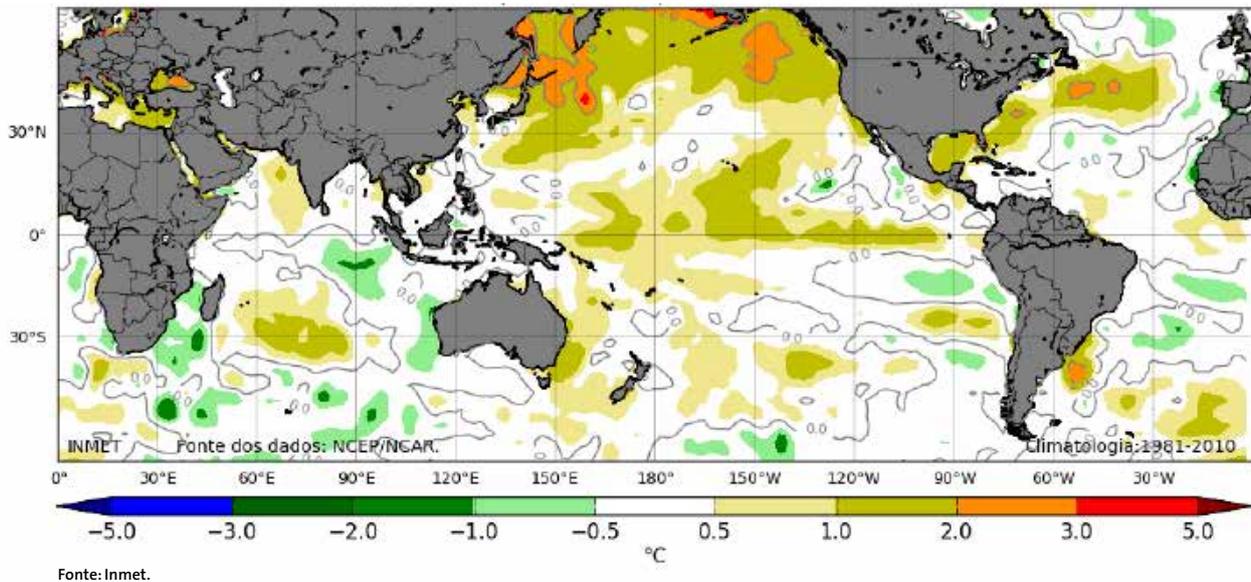
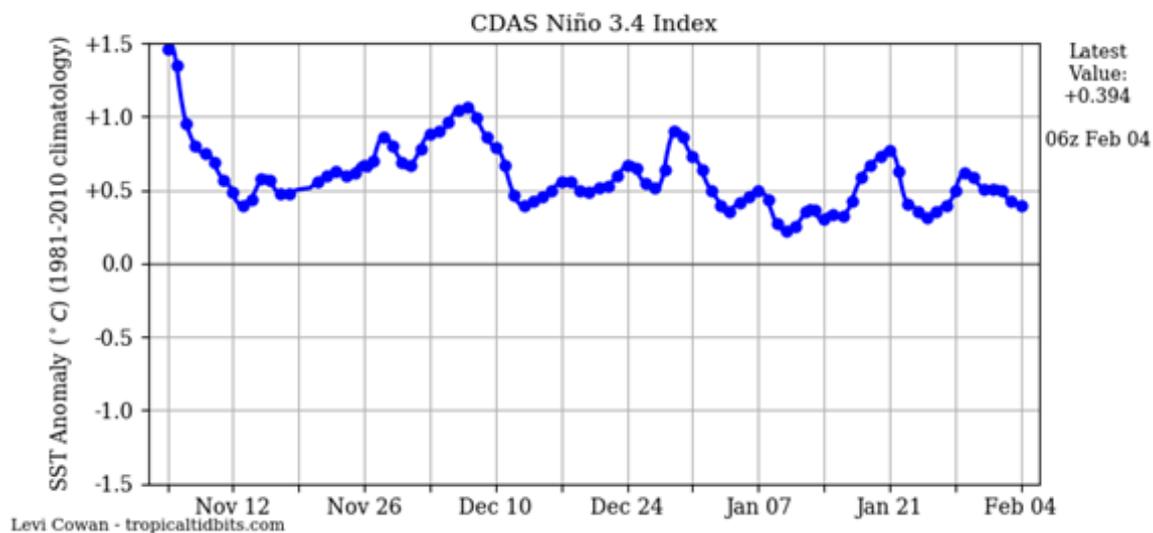


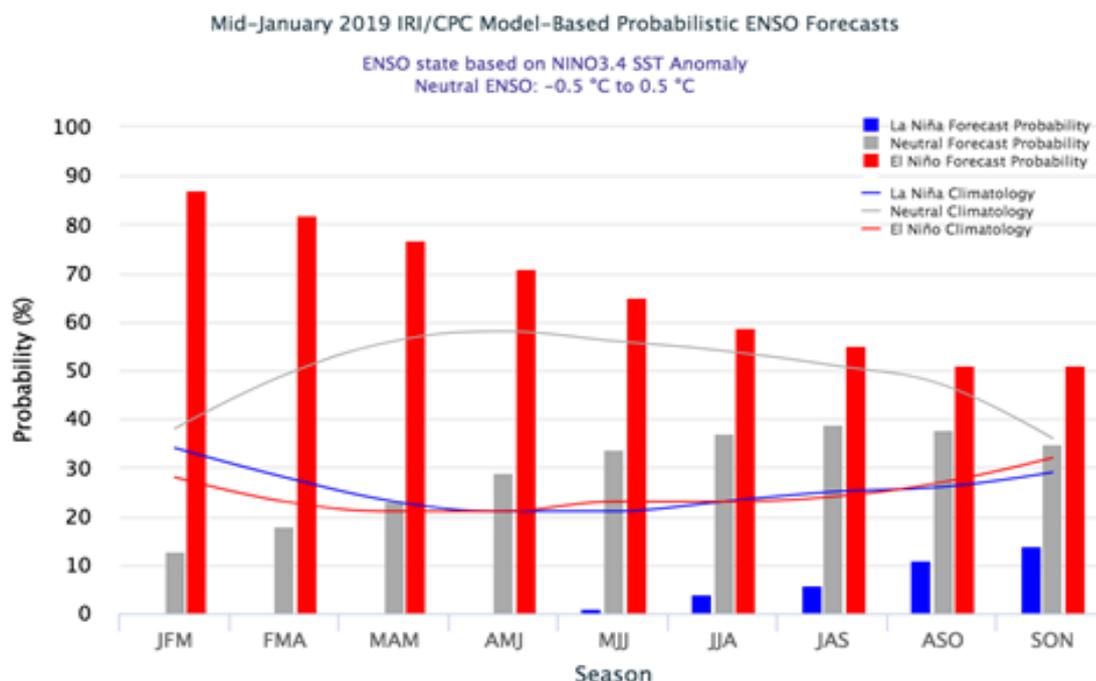
Gráfico 15- Gráfico de monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma probabilidade de mais de 70% de que o El Niño em curso poderá persistir até o inverno do

Hemisfério Sul (Figura 4). As análises atuais também indicam que o El Niño deve se manter na categoria de fraco nos próximos meses.

Gráfico 16 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

### 7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL/2019

Para a Região Sul, as previsões climáticas apontam para uma tendência de chuvas acima ou próximas à média do período (Figura 5). Contudo o início do trimestre deve ser marcado por chuvas mais irregulares na maior parte da região, resultando em baixos volumes acumulados.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão, de modo geral, apresenta uma tendência de chuvas dentro da faixa normal ou acima na maioria dos estados. Em parte de Minas Gerais e no Rio de Janeiro, há probabilidade de acumulados abaixo da média do trimestre.

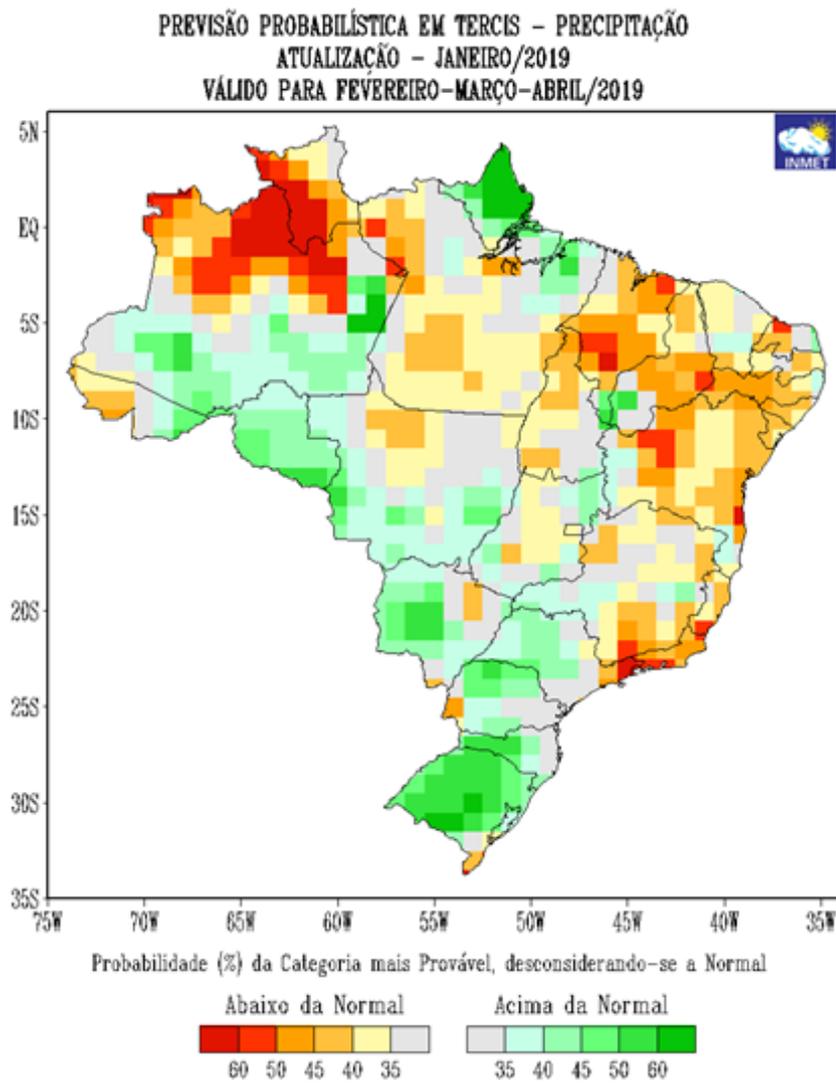
Na região do Matopiba, o prognóstico climático indica probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou acima na maioria das localidades mais centrais da região, enquanto outras áreas apresentam uma pro-

abilidade maior de desvio negativo das chuvas no trimestre (Figura 5). As primeiras semanas de fevereiro devem ser mais favoráveis à precipitação em algumas áreas que tiveram deficit de chuvas em janeiro, como por exemplo, o oeste baiano.

No Nordeste há uma probabilidade maior de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo, mas com anomalias positivas de chuva no centro-sul da região. Os maiores volumes podem ficar mais concentrados no início do trimestre, pois com o avanço do El Niño, as chances de chuvas mais irregulares tendem a aumentar, principalmente no centro-norte da região.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet ([www.inmet.gov.br](http://www.inmet.gov.br)).

Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre Jan-fev-mar/2019



Fonte: Inmet.



## 7. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

### 7.1. REGIÃO NORTE

#### 7.1.1. TOCANTIS

Janeiro foi marcado por chuvas regulares na zona central do estado, nas regiões de Caseara, Palmas e Porto Nacional, e chuvas esparsas e irregulares nos extremos. Existem regiões com mais de 20 dias sem precipitações significativas nos municípios de Peixe e Alvorada. No entanto nas áreas das várzeas, em janeiro houve uma certa regularidade das precipitações.

#### 7.1.2 PARÁ

Acerca do clima, a precipitação acumulada se mantém em níveis altos por todo o estado. Nas regiões sul e sudeste do estado, a precipitação acumulada dos últimos 30 dias está no intervalo de 150 a 400 mm de chuvas.

### 7.2. REGIÃO NORDESTE

#### 7.2.1. PIAUÍ

Após o aumento da intensidade das chuvas na primeira quinzena de dezembro, registrou-se um período de baixa precipitação que se prolongou até o período da realização deste levantamento. Registrou-se o acumulado de chuvas no cerrado piauiense de 440 mm de média, no entanto, em algumas regiões do sudo-

este piauiense, registrou-se veranicos de cerca de 30 dias. Na última semana de janeiro, na região de Uruçuí, Baixa Grande do Ribeiro e Santa Filomena, houve registros de chuvas, ocorrendo em forma de “mangas” localizadas. Nos municípios de Bom Jesus, Currais e

### **7.2.2. BAHIA**

No extremo-oeste registou-se cerca de 20 dias sem chuvas em janeiro, com significativa precipitação entre os veranicos. No centro-norte, centro-sul e vale do

### **7.2.2. MARANHÃO**

Algumas microrregiões da região sul do estado foram afetadas pela presença de veranicos que se estenderam por até 42 dias. Nos municípios das microrregiões de Itapecuru Mirim, Chapadinha e Baixo

Corrente, as chuvas com boa intensidade e abrangência retornaram a partir do final do mês. Na região norte do estado, em alguns municípios, as chuvas já estão próximas de 400 mm e no semiárido piauiense as chuvas já estão próximas de 170 mm, em média.

São Francisco, a estiagem é mais intensa, prolongando-se por mais de 40 dias.

Parnaíba Maranhense, as chuvas iniciaram no fim de novembro, antes do previsto, com precipitação acumulada nos últimos 30 dias, atingindo entre 150 e 250 mm.

## **7.3. REGIÃO CENTRO-OESTE**

### **7.3.1. MATO GROSSO**

Registrou-se, de maneira não generalizada, irregularidades de chuvas e veranicos.

### **7.3.2. MATO GROSSO DO SUL**

Em janeiro, as chuvas ocorreram de acordo com a normal climatológica em Maracaju, porém muito esparsas. Além disso, as temperaturas máxima e mínima foram muito elevadas, acima da normal climatológica.

Na região sul, próximas ao Paraguai e Paraná, o acumulado de precipitação para janeiro nos municípios de Itaquiraí, Eldorado e Mundo Novo, foram de 160,92 e 92 mm, respectivamente.

### **7.3.3. DISTRITO FEDERAL**

Em janeiro de 2019, o clima foi quente e seco no Distrito Federal. Nos primeiros 21 dias de janeiro, conforme o Inmet, foi registrado 60 mm de chuva, o que representa apenas 39% da média de chuva para este mês, que é de 209 mm.

A média das temperaturas máximas registradas entre 1º a 21 de janeiro foi de 28,3 °C e está 1,8 °C acima da média climatológica, que é de 26,5 °C.

## **7.4. REGIÃO SUDESTE**

### **7.4.1. MINAS GERAIS**

Em janeiro as precipitações se apresentaram aquém do esperado, esparsas e com má distribuição.

### **7.4.1. SÃO PAULO**

As condições climáticas têm se tornado deficitárias desde o início de janeiro, principalmente nas regiões ao norte e noroeste do estado, que apresentou um baixo volume de chuvas e altas temperaturas nas últimas semanas do mês.

Nas regiões oeste e sudoeste do estado, o clima tem se mostrado mais satisfatório, onde as chuvas têm ocorrido com maior frequência

## 7.5. REGIÃO SUL

### 7.5.1. RIO GRANDE DO SUL

Janeiro apresentou o predomínio do ar quente e úmido, mantendo as temperaturas elevadas (35 °C a 40 °C), com ocorrência de pancadas isoladas de chuvas, típicas de verão, sobre todo o estado. Na primeira semana do corrente mês, os volumes de chuva acumulados oscilaram entre 10 mm e 20 mm em grande parte da metade norte do estado. No restante do estado os valores variaram de 25 mm a 40 mm na maioria dos municípios. A temperatura mínima da semana foi registrada no dia 28 dezembro em Cambará do Sul (13,5 °C) e a máxima ocorreu em Campo Bom (40,2 °C) no dia 2 de janeiro.

Na segunda semana, a presença de frente fria, entre a Argentina e o Uruguai, provocou chuva forte, com altos volumes acumulados na metade sul do estado. Os totais de chuva registrados oscilaram

entre 20 mm e 50 mm no nordeste do estado. Na Campanha, Fronteira Oeste e parte da região central os valores variaram de 150 mm a 200 mm (São Vicente do Sul, Santiago, Bagé, São Gabriel e Hulha Negra) ultrapassaram 300 mm em alguns municípios (Alegrete e Uruguaiana). A temperatura mínima da semana foi registrada em Santa Vitória do Palmar (12,1 °C) no dia 4 de janeiro e a máxima ocorreu em Maquiné (37,2 °C) no dia 8 de janeiro.

Na terceira semana novamente ocorreram chuvas fortes, com valores elevados em algumas regiões do estado, os volumes de precipitação superaram 100 mm. A temperatura mínima ocorreu no dia 11 de janeiro em São José dos Ausentes (15,1 °C) e a máxima da semana foi observada em Campo Bom (37,3 °C) no dia 15 de janeiro.

### 7.5.2. PARANÁ

As condições de clima estão mais favoráveis atualmente devido ao retorno das chuvas, alternadas com períodos de calor.



## 8. ANÁLISE DAS CULTURAS

## 8.1 CULTURAS DE VERÃO

### 8.1.1. ALGODÃO

A expectativa para a safra 2018/19 é de incremento na área destinada à cotonicultura nacional, com estimativa de crescimento de 33% em comparação aos 1.174,7 mil hectares cultivados na temporada passada. A cultura passa, na maioria dos estados, por uma adequação do período de plantio, aproveitando as chuvas necessárias ao desenvolvimento da planta e, na época da colheita, a coincidência com o clima seco, ideal para a obtenção da pluma de boa qualidade.

A Região Norte deverá cultivar 13,9 mil hectares de algodão, apresentando incremento de 82,9% em relação ao observado no exercício passado.

Em Roraima, parte da previsão de plantio para essa safra já foi cultivada, com a semeadura de aproximadamente 1,2 mil hectares a partir de novembro de 2018, utilizando-se de um sistema de produção irrigado. Tais lavouras já se encontram em fase de maturação e a expectativa é de início de colheita entre fevereiro e março. No entanto o estado ainda tem projeção de um segundo plantio dentro dessa safra, e a estimativa de área total é de 6 mil hectares, representando um aumento de 25% em relação à área cultivada em 2017/18.

Em Rondônia, a produção de algodão é concentrada na região de Vilhena e a projeção nessa safra é de manutenção da área utilizada em 2017/18, sendo de 4,5 mil hectares. A finalização da semeadura ocorreu na última semana de janeiro e as lavouras estão basicamente em estágio inicial de desenvolvimento vegetativo.

O material genético utilizado tem ciclo entre 180 a 190 dias e é considerado rústico, permitindo densidades de plantio entre 95 a 100 mil plantas por hectare. Apresenta dupla tolerância a herbicidas e dupla proteína Bt contra as principais lagartas, resistente à virose (doença azul).

Em Tocantins, o plantio se encontra praticamente finalizado, com estimativa de aumento de área cultivada em comparação à temporada anterior. São previstos 3,4 mil hectares destinados à cotonicultura no estado, sinalizando crescimento de 20,4% em relação a 2017/18. Até o momento as condições climáticas são consideradas favoráveis ao desenvolvimento da cultura e as lavouras, em sua maioria, encontram-se em estágio vegetativo. O aumento de área é justificado pela boa expectativa de mercado com relação aos preços internos e para exportação.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a expectativa é que também ocorra incremento na área plantada, atingindo 377,2 mil hectares, representando 27,8% acima do registrado na temporada passada.

No Piauí, a projeção é mais do que dobrar a área cultivada de algodão obtida em 2017/18, saindo assim de 7,2 mil hectares para 15,6 mil hectares nessa safra. Esse incremento está relacionado a um ganho estrutural, à reativação de uma empresa produtora e beneficiadora de algodão e a fatores de mercado como a melhora nas cotações da pluma no mercado.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 332 mil hectares, representando incremento na área cultivada de 25,9%. O plantio está distribuído pelo centro-sul, vale do São Francisco e extremo-oeste do estado. As lavouras que seriam estabelecidas em condição de sequeiro já foram completamente implantadas, atingindo cerca de 292 mil hectares. Espera-se para fevereiro de 2019 o plantio de mais 40 mil hectares, em áreas irrigadas, após a colheita da soja.

No Maranhão, a semeadura de algodão para essa safra está finalizada, com a destinação de 27,6 mil hectares, representando incremento de 23,8% em relação a 2017/18. O crédito de custeio da produção de algodão no estado é oriundo do próprio capital das empresas produtoras e a produção é 80% direcionada ao mercado internacional.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está previsto crescimento na área plantada de aproximadamente 33,5%, quando comparada ao exercício anterior.

Em Mato Grosso, impulsionado pelo aquecimento do mercado da pluma nos últimos anos, a expectativa de aumento de área vem se confirmando. Projeta-se cultivo de 1.049,3 mil hectares no ciclo 2018/19, ante os 777,8 mil hectares na safra passada. A rentabilidade da pluma tem atraído produtores rurais para essa cultura em detrimento de outras, menos favoráveis financeiramente. Cerca de 70% de toda essa área estimada para a produção do grão já foi semeada.

Em Mato Grosso do Sul, a expectativa de área plantada com a cultura no estado é de 34 mil hectares, considerando 28,9 mil hectares lavouras de primeira safra e 5,1 mil hectares como segunda safra. Atualmente a estiagem tem sido a maior preocupação por parte dos produtores, pois em dezembro houve registro de período crítico sem ocorrência de precipitações. Contudo, até o momento, não há relatos de perdas no rendimento da cultura, pois o sistema radicular pivotante proporciona uma melhor exploração do perfil do solo em busca de água, além do manejo adequado de incremento de matéria orgânica e correção química do perfil por parte dos produtores.

Em Goiás, o plantio da cultura está praticamente finalizado, com a destinação de 39,7 mil hectares à produção de



algodão nessa safra. Esse valor simboliza incremento na ordem de 20,3% em relação à área plantada em 2017/18.

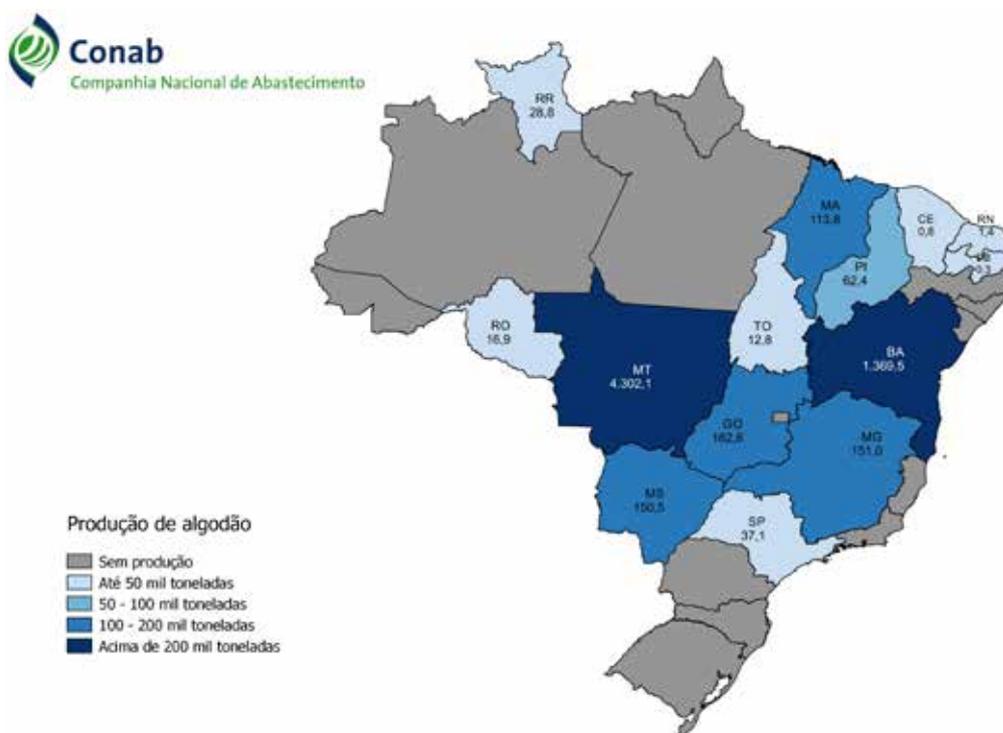
Na Região Sudeste, a área de cultivo de algodão demonstra crescimento de 58,6% em relação à temporada passada, saindo de 30,7 mil hectares para 48,7 mil hectares.

Em Minas Gerais, a área de plantio estimada para essa safra é de 39,4 mil hectares, representando incremento de 57,6% em relação ao exercício passado. O aumento é decorrente dos excelentes resultados na safra anterior, além das expectativas promissoras para o mercado do algodão. Aproximadamente 60% dessa área já foi semeada e o restante tem previsão de início para fevereiro, devendo se

encerrar até março.

Em São Paulo, a lavoura de algodão, nessa safra, apresenta acréscimo de área considerável, atingindo aumento de 63,1% em relação à temporada passada, alcançando assim 9,3 mil hectares em 2018/19. Foi verificado uma retomada da área de produtos concorrentes, em decorrência da boa comercialização e da positiva reação do câmbio. As lavouras, em sua grande maioria, já se encontram em fase de floração e frutificação. Em virtude das boas condições climáticas há expectativa de ser alcançado boas produtividades, estimando-se incremento de 4,8% em relação ao ciclo anterior. A colheita está prevista acontecer a partir de abril.

**Figura 5 - Mapa da produção agrícola - Algodão**



Fonte: Conab/IBGE.



## Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

## Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>7,6</b>	<b>13,9</b>	<b>82,9</b>	<b>4.034</b>	<b>4.203</b>	<b>4,2</b>	<b>30,7</b>	<b>58,5</b>	<b>90,6</b>
RR	4,8	6,0	25,0	4.200	4.800	14,3	20,2	28,8	42,6
RO	-	4,5	-	-	3.750	-	-	16,9	-
TO	2,8	3,4	20,4	3.750	3.750	-	10,5	12,8	21,9
<b>NORDESTE</b>	<b>295,2</b>	<b>377,2</b>	<b>27,8</b>	<b>4.620</b>	<b>4.104</b>	<b>(11,2)</b>	<b>1.363,7</b>	<b>1.548,2</b>	<b>13,5</b>
MA	22,3	27,6	23,8	3.913	4.122	5,3	87,3	113,8	30,4
PI	7,2	15,6	116,8	3.850	4.000	3,9	27,7	62,4	125,3
CE	1,2	1,2	-	817	625	(23,5)	1,0	0,8	(20,0)
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,5	0,5	-	894	669	(25,2)	0,4	0,3	(25,0)
BA	263,7	332,0	25,9	4.725	4.125	(12,7)	1.246,0	1.369,5	9,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>841,2</b>	<b>1.123,0</b>	<b>33,5</b>	<b>4.158</b>	<b>4.110</b>	<b>(1,2)</b>	<b>3.497,6</b>	<b>4.615,4</b>	<b>32,0</b>
MT	777,8	1.049,3	34,9	4.147	4.100	(1,1)	3.225,5	4.302,1	33,4
MS	30,4	34,0	11,8	4.500	4.425	(1,7)	136,8	150,5	10,0
GO	33,0	39,7	20,3	4.100	4.100	-	135,3	162,8	20,3
<b>SUDESTE</b>	<b>30,7</b>	<b>48,7</b>	<b>58,6</b>	<b>3.935</b>	<b>3.861</b>	<b>(1,9)</b>	<b>120,9</b>	<b>188,1</b>	<b>55,6</b>
MG	25,0	39,4	57,6	3.966	3.832	(3,4)	99,2	151,0	52,2
SP	5,7	9,3	63,1	3.801	3.984	4,8	21,7	37,1	71,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>302,8</b>	<b>391,1</b>	<b>29,2</b>	<b>4.605</b>	<b>4.108</b>	<b>(10,8)</b>	<b>1.394,4</b>	<b>1.606,7</b>	<b>15,2</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>871,9</b>	<b>1.171,7</b>	<b>34,4</b>	<b>4.150</b>	<b>4.099</b>	<b>(1,2)</b>	<b>3.618,5</b>	<b>4.803,5</b>	<b>32,7</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.174,7</b>	<b>1.562,8</b>	<b>33,0</b>	<b>4.267</b>	<b>4.102</b>	<b>(3,9)</b>	<b>5.012,9</b>	<b>6.410,2</b>	<b>27,9</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



**Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>7,6</b>	<b>13,9</b>	<b>82,9</b>	<b>1.561</b>	<b>1.616</b>	<b>3,5</b>	<b>11,9</b>	<b>22,4</b>	<b>88,2</b>
RR	4,8	6,0	25,0	1.596	1.824	14,3	7,7	10,9	41,6
RO	-	4,5	-	-	1.425	-	-	6,4	-
TO	2,8	3,4	20,4	1.500	1.500	-	4,2	5,1	21,4
<b>NORDESTE</b>	<b>295,2</b>	<b>377,2</b>	<b>27,8</b>	<b>1.850</b>	<b>1.646</b>	<b>(11,0)</b>	<b>546,2</b>	<b>621,0</b>	<b>13,7</b>
MA	22,3	27,6	23,8	1.565	1.649	5,3	34,9	45,5	30,4
PI	7,2	15,6	116,8	1.656	1.720	3,9	11,9	26,8	125,2
CE	1,2	1,2	-	286	219	(23,5)	0,3	0,3	-
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,5	0,5	-	322	241	(25,2)	0,2	0,1	(50,0)
BA	263,7	332,0	25,9	1.890	1.650	(12,7)	498,4	547,8	9,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>841,2</b>	<b>1.123,0</b>	<b>33,5</b>	<b>1.664</b>	<b>1.644</b>	<b>(1,2)</b>	<b>1.399,6</b>	<b>1.846,7</b>	<b>31,9</b>
MT	777,8	1.049,3	34,9	1.659	1.640	(1,1)	1.290,2	1.720,9	33,4
MS	30,4	34,0	11,8	1.845	1.814	(1,7)	56,1	61,7	10,0
GO	33,0	39,7	20,3	1.615	1.615	-	53,3	64,1	20,3
<b>SUDESTE</b>	<b>30,7</b>	<b>48,7</b>	<b>58,6</b>	<b>1.567</b>	<b>1.537</b>	<b>(1,9)</b>	<b>48,1</b>	<b>74,8</b>	<b>55,5</b>
MG	25,0	39,4	57,6	1.586	1.533	(3,4)	39,7	60,4	52,1
SP	5,7	9,3	63,1	1.482	1.554	4,8	8,4	14,4	71,4
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>302,8</b>	<b>391,1</b>	<b>29,2</b>	<b>1.843</b>	<b>1.645</b>	<b>(10,7)</b>	<b>558,1</b>	<b>643,4</b>	<b>15,3</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>871,9</b>	<b>1.171,7</b>	<b>34,4</b>	<b>1.660</b>	<b>1.640</b>	<b>(1,2)</b>	<b>1.447,7</b>	<b>1.921,5</b>	<b>32,7</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.174,7</b>	<b>1.562,8</b>	<b>33,0</b>	<b>1.708</b>	<b>1.641</b>	<b>(3,9)</b>	<b>2.005,8</b>	<b>2.564,9</b>	<b>27,9</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

**Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>7,6</b>	<b>13,9</b>	<b>82,9</b>	<b>2.474</b>	<b>2.588</b>	<b>4,6</b>	<b>18,8</b>	<b>36,1</b>	<b>92,0</b>
RR	4,8	6,0	25,0	2.604	2.976	14,3	12,5	17,9	43,2
RO	-	4,5	-	-	2.325	-	-	10,5	-
TO	2,8	3,4	20,4	2.250	2.250	-	6,3	7,7	22,2
<b>NORDESTE</b>	<b>295,2</b>	<b>377,2</b>	<b>27,8</b>	<b>2.769</b>	<b>2.458</b>	<b>(11,2)</b>	<b>817,5</b>	<b>927,2</b>	<b>13,4</b>
MA	22,3	27,6	23,8	2.348	2.473	5,3	52,4	68,3	30,3
PI	7,2	15,6	116,8	2.195	2.280	3,9	15,8	35,6	125,3
CE	1,2	1,2	-	531	406	(23,5)	0,7	0,5	(28,6)
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,5	0,5	-	572	428	(25,2)	0,2	0,2	-
BA	263,7	332,0	25,9	2.835	2.475	(12,7)	747,6	821,7	9,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>841,2</b>	<b>1.123,0</b>	<b>33,5</b>	<b>2.494</b>	<b>2.465</b>	<b>(1,1)</b>	<b>2.098,0</b>	<b>2.768,7</b>	<b>32,0</b>
MT	777,8	1.049,3	34,9	2.488	2.460	(1,1)	1.935,3	2.581,2	33,4
MS	30,4	34,0	11,8	2.655	2.611	(1,7)	80,7	88,8	10,0
GO	33,0	39,7	20,3	2.485	2.485	-	82,0	98,7	20,4
<b>SUDESTE</b>	<b>30,7</b>	<b>48,7</b>	<b>58,6</b>	<b>2.368</b>	<b>2.324</b>	<b>(1,9)</b>	<b>72,8</b>	<b>113,3</b>	<b>55,6</b>
MG	25,0	39,4	57,6	2.380	2.299	(3,4)	59,5	90,6	52,3
SP	5,7	9,3	63,1	2.319	2.430	4,8	13,3	22,7	70,7
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>302,8</b>	<b>391,1</b>	<b>29,2</b>	<b>2.762</b>	<b>2.462</b>	<b>(10,8)</b>	<b>836,3</b>	<b>963,3</b>	<b>15,2</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>871,9</b>	<b>1.171,7</b>	<b>34,4</b>	<b>2.490</b>	<b>2.460</b>	<b>(1,2)</b>	<b>2.170,8</b>	<b>2.882,0</b>	<b>32,8</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.174,7</b>	<b>1.562,8</b>	<b>33,0</b>	<b>2.560</b>	<b>2.460</b>	<b>(3,9)</b>	<b>3.007,1</b>	<b>3.845,3</b>	<b>27,9</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



**Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento**

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA			Safr 17/18	Safr 18/19	VAR. %
	Safr 17/18	Safr 18/19	VAR. %	Safr 17/18	Safr 18/19	VAR. %			
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)	
<b>NORTE</b>	<b>30,7</b>	<b>58,5</b>	<b>90,6</b>	<b>11,9</b>	<b>22,4</b>	<b>88,2</b>	<b>38,7</b>	<b>38,4</b>	<b>(0,8)</b>
RR	20,2	28,8	42,6	7,7	10,9	41,6	38,0	38,0	-
R0	20,2	28,8	42,6	7,7	10,9	41,6	38,0	38,0	-
TO	10,5	12,8	21,9	4,2	5,1	21,4	40,0	40,0	-
<b>NORDESTE</b>	<b>1.363,7</b>	<b>1.548,2</b>	<b>13,5</b>	<b>546,2</b>	<b>621,0</b>	<b>13,7</b>	<b>40,1</b>	<b>40,1</b>	-
MA	87,3	113,8	30,4	34,9	45,5	30,4	40,0	40,0	-
PI	27,7	62,4	125,3	11,9	26,8	125,2	43,0	43,0	-
CE	1,0	0,8	(20,0)	0,3	0,3	-	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,4	0,3	(25,0)	0,2	0,1	(50,0)	36,0	36,0	-
BA	1.246,0	1.369,5	9,9	498,4	547,8	9,9	40,0	40,0	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>3.497,6</b>	<b>4.615,4</b>	<b>32,0</b>	<b>1.399,6</b>	<b>1.846,7</b>	<b>31,9</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	-
MT	3.225,5	4.302,1	33,4	1.290,2	1.720,9	33,4	40,0	40,0	-
MS	136,8	150,5	10,0	56,1	61,7	10,0	41,0	41,0	-
GO	135,3	162,8	20,3	53,3	64,1	20,3	39,4	39,4	-
<b>SUDESTE</b>	<b>120,9</b>	<b>188,1</b>	<b>55,6</b>	<b>48,1</b>	<b>74,8</b>	<b>55,5</b>	<b>39,8</b>	<b>39,8</b>	-
MG	99,2	151,0	52,2	39,7	60,4	52,1	40,0	40,0	-
SP	21,7	37,1	71,0	8,4	14,4	71,4	39,0	39,0	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.394,4</b>	<b>1.606,7</b>	<b>15,2</b>	<b>558,1</b>	<b>643,4</b>	<b>15,3</b>	<b>40,0</b>	<b>40,1</b>	<b>0,2</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>3.618,5</b>	<b>4.803,5</b>	<b>32,7</b>	<b>1.447,7</b>	<b>1.921,5</b>	<b>32,7</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	-
<b>BRASIL</b>	<b>5.012,9</b>	<b>6.410,2</b>	<b>27,9</b>	<b>2.005,8</b>	<b>2.564,9</b>	<b>27,9</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

## 8.1.2. AMENDOIM

### 8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A área de plantio de amendoim primeira safra, na temporada 2018/19, deverá ter incremento de 7,3% quando comparada com a temporada passada. Esse aumento de área se dá, principalmente, em áreas de renovação de lavouras de cana-de-açúcar.

Em Tocantins, o plantio está finalizado, uma vez que as lavouras se encontram com bom desenvolvimento vegetativo. A falta de chuvas no período da emergência pode comprometer o bom desempenho da cultura.

A área de plantio do amendoim está estimada em 0,4 mil hectares, incremento de 16,7% em relação à safra 2017/18, produtividade de 3.785 kg/ha, redução de 0,1% em relação à safra anterior e aumento na produção de 36,4% em relação à 2017/18.

Em Minas Gerais, a área de plantio de amendoim está estimada em 1,3 mil hectares, sinalizando expectativa de uma redução de área provocada pelo desinteresse pelo plantio na principal região produtora do estado. De modo geral, os plantios para fins comerciais estão concentrados na região do Triângulo Mineiro, onde as lavouras são conduzidas com alta tecnologia e uso de sementes de boa qualidade, resultando em uma produtividade de 3.000 a 4.250 kg/ha. Já nas demais regiões do estado

predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas praticamente sem uso de tecnologia e com baixas produtividades, muitas vezes inferior a 1.000 kg/ha. O plantio foi concluído em dezembro. Lavouras estão em fase de frutificação.

Em São Paulo é bastante conhecida a concentração desta leguminosa, e a implantação de novas tecnologias, geradas por instituições de pesquisas, é a explicação para que isso tenha ocorrido nos últimos anos.

Em parceria com produtores e indústrias, os órgãos de pesquisa agropecuária mapearam e validaram sistemas produtivos em que o cultivo é feito em rotação de culturas, principalmente cana e soja, com cultivares de porte rasteiro e contando com mecanização nas operações de plantio e colheita, o que vem proporcionando uma maior produtividade.

No estado paulista essas tecnologias obtiveram êxito mais rapidamente. Existem em São Paulo áreas agrícolas apropriadas para o plantio de amendoim, em especial as regiões conhecidas como Alta Paulista e Alta Mogiana, ocupadas por cidades como Tupã, Marília, Dumont, Ribeirão Preto, Jaboticabal e Sertãozinho, onde a produção é maior em quantidade. Há algum tempo que parceria



entre a cana-de-açúcar e o amendoim se estabeleceu no estado paulista.

O amendoim primeira safra em São Paulo apresenta crescimento de área de 6% e redução de 5,1% na produtividade.

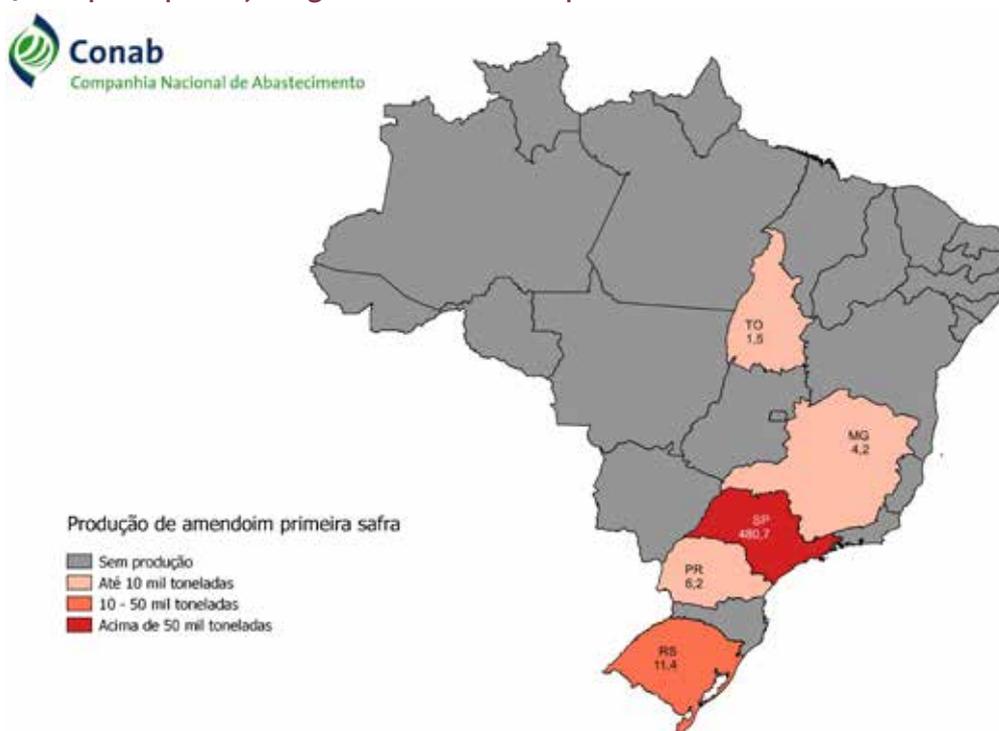
No Paraná, mais da metade da área é de subsistência. A colheita já se iniciou no norte do estado e se estenderá até março. A queda na produtividade em relação ao mês anterior é sutil, haja vista que a maior parte se encontra em frutificação, e as lavouras são consideradas em boas condições

**Figura 6 - Amendoim em rotação com cana-de-açúcar - Sertãozinho/SP**



Fonte: Conab.

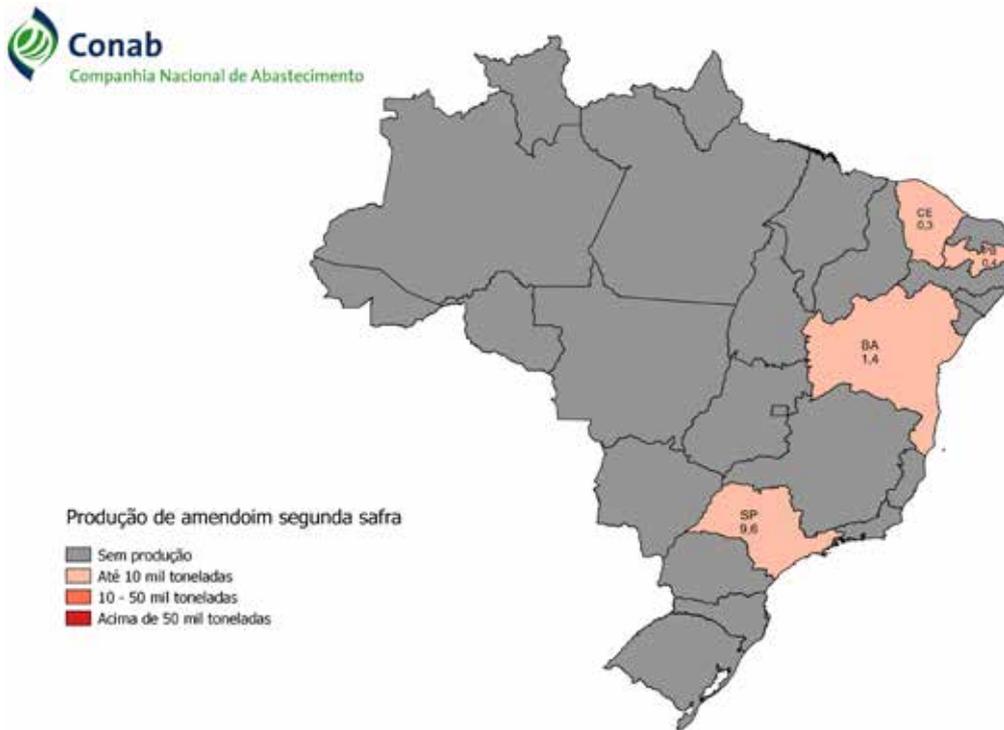
**Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra**



Fonte: Conab.

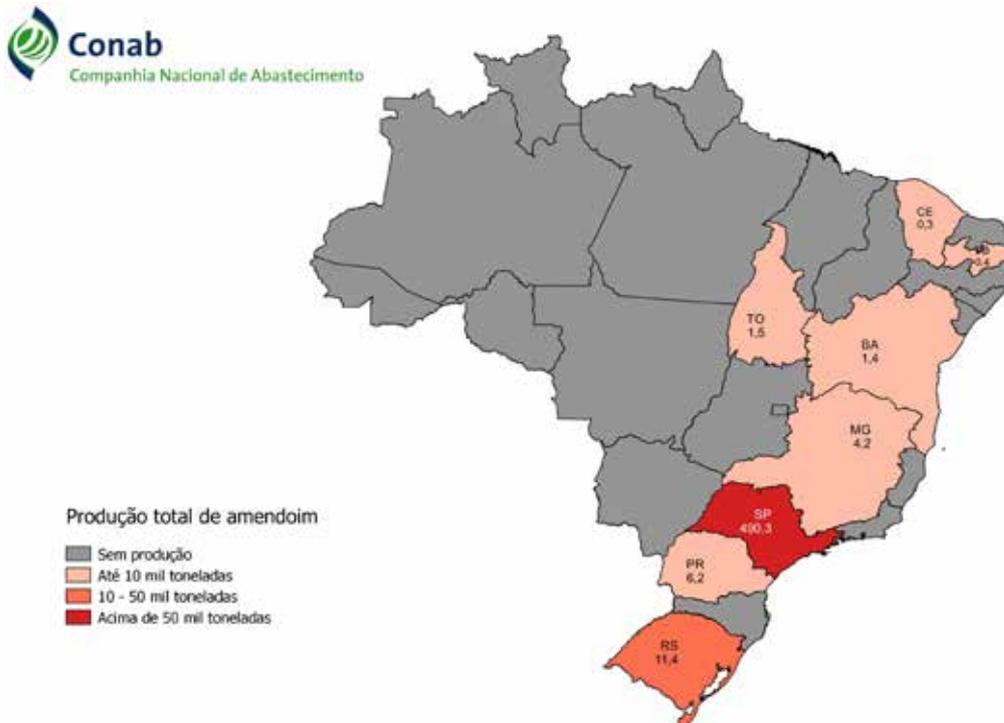


Figura 8- Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab.

Figura 9 - Mapa da produção agrícola - Amendoim total



Fonte: Conab.



## Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C				
	Araraquara		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C				
	Assis		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C				
	Bauru		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C				
	Marília		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

## Tabela 8 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,3</b>	<b>0,4</b>	<b>33,3</b>	<b>3.787</b>	<b>3.785</b>	<b>(0,1)</b>	<b>1,1</b>	<b>1,5</b>	<b>36,4</b>
TO	0,3	0,4	16,7	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,5	36,4
<b>SUDESTE</b>	<b>127,0</b>	<b>133,5</b>	<b>5,1</b>	<b>3.825</b>	<b>3.632</b>	<b>(5,1)</b>	<b>485,8</b>	<b>484,9</b>	<b>(0,2)</b>
MG	2,3	1,3	(41,8)	3.527	3.249	(7,9)	8,1	4,2	(48,1)
SP	124,7	132,2	6,0	3.831	3.636	(5,1)	477,7	480,7	0,6
<b>SUL</b>	<b>5,1</b>	<b>5,5</b>	<b>7,8</b>	<b>3.120</b>	<b>3.199</b>	<b>2,5</b>	<b>15,9</b>	<b>17,6</b>	<b>10,7</b>
PR	1,5	2,1	40,0	2.747	2.929	6,6	4,1	6,2	51,2
RS	3,4	3,4	-	3.276	3.365	2,7	11,8	11,4	(3,4)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>0,3</b>	<b>0,4</b>	<b>33,3</b>	<b>-</b>	<b>3.785</b>	<b>-</b>	<b>1,1</b>	<b>1,5</b>	<b>36,4</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>132,1</b>	<b>139,0</b>	<b>5,2</b>	<b>3.798</b>	<b>3.615</b>	<b>(4,8)</b>	<b>501,7</b>	<b>502,5</b>	<b>0,2</b>
<b>BRASIL</b>	<b>132,1</b>	<b>139,4</b>	<b>5,5</b>	<b>3.798</b>	<b>3.616</b>	<b>(4,8)</b>	<b>502,8</b>	<b>504,0</b>	<b>0,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

## Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>2,2</b>	<b>2,2</b>	<b>-</b>	<b>995</b>	<b>956</b>	<b>(3,9)</b>	<b>2,2</b>	<b>2,1</b>	<b>(4,5)</b>
CE	0,3	0,3	-	1.285	930	(27,6)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	922	954	3,5	0,4	0,4	-
SE	-	-	-	-	1.430	-	-	-	-
BA	1,5	1,5	-	957	962	0,5	1,4	1,4	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>SUDESTE</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>	<b>-</b>	<b>1.676</b>	<b>2.456</b>	<b>46,5</b>	<b>6,4</b>	<b>9,6</b>	<b>50,0</b>
SP	3,9	3,9	-	1.640	2.456	49,8	6,4	9,6	50,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>2,2</b>	<b>(12,0)</b>	<b>1.330</b>	<b>956</b>	<b>(28,1)</b>	<b>2,2</b>	<b>2,1</b>	<b>(4,5)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>	<b>-</b>	<b>1.676</b>	<b>2.456</b>	<b>46,5</b>	<b>6,4</b>	<b>9,6</b>	<b>50,0</b>
<b>BRASIL</b>	<b>6,4</b>	<b>6,1</b>	<b>(4,7)</b>	<b>1.541</b>	<b>1.915</b>	<b>24,3</b>	<b>8,6</b>	<b>11,7</b>	<b>36,0</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



**Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,3</b>	<b>0,4</b>	<b>33,3</b>	<b>4.800</b>	<b>3.785</b>	<b>(21,1)</b>	<b>1,1</b>	<b>1,5</b>	<b>36,4</b>
TO	0,3	0,4	33,3	4.800	3.785	(21,1)	1,1	1,5	36,4
<b>NORDESTE</b>	<b>2,2</b>	<b>2,2</b>	<b>-</b>	<b>1.801</b>	<b>956</b>	<b>(46,9)</b>	<b>2,2</b>	<b>2,1</b>	<b>(4,5)</b>
CE	0,3	0,3	-	1.269	930	(26,7)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	985	954	(3,1)	0,4	0,4	-
SE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BA	1,5	1,5	-	942	962	2,1	1,4	1,4	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
MS	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>SUDESTE</b>	<b>130,9</b>	<b>137,4</b>	<b>5,0</b>	<b>3.298</b>	<b>3.599</b>	<b>9,1</b>	<b>492,2</b>	<b>494,5</b>	<b>0,5</b>
MG	2,3	1,3	(43,5)	4.087	3.249	(20,5)	8,1	4,2	(48,1)
SP	128,6	136,1	5,8	3.284	3.602	9,7	484,1	490,3	1,3
<b>SUL</b>	<b>4,9</b>	<b>5,5</b>	<b>12,2</b>	<b>3.799</b>	<b>3.199</b>	<b>(15,8)</b>	<b>15,9</b>	<b>17,6</b>	<b>10,7</b>
PR	1,5	2,1	40,0	4.541	2.929	(35,5)	4,1	6,2	51,2
RS	3,4	3,4	-	3.471	3.365	(3,1)	11,8	11,4	(3,4)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>2,6</b>	<b>4,0</b>	<b>2.161</b>	<b>1.391</b>	<b>(35,6)</b>	<b>3,3</b>	<b>3,6</b>	<b>9,1</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>135,8</b>	<b>142,9</b>	<b>5,2</b>	<b>3.393</b>	<b>3.583</b>	<b>5,6</b>	<b>508,1</b>	<b>512,1</b>	<b>0,8</b>
<b>BRASIL</b>	<b>138,3</b>	<b>145,5</b>	<b>5,2</b>	<b>3.698</b>	<b>3.544</b>	<b>(4,2)</b>	<b>511,4</b>	<b>515,7</b>	<b>0,8</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

### 8.1.3. ARROZ

A safra 2018/19 apresenta estimativa nacional de área destinada à rizicultura na ordem de 1.759 mil hectares. Desse total, cerca de 76,6% (1.346,7 mil hectares) corresponde ao cultivo irrigado de arroz e os outros 23,4% (412,3 mil hectares) estão relacionados ao sistema de produção em condição de sequeiro.

A Região Norte, por exemplo, tem uma projeção de área cultivada com o cereal de 221,1 mil hectares para essa safra. Isso representa uma redução de 16,1% quando comparada à temporada anterior.

Em Rondônia, tanto a safra quanto a safrinha o cultivo é realizado exclusivamente em sequeiro, não havendo cultivos irrigados.

A área cultivada, estimada para a implantação da cultura do arroz safra e safrinha 2018/19, será de 42,4 mil hectares, desses, 38,4 mil hectares com safra e 4 mil hectares com arroz safrinha. A safrinha é cultivada entre janeiro e fevereiro, inserida em áreas cultivadas com soja primeira safra, áreas de pousio e onde era pasto degradado.

A partir da segunda quinzena de novembro as chuvas incidiram de forma intensa e com regularidade quase diária em todo o estado, atualmente as chuvas são praticamente diárias, no entanto com menor volume precipitado. Sendo assim, o teor de água no solo é considerado satisfatório, estando próximo da capacidade

de campo. Diante desse cenário o percentual da área, na primeira safra, foi totalmente semeada. As chuvas na primeira quinzena de dezembro foram intensas, a partir da segunda quinzena de dezembro houve uma atenuação no ritmo das precipitações, com o sol aparecendo durante o dia, muitas nuvens e chovendo à noite, propiciando a continuação e finalização da semeadura.

Atualmente o estágio da cultura apresenta os seguintes percentuais: 10% em emergência/plântula, 25% em perfilhamento, 25% em alongamento, 15% em panícula e 25% em florescimento.

No Acre, o plantio de arroz é unicamente de sequeiro, inicia-se no período chuvoso, de outubro a dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura.

A estimativa é de manutenção da área plantada em 5 mil hectares. A produtividade média esperada é de 1.334 kg/ha, sendo 9,1% superior à temporada anterior. Incremento também de 9,8% na produção em relação à safra 2017/18.

A baixa produção e produtividade do estado está relacionada à utilização de baixa tecnologia e a agricultura ser familiar, cuja finalidade da produção é o consumo familiar e o excedente para comercialização. Geralmente a cultura é consorciada com outras culturas, como o milho e, após o término do ciclo, é realiza-



do o plantio de feijão-comum cores.

Na safra atual o município de Eptaciolândia se destaca no cultivo de arroz de sequeiro, com cerca de 450 hectares de arroz de sequeiro de apenas um produtor. A produção com fins de comercialização é apenas do município de Eptaciolândia, nos demais municípios a produção é proveniente da agricultura familiar, cujo objetivo é para o consumo familiar. A cultura do arroz apresenta distintas fases fonológicas, de acordo com a época de plantio. Na agricultura familiar, a colheita se inicia em fevereiro e se estende até março. Já na agricultura tradicional, com utilização de máquinas a colheita, inicia-se em março e o término em abril. Devido à quantidade de chuvas e umidade do solo, não é possível a colheita mecanizada em meses anteriores, além dos grãos apresentarem umidade elevada, correndo o risco de perdas pós-colheita.

No Amazonas, a estimativa é de incremento da área plantada em 107,1% em relação à safra passada, que foi de 1,4 mil hectares. Além disso, a produtividade média esperada também é de 1.948 kg/ha (sendo 15,2% inferior à temporada anterior). Incremento de 75% na produção em relação à safra 2017/18.

No Pará, o arroz neste quinto levantamento se manteve praticamente no mesmo patamar da quarta avaliação de safras, conforme já observado, apresenta uma perda de área 43% em relação à safra 2017/18, motivada pela retração de 9 mil hectares de arroz de sequeiro no município de Novo Progresso.

Outras perdas de área foram observadas também em municípios como Floresta do Araguaia e Breu Branco, que perderam 1,5 mil hectares e 1 mil hectares de área, respectivamente.

Essa perda é motivada pela dificuldade em comercializar o produto, quando comparado à pecuária e outras culturas de grãos de maior valor econômico.

O município de Cachoeira do Arari, produtor significativo de arroz irrigado, manteve suas áreas com os mesmos valores passados.

Quanto à produtividade, houve acréscimo de 2% em relação a produção final esperada, a sinalização é de diminuição de 41,8% em comparação à safra anterior.

Em Tocantins houve uma redução acentuada na área destinada à cultura para o arroz de sequeiro, em 48% em relação à safra 2017/18, uma vez que mesmo em áreas de abertura, de primeiro ano, os sojicultores estão optando por semear a leguminosa. A cultura ainda está sendo semeada em todo o estado, principalmente nas áreas de pequenos produtores. As lavouras

estão em boas condições e se encontram nas fases de desenvolvimento vegetativo e perfilhamento.

A falta de incentivo aos agricultores familiares, como a distribuição de sementes por parte de órgão de extensão, dificuldades de comercialização, tanto na classificação como no preço de mercado, continuam sendo os principais motivos para a redução da área plantada.

O plantio do arroz irrigado primeira safra, de 106,8 mil hectares, foi encerrado em todas as regiões produtoras. As lavouras se encontram com bom desenvolvimento e, segundo os produtores, com desenvolvimento superior ao da safra passada. Entre os fatores que colaboraram para isso, temos a boa distribuição de chuvas em janeiro e a boa insolação registrada no período, fatores que compensaram a diminuição de investimentos feitos pelos agricultores.

A colheita se iniciou na região do Formoso do Araguaia, com lavouras produzindo acima de 90 scs/ha. Na região de Lagoa da Confusão, onde está localizada a maior área de arroz do estado, a colheita está prestes a se iniciar. Aproximadamente 2% da área do estado já foi colhida.

Em Roraima, a área de arroz irrigado de verão está

**Figura 10 - Área de arroz em maturação – Lagoa da Confusão – TO**



Fonte: Conab.

**Figura 11 - Área de arroz perfilhando – Lagoa da Confusão -TO**



Fonte: Conab.



## Figura 12 - Colheita do arroz – Formoso do Araguaia - TO



Fonte: Conab.

100% plantada, confirmando o total de 7,6 mil hectares, representando uma redução de 21% em relação à área plantada em 2017/18 (9,5 mil hectares). O plantio de arroz irrigado de verão se inicia em setembro e se estende até dezembro.

Diante da complexidade de se manter ou aumentar a área de produção de arroz, a cultura é desenvolvida apenas por produtores já tradicionais no estado, sem atrair novos empresários rurais para o ramo.

O plantio do arroz irrigado de inverno (por inundação) se inicia em abril. A previsão é de plantio de 2,8 mil hectares.

No Nordeste, o principal estado rizicultor (Maranhão) demonstra redução na área plantada, e isso tende a impactar toda a região, que também projeta uma menor destinação de área para a cultura (saindo de 261,3 mil hectares em 2017/18, para 203,9 mil hectares em 2018/19). Tal redução tende a refletir na produção final do cereal, visto que a estimativa atual é de 414,2 mil toneladas (21,2% menor do que a temporada anterior).

No Maranhão, as lavouras de arroz de terras altas continuam a sofrer forte pressão de outros sistemas produtivos, considerados mais rentáveis pelo pequeno e médio produtor, a exemplo da criação de animais de pequeno porte, entre outros, o que tem favorecido, com raríssimas exceções, na diminuição de área semeada dessa cultura em várias regiões do estado. Na presente safra estima-se que a área da orizicultura seja de 15,1% menor que na última safra, totalizando uma área de aproximadamente 138.300 hectares.

No Município de Chapadinha haverá uma redução de distribuição de sementes doadas pelo governo do estado de 28 mil quilos de sementes na safra 2017/18, para 18 mil quilos de sementes na presente safra, o que acarretará em uma redução na área plantada, motivada pela falta de rentabilidade na venda do arroz.

O excesso de chuvas que havia predominado e difi-

cultado o avanço da colheita das lavouras irrigadas de arroz, evidenciado no levantamento anterior, foi substituído por condições climáticas favoráveis ao avanço da colheita, restando somente cerca de 10% da área plantada para sua finalização.

Em São Mateus, que tradicionalmente cultiva o arroz na Região do Perímetro Irrigado do Salangô, deve semear nessa estação somente 10% da área plantada na safra anterior, ou seja, dos 600 hectares cultivados na safra 2017/18 foram semeados nessa safra somente 60 hectares.

É importante registrar que a área total plantada com esse cereal nessa safra foi 15,4% inferior à área semeada na safra anterior.

No Piauí, a área de arroz de sequeiro terá uma redução na ordem de 36,6%, devendo atingir 41,5 mil hectares. Essa redução se refere a um ajuste na área informada anteriormente por parte da agricultura familiar. A produtividade esperada gira em torno dos 1.306 kg/ha.

Cerca de 80% da área já se encontra plantada, restando finalizar o plantio apenas da região norte do estado. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial, que deverá plantar uma área de 5,3 mil hectares, nessas áreas o plantio só será concluído entre junho e julho. A produtividade esperada para o arroz irrigado é de 4.478 kg/ha.

Na Bahia, no extremo-oeste, a cultura do arroz era cul-

## Figura 13 - Lavoura de arroz em desenvolvimento vegetativo em Baixa Grande do Ribeiro - PI



Fonte: Conab.

tivada em áreas recém-abertas devido principalmente a sua tolerância à acidez. No entanto, com o avanço tecnológico e com o estudo das relações de custo-benefício, esse manejo de primeiro cultivo em áreas abertas com lavouras de arroz foi substituído pelo cultivo de pastagens, principalmente o capim braquiária, visando a formação do perfil do solo devido ao vigor



do enraizamento e ao acúmulo de material orgânico em face do grande volume de massa vegetal produzida pela gramínea. O cultivo da pastagem como primeira lavoura se estende por até 3 anos, para posterior cultivo de soja ou algodão.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é que ocorra redução na área plantada, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro (diminuindo de 150,2 mil hectares para 121,9 mil hectares), quanto naquelas destinadas ao arroz irrigado, sinalizando que a área plantada será de 30,1 mil hectares (decréscimo de 14%).

Em Mato Grosso, a lavoura se encontra predominantemente em estágio vegetativo. Os produtores atrasaram intencionalmente a semeadura, com término em janeiro, para que o período de colheita não coincidissem com as chuvas, a fim de evitar prejuízos na qualidade do grão. É registrado um significativo recuo de área, de 149,3 mil para 120,3 mil hectares, motivado pelos baixos preços atribuídos à cultura, bem como desenvolvimentos tecnológicos da soja, que permitem cada vez mais sua semeadura em áreas de abertura, em detrimento do arroz. A produtividade média é projetada em 3.193 kg/ha, tendo havido influência negativa de veranico no desenvolvimento das lavouras em regiões pontuais, sem efeito generalizado no estado. O patamar é condizente com a média histórica e 2,8% inferior ao do ciclo passado, de 3.283 kg/ha. Os preços continuam em patamares baixos, a comercialização do estoque em aberto, com saldo remanescente da última safra inferior a 5%, encontra-se travada devido ao desinteresse das indústrias de beneficiamento, por estarem supridas, e a comercialização da safra 2018/19 ainda não teve início.

Em Mato Grosso do Sul, no final de janeiro, 40% das

#### Figura 14 - Lavoura de arroz em fase vegetativa em Paranatinga - MT



Fonte: Conab.

lavouras plantadas já haviam sido colhidas, e o restante se divide entre os estágios de desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e matura-

ção.

A cultura é plantada em várzea no estado, nas baixadas, e os solos apresentam áreas em terras baixas e encharcamento em praticamente todo o seu ciclo. Tais condições proporcionam altos teores de umidade, favorecendo o aparecimento de patógenos e ervas daninhas. A suscetibilidade de variedades em final de ciclo está ocorrendo em várias lavouras, ocasionando problemas com a mancha foliar (*Bipolaris oryzae*), porém até o momento não tem causado danos significativos diretamente na produção final do cereal.

Atualmente, o que tem causado maiores problemas nas várzeas é o controle do arroz vermelho, que vem criando resistência a muitos defensivos com o decorrer do tempo, mas produtores com apoio de pesquisas e novas práticas de manejo tem apresentado alternativas para essa planta daninha. Uma das principais alternativas tem sido a rotação de culturas com milho e soja, no sentido de inibir a presença de algumas doenças e infestação do arroz vermelho.

Alguns municípios já concluíram a colheita, como é o caso de Miranda, que é tido como um dos maiores produtores, e nos demais seguem em processo de colheita, com uma expectativa de produtividade média de 5.800 kg/ha.

Os preços médios estão estáveis aos produtores do estado em dezembro e janeiro. Com o avanço da colheita das áreas e a maior oferta do cereal no mercado há a tendência de redução dos preços.

Em Goiás, a cultura de arroz de sequeiro se resume em áreas de assentamentos rurais ou cooperados atendidos pelo programa Lavoura Comunitária da Secretaria da Agricultura em conjunto com Emater e OVG.

Grande parte dos usuários deste programa estão em inadimplência, por isso vários projetos não têm sido aprovados pela Emater do estado.

Não há procura de crédito de custeio para essa cultura, haja vista as significativas exigências bancárias para a liberação desse crédito. O arroz de sequeiro está, na maioria, restrito a plantio de subsistência e lavouras comunitárias.

Neste ano alguns assentados de reforma agrária poderão realizar o plantio de pequenas áreas com baixa aplicação de tecnologia, apenas para subsistência e com comercialização do excedente no mercado regional.

Demais áreas de sequeiro são de acampamentos em faixas de domínio de rodovias, pequenos produtores



com utilização de pouca tecnologia. Áreas mais representativas foram encontradas no município de Doverlândia. Estima-se uma redução na produtividade média devido ao veranico ocorrido no estado na primeira quinzena de dezembro de 2018.

Em Goiás, a área com plantio com o arroz de sequeiro e irrigado são respectivamente, 6,2 mil hectares e 13,5 mil hectares, 7,5% e 9,4% menor que a safra anterior.

Na Região Sudeste, a área destinada à orizicultura deve ser inferior (cerca de 8,8% menor) àquela visualizada na última safra. Estima-se que sejam cultivados 13,4 mil hectares, divididos entre o plantio de sequeiro, estimado em 4,9 mil hectares, e o plantio irrigado, com projeção de 8,5 mil hectares.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência das últimas décadas, o cultivo de arroz vem sofrendo constante declínio no estado. A área de plantio estimada para a safra atual é de 3,5 mil hectares. Predomina o cultivo de subsistência, e as lavouras são geralmente conduzidas com baixo nível de tecnologia, uso de sementes próprias e praticamente sem adubação. A aquisição de arroz por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), pelas prefeituras e governo do estado é o que tem mantido o cultivo do produto, considerando a aquisição por intermédio da agricultura familiar, de no mínimo 30% do valor financeiro destinado anualmente à alimentação escolar. O plantio foi iniciado em outubro e concluído em dezembro. As lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo, florescimento e enchimento de grãos.

Em São Paulo, a produção é pouco expressiva e praticamente toda a sua produção é escoada junto aos municípios próximos ao vale do Paraíba. Sua comercialização fica praticamente restrita em torno daquela região.

Esse grão não avança para outras áreas do estado devido a sua baixa produção, bem como uma menor aceitação do produto pelo consumidor paulista.

Existe uma predominância do arroz vindo do Rio Grande do Sul. Esse é um arroz considerado de alta qualidade (agulhinha tipo 1) e muito aceito e consumido dentro do estado paulista.

O cereal em São Paulo manteve a área estável e apresentou redução de 1% em relação à produtividade.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado e apenas um percentual pequeno, no Paraná, é cultivado com sequeiro.

Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado

seja de 1.165,8 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta para 2,8 mil hectares.

No Paraná, para o arroz irrigado primeira safra, as lavouras são consideradas em boas condições, esperando-se assim, a confirmação das produtividades inicialmente estimadas em 7,566 mil hectares. Como a cultura é irrigada, a falta de chuvas é tida como favorável. O rendimento esperado é superior em quase 20% ao do ano anterior que, devido à falta de luz naquela safra, teve a fotossíntese e a produtividade afetadas.

Já o arroz de sequeiro primeira safra, a área é praticamente toda de subsistência, apresentando decréscimo a cada ano. As condições das lavouras pioraram levemente devido à falta de chuvas em dezembro, resultando em leve queda na produtividade estimada em relação ao levantamento anterior.

Em Santa Catarina, a colheita do arroz iniciou em janeiro, principalmente na região norte do estado e em alguns municípios da região sul, que realizam o plantio mais cedo. Até o momento estima-se que aproximadamente 4% da área plantada já tenha sido colhida, e o ponto alto da colheita deve ocorrer na segunda quinzena do mês de fevereiro, estendendo-se até abril.

As primeiras áreas colhidas apresentam boas produtividades, dentro do esperado para a safra, ou seja, produtividades abaixo da safra anterior em 2,4%, porém dentro da média para o estado. Janeiro foi caracterizado por altas temperaturas no estado, o que pode vir a acarretar reduções de produtividade por abortamento de flores, o que deverá ser verificado nos próximos levantamentos.

Em relação à sanidade das lavouras, estas se encontram em boas condições. A brusone, principal doença do arroz, tem sido esporádica e controlada de forma satisfatória. Do mesmo modo, a qualidade dos grãos já colhidos está boa. O que preocupa atualmente os produtores é o preço, que reduziu ainda mais com o início da safra.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de janeiro foram contrastantes e atípicas no estado. Após um início de ciclo da cultura muito bom em praticamente todo estado, com os produtores conseguindo realizar a semeadura da grande parte das lavouras dentro do período preferencial para a cultura, os primeiros dez dias de janeiro foram de intensas precipitações, que causaram alagamentos e destruição de lavouras.

As regiões da Fronteira Oeste, Campanha e Central



do estado foram as mais atingidas pelas chuvas, com acumulados chegando a 700 mm em Uruguaiana. Na faixa que vai de Sant'Ana do Livramento a Itaqui, abrangendo ainda Alegrete e Rosário do Sul, os acumulados no mês foram de 500 a 600 mm. Já na faixa que se estende de Bagé, passando por São Gabriel, Santa Maria, até São Borja, o acumulado ficou entre 400 e 500 mm. Esses valores são muito acima da média histórica, correspondendo a mais de 100% o total previsto para todo o verão. Esse excesso de chuvas fez com que os principais rios da região – Uruguai, Ibicuí, Ibirapuitã, Vacacaí, Quaraí, Santa Maria, entre outros – elevassem seus níveis e causassem alagamentos em grandes áreas produtoras de arroz. Estima-se que de 5 a 10% da área do estado, concentrado nas regiões acima citadas, tenham sofrido algum tipo de alagamento, com mais de 30 mil hectares tendo ficado mais de dez dias submersos.

Por outro lado, mais a leste do estado, regiões, sul e planície costeira interna e externa, as precipitações não foram tão exageradas havendo até mesmo relatos de falta de água em Capivari do Sul, Mostardas e Palmares do Sul.

Assim, até o momento, temos confirmados uma redução de 2,5% a 3,5% na produção estadual em razão de áreas perdidas, mais cerca de 1,5% em razão da baixa luminosidade no primeiro decêndio desse mês. As perdas totais ainda não foram totalmente apuradas, já que boa parte das lavouras se encontravam em fase reprodutiva.

Com isso, a produtividade média foi reduzida para 7.466 kg/ha, 4% a menos que o levantamento anterior e 4,9% a menos que a safra anterior. Além disso, a área

total do estado foi revisada, reduzindo dos 1.013 mil hectares do levantamento anterior, para 1.001,1 mil hectares, ou seja, 7,1% a menos. A produção, portanto, terá uma redução, até o momento, de 11,7% em relação à safra anterior, podendo ainda ultrapassar essa marca nos próximos levantamentos.

As lavouras do estado se encontram em sua maioria, em início de florescimento (50%), o restante em desenvolvimento vegetativo (30%) e enchimento de grãos (20%). As lavouras que não foram alagadas ou nas regiões que não houve chuvas excessivas apresentam, de maneira geral, condições adequadas de desenvolvimento. Cabe ressaltar apenas as dificuldades na aplicação de fungicidas, em especial nas lavouras de cultivares suscetíveis à brusone, que pode elevar à infestação com essa doença.

**Figura 15 - Arroz em São Borja - RS**



Fonte: Conab.

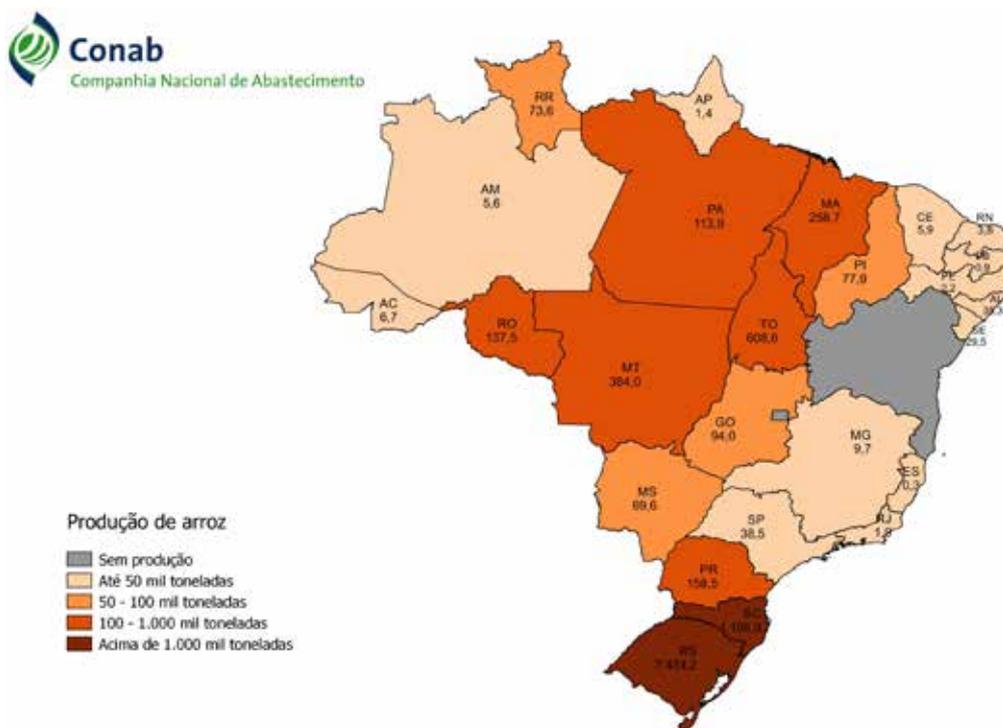
**Figura 16 - Lavoura de arroz em Cachoeira do Sul - RS**



Fonte: Conab.



Figura 17 - Mapa da produção agrícola - Arroz



Fonte: Conab.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Paraense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PA	Sudeste Paraense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
SC**	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas    
  Favorável    
  Média restrição - falta de chuva    
  Baixa restrição - excesso de chuva  
 Média restrição - Excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Irrigado.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>263,5</b>	<b>221,1</b>	<b>(16,1)</b>	<b>4.045</b>	<b>4.285</b>	<b>5,9</b>	<b>1.065,7</b>	<b>947,3</b>	<b>(11,1)</b>
RR	12,3	10,4	(15,4)	7.075	7.075	-	87,0	73,6	(15,4)
RO	42,4	42,4	-	3.243	3.243	-	137,5	137,5	-
AC	5,0	5,0	-	1.223	1.334	9,1	6,1	6,7	9,8
AM	1,4	2,9	107,1	2.296	1.948	(15,2)	3,2	5,6	75,0
AP	1,5	1,5	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	-
PA	68,4	39,0	(43,0)	2.860	2.917	2,0	195,6	113,9	(41,8)
TO	132,5	119,9	(9,5)	4.792	5.076	5,9	634,9	608,6	(4,1)
<b>NORDESTE</b>	<b>261,3</b>	<b>203,9</b>	<b>(22,0)</b>	<b>2.013</b>	<b>2.031</b>	<b>0,9</b>	<b>525,9</b>	<b>414,2</b>	<b>(21,2)</b>
MA	166,7	141,1	(15,4)	1.925	1.834	(4,8)	320,9	258,7	(19,4)
PI	70,8	46,8	(33,9)	1.670	1.665	(0,3)	118,2	77,9	(34,1)
CE	3,6	3,6	-	975	1.622	66,3	3,6	5,9	63,9
RN	1,1	1,1	-	3.945	3.468	(12,1)	4,3	3,8	(11,6)
PB	1,1	1,1	-	1.100	783	(28,8)	1,2	0,9	(25,0)
PE	0,4	0,4	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	4,8
AL	5,8	5,8	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	(6,4)
SE	4,0	4,0	-	7.125	7.387	3,7	28,5	29,5	3,5
BA	7,8	-	(100,0)	1.200	-	(100,0)	9,4	-	(100,0)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>185,2</b>	<b>152,0</b>	<b>(17,9)</b>	<b>3.653</b>	<b>3.603</b>	<b>(1,4)</b>	<b>676,5</b>	<b>547,6</b>	<b>(19,1)</b>
MT	149,3	120,3	(19,4)	3.283	3.193	(2,8)	490,2	384,0	(21,7)
MS	14,3	12,0	(16,1)	5.700	5.800	1,8	81,5	69,6	(14,6)
GO	21,6	19,7	(8,8)	4.852	4.773	(1,6)	104,8	94,0	(10,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>14,7</b>	<b>13,4</b>	<b>(8,8)</b>	<b>3.611</b>	<b>3.688</b>	<b>2,1</b>	<b>53,0</b>	<b>49,5</b>	<b>(6,6)</b>
MG	4,8	3,5	(27,1)	2.791	2.753	(1,4)	13,4	9,7	(27,6)
ES	0,1	0,1	-	3.468	2.779	(19,9)	0,3	0,3	-
RJ	0,3	0,3	-	1.483	3.284	121,4	0,4	1,0	150,0
SP	9,5	9,5	-	4.094	4.054	(1,0)	38,9	38,5	(1,0)
<b>SUL</b>	<b>1.247,4</b>	<b>1.168,6</b>	<b>(6,3)</b>	<b>7.811</b>	<b>7.479</b>	<b>(4,3)</b>	<b>9.743,1</b>	<b>8.739,6</b>	<b>(10,3)</b>
PR	23,1	23,0	(0,4)	5.684	6.893	21,3	131,3	158,5	20,7
SC	146,7	144,5	(1,5)	7.850	7.660	(2,4)	1.151,6	1.106,9	(3,9)
RS	1.077,6	1.001,1	(7,1)	7.851	7.466	(4,9)	8.460,2	7.474,2	(11,7)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>524,8</b>	<b>425,0</b>	<b>(19,0)</b>	<b>3.033</b>	<b>3.203</b>	<b>5,6</b>	<b>1.591,6</b>	<b>1.361,5</b>	<b>(14,5)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.447,3</b>	<b>1.334,0</b>	<b>(7,8)</b>	<b>7.236</b>	<b>6.999</b>	<b>(3,3)</b>	<b>10.472,6</b>	<b>9.336,7</b>	<b>(10,8)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.972,1</b>	<b>1.759,0</b>	<b>(10,8)</b>	<b>6.118</b>	<b>6.082</b>	<b>(0,6)</b>	<b>12.064,2</b>	<b>10.698,2</b>	<b>(11,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>138,8</b>	<b>98,3</b>	<b>(29,2)</b>	<b>2.757</b>	<b>2.774</b>	<b>0,6</b>	<b>382,6</b>	<b>272,7</b>	<b>(28,7)</b>
RO	42,4	42,4	-	3.243	3.243	-	137,5	137,5	-
AC	5,0	5,0	-	1.223	1.334	9,1	6,1	6,7	9,8
AM	1,4	2,9	107,0	2.296	1.948	(15,2)	3,2	5,6	75,0
AP	1,5	1,5	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	-
PA	62,8	33,4	(46,8)	2.808	2.833	0,9	176,3	94,6	(46,3)
TO	25,7	13,1	(49,0)	2.261	2.050	(9,3)	58,1	26,9	(53,7)
<b>NORDESTE</b>	<b>240,8</b>	<b>184,4</b>	<b>(23,4)</b>	<b>1.710</b>	<b>1.662</b>	<b>(2,8)</b>	<b>411,9</b>	<b>306,6</b>	<b>(25,6)</b>
MA	162,9	138,3	(15,1)	1.865	1.780	(4,6)	303,8	246,2	(19,0)
PI	65,5	41,5	(36,6)	1.443	1.306	(9,5)	94,5	54,2	(42,6)
CE	3,5	3,5	-	846	1.500	77,3	3,0	5,3	76,7
PB	1,1	1,1	-	1.100	783	(28,8)	1,2	0,9	(25,0)
BA	7,8	-	(100,0)	1.200	-	(100,0)	9,4	-	(100,0)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>150,2</b>	<b>121,9</b>	<b>(18,8)</b>	<b>3.225</b>	<b>3.114</b>	<b>(3,4)</b>	<b>484,4</b>	<b>379,5</b>	<b>(21,7)</b>
MT	143,5	115,7	(19,4)	3.268	3.168	(3,1)	469,0	366,5	(21,9)
GO	6,7	6,2	(7,5)	2.300	2.100	(8,7)	15,4	13,0	(15,6)
<b>SUDESTE</b>	<b>5,8</b>	<b>4,9</b>	<b>(15,5)</b>	<b>2.244</b>	<b>2.242</b>	<b>(0,1)</b>	<b>12,9</b>	<b>11,1</b>	<b>(14,0)</b>
MG	3,5	2,6	(25,7)	1.756	1.482	(15,6)	6,1	3,9	(36,1)
ES	0,1	0,1	-	3.468	2.779	(19,9)	0,3	0,3	-
RJ	0,3	0,3	-	1.483	3.284	121,4	0,4	1,0	150,0
SP	1,9	1,9	-	3.200	3.088	(3,5)	6,1	5,9	(3,3)
<b>SUL</b>	<b>3,4</b>	<b>2,8</b>	<b>(17,6)</b>	<b>1.973</b>	<b>2.034</b>	<b>3,1</b>	<b>6,7</b>	<b>5,7</b>	<b>(14,9)</b>
PR	3,4	2,8	(17,6)	1.973	2.034	3,1	6,7	5,7	(14,9)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>379,6</b>	<b>282,7</b>	<b>(25,5)</b>	<b>2.093</b>	<b>2.049</b>	<b>(2,1)</b>	<b>794,5</b>	<b>579,3</b>	<b>(27,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>159,4</b>	<b>129,6</b>	<b>(18,7)</b>	<b>3.162</b>	<b>3.057</b>	<b>(3,3)</b>	<b>504,0</b>	<b>396,3</b>	<b>(21,4)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>539,0</b>	<b>412,3</b>	<b>(23,5)</b>	<b>2.409</b>	<b>2.366</b>	<b>(1,8)</b>	<b>1.298,5</b>	<b>975,6</b>	<b>(24,9)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>124,7</b>	<b>122,8</b>	<b>(1,5)</b>	<b>5.478</b>	<b>5.494</b>	<b>0,3</b>	<b>683,1</b>	<b>674,6</b>	<b>(1,2)</b>
RR	12,3	10,4	(15,5)	7.075	7.075	-	87,0	73,6	(15,4)
PA	5,6	5,6	-	3.446	3.446	-	19,3	19,3	-
TO	106,8	106,8	-	5.401	5.447	0,9	576,8	581,7	0,8
<b>NORDESTE</b>	<b>21,2</b>	<b>19,5</b>	<b>(8,0)</b>	<b>5.697</b>	<b>5.521</b>	<b>(3,1)</b>	<b>114,0</b>	<b>107,6</b>	<b>(5,6)</b>
MA	3,8	2,8	(26,3)	4.500	4.478	(0,5)	17,1	12,5	(26,9)
PI	5,3	5,3	-	4.478	4.478	-	23,7	23,7	-
CE	0,1	0,1	-	5.500	5.900	7,3	0,6	0,6	-
RN	1,1	1,1	-	3.945	3.468	(12,1)	4,3	3,8	(11,6)
PE	0,4	0,4	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	4,8
AL	5,8	5,8	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	(6,4)
SE	4,0	4,0	-	7.125	7.387	3,7	28,5	29,5	3,5
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>35,0</b>	<b>30,1</b>	<b>(14,0)</b>	<b>5.489</b>	<b>5.586</b>	<b>1,8</b>	<b>192,1</b>	<b>168,1</b>	<b>(12,5)</b>
MT	5,8	4,6	(20,7)	3.659	3.815	4,3	21,2	17,5	(17,5)
MS	14,3	12,0	(16,1)	5.700	5.800	1,8	81,5	69,6	(14,6)
GO	14,9	13,5	(9,4)	6.000	6.000	-	89,4	81,0	(9,4)
<b>SUDESTE</b>	<b>8,9</b>	<b>8,5</b>	<b>(4,5)</b>	<b>4.501</b>	<b>4.521</b>	<b>0,5</b>	<b>40,1</b>	<b>38,4</b>	<b>(4,2)</b>
MG	1,3	0,9	(30,7)	5.577	6.424	15,2	7,3	5,8	(20,5)
SP	7,6	7,6	-	4.317	4.296	(0,5)	32,8	32,6	(0,6)
<b>SUL</b>	<b>1.244,0</b>	<b>1.165,8</b>	<b>(6,3)</b>	<b>7.827</b>	<b>7.492</b>	<b>(4,3)</b>	<b>9.736,4</b>	<b>8.733,9</b>	<b>(10,3)</b>
PR	19,7	20,2	2,5	6.324	7.566	19,6	124,6	152,8	22,6
SC	146,7	144,5	(1,5)	7.850	7.660	(2,4)	1.151,6	1.106,9	(3,9)
RS	1.077,6	1.001,1	(7,1)	7.851	7.466	(4,9)	8.460,2	7.474,2	(11,7)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>145,9</b>	<b>142,3</b>	<b>(2,5)</b>	<b>5.510</b>	<b>5.497</b>	<b>(0,2)</b>	<b>797,1</b>	<b>782,2</b>	<b>(1,9)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.287,9</b>	<b>1.204,4</b>	<b>(6,5)</b>	<b>7.740</b>	<b>7.423</b>	<b>(4,1)</b>	<b>9.968,6</b>	<b>8.940,4</b>	<b>(10,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.433,8</b>	<b>1.346,7</b>	<b>(6,1)</b>	<b>7.513</b>	<b>7.220</b>	<b>(3,9)</b>	<b>10.765,7</b>	<b>9.722,6</b>	<b>(9,7)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



## 8.1.4. FEIJÃO

### 8.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A estimativa nacional de área semeada com feijão, nessa primeira safra 2018/19, é de 941,9 mil hectares, redução de 10,6% em relação à temporada passada. Nesse período, o cultivo do feijão está competindo com a cultura da soja e do milho por área, fazendo o produtor escolher pela cultura que proponha uma melhor rentabilidade.

#### Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é bastante cultivado na primeira safra nacional, representando mais de um terço da área total a ser plantada com feijão nesse período. Para essa safra foram cultivados 365,7 mil hectares, sinalizando um decréscimo de 20,9% em comparação com 2017/18.

Na Região Norte, Tocantins é o único estado produtor de feijão-comum cores primeira safra. Espera-se variação significativa na área cultivada em relação à safra passada, chegando a ser 50% menor, devendo alcançar 400 hectares. Já a produtividade média estimada demonstra aumento em comparação a 2017/18 (cerca de 26%), atingindo 1.110 kg/ha.

Na Região Nordeste, o cenário é similar ao da Região Norte, com apenas um estado produtor de destaque (Bahia) para a produção de feijão-comum cores na primeira safra.

Na Bahia, a estimativa para essa safra é de cultivo em 55 mil hectares, com uma produtividade média de 443 kg/ha. Esse rendimento representa redução de 5,7% em relação à temporada anterior. Contudo a área em produção foi 25,3% maior do que 2017/18 e isso impactou em uma previsão de aumento no volume final produzido, devendo alcançar 24,4 mil toneladas (crescimento de 18,4% em comparação à safra passada).

Na Região Centro-Oeste houve redução na área de plantio em quase todos os estados, com exceção do Mato Grosso do Sul que manteve seus 800 hectares destinados ao cultivo do feijão-comum cores também nessa safra 2018/19. Ao todo foram semeados 52,9 mil hectares na região, simbolizando diminuição de 28,6% em relação a 2017/18. A estimativa de produção também é de decréscimo, devendo fechar em 112,9 mil toneladas, também em razão da redução na produtividade média esperada para a cultura que está estimada em 2.135 kg/ha (12,6% menor do que na temporada passada).

Em Mato Grosso, os baixos índices pluviométricos em alguns períodos do ciclo da cultura trouxe a diminuição do potencial produtivo do grão e, por consequência, uma expectativa de redução no rendimento médio para o feijão-comum cores no estado. A previsão é que a produtividade fique em 1.879 kg/ha, sendo 19,8% menor do que na temporada passada. A área de produção também diminuiu em comparação ao mesmo período, saindo de 6,2 mil hectares em 2017/18 para 3,5 mil hectares semeados nessa safra. Dessa forma, o volume final esperado é de 6,6 mil toneladas, representando decréscimo de 54,5% em relação ao ciclo anterior.

Em Goiás houve registro de chuvas abundantes, em especial no leste goiano, entre novembro e dezembro de 2018, gerando alguns prejuízos em lavouras de feijão que estavam na fase de floração e enchimento de grãos. Dessa forma, a expectativa é de produtividade média inferior àquela obtida em 2017/18, devendo fechar em 2.100 kg/ha (redução de 15,9%).

O principal município produtor de feijão primeira safra no estado (Cristalina) sofreu forte redução de área nessa temporada. Em torno de 5 mil hectares deixaram de ser cultivados em decorrência dos baixos preços dos grãos praticados no mercado à época e do grande estoque remanescente da terceira safra de 2017/18. De maneira geral, foram semeados 39,3 mil hectares ao longo de todo estado, sendo 30,1% menor do que a temporada anterior.

No Distrito Federal, mais de 70% dos 9,3 mil hectares previstos para a produção do feijão-comum cores nessa primeira safra já foram colhidos. Essa área representa uma diminuição de 14,7% em comparação àquela utilizada em 2017/18. A produtividade média esperada é de 2.410 kg/ha e a produção, por sua vez, deverá alcançar 22,4 mil toneladas, sinalizando decréscimo de 10% em relação à safra passada.

Na Região Sudeste foram cultivados cerca de 175,4 mil hectares de feijão-comum cores nessa primeira safra, simbolizando uma redução de 20,5% em comparação à temporada passada.

Em Minas Gerais, o cultivo de feijão do tipo comum cores é predominante, sendo semeado em praticamente todos os municípios mineiros, apesar dos riscos de perdas e da instabilidade dos preços. O plantio foi realizado entre outubro e dezembro e a destinação de área foi cerca de 11,9% menor do que àquela



registrada em 2017/18, fechando em 120,3 mil hectares plantados. Quanto ao rendimento médio, a expectativa é de 1.411 kg/ha, representando acréscimo de 4,3% em comparação à safra anterior.

Em São Paulo, a expectativa é de manutenção na produtividade média da cultura em relação à safra passada, devendo alcançar 2.518 kg/ha. No entanto a área de produção sofreu redução em comparação ao mesmo período e registrou aproximadamente 51 mil hectares cultivados nesse ciclo, ante aos 80 mil hectares utilizados em 2017/18. Assim, a produção esperada é de 128,4 mil toneladas, sendo 36,1% menor do que àquela apresentada na temporada anterior.

Na Região Sul houve redução de área em relação à safra passada, passando de 122,9 mil hectares para 82 mil hectares em 2018/19. A produtividade média, entretanto, sinaliza incremento em comparação à temporada anterior, com destaque para o Paraná e Santa Catarina, que demonstram acréscimo de 14,2% e 6,1%, respectivamente.

No Paraná, cerca de 90% dos 52,5 mil hectares cultivados com o feijão-comum cores nessa primeira safra já foram colhidos e a projeção é de redução na produção final, principalmente pela diminuição de área registrada nessa temporada em relação ao ciclo anterior (em 2017/18 foram semeados 80,9 mil hectares). A expectativa é que sejam produzidas 88,9 mil toneladas (25,9% menor do que na safra passada) com um rendimento médio de 1.693 kg/ha.

Em Santa Catarina, o período de estiagem registrado em dezembro de 2018 reduziu a expectativa de produtividade projetada até então. Ainda assim se mantém cerca de 6,1% acima do rendimento médio verificado na temporada passada, devendo alcançar 1.995 kg/ha. A área destinada à produção da cultura nessa primeira safra está estimada em 19,5 mil hectares, representando diminuição de 39% em relação a 2017/18.

A colheita até o momento atingiu 17% da área cultivada e se encontra atrasada em relação ao feijão-comum preto. Tal fato ocorre em virtude do plantio dessa classe estar concentrado nos campos de altitude, onde a semeadura é mais tardia. A colheita deve prosseguir até abril, estando mais concentrada entre março (44%) e abril (24%). No momento 46% das lavouras estão em fase de floração e em boas condições de desenvolvimento.

## Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a primeira safra. Para essa temporada 2018/19 foram semeados 172,5 mil hectares com a cultura em

todo território nacional, representando diminuição de 4,3% em comparação a 2017/18. Quanto à produção final, a tendência também é de decréscimo em relação aos números obtidos na safra anterior, devendo alcançar 270,7 mil toneladas ante as 298,2 mil toneladas verificadas no ciclo passado.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área plantada é de 8,2 mil hectares, consolidando uma previsão de aumento de 20,6% em relação à temporada passada. A colheita se iniciou em janeiro de 2019 e deve se estender até o fim de fevereiro, com expectativa de produção na ordem de 7,1 mil toneladas.

No Paraná houve diminuição na área plantada por motivação econômica. Os preços praticados no momento do plantio não eram convidativos, o que motivou os produtores a migrarem para a soja. Ainda assim foram semeados aproximadamente 112,1 mil hectares, com uma produtividade média de 1.612 kg/ha (diminuição de 3,5% em comparação com a temporada passada), esperando assim um volume total produzido de 180,7 mil toneladas.

Em Santa Catarina, a área de plantio do feijão-comum preto primeira safra está estável em relação ao levantamento anterior, devendo ficar em 20,1 mil hectares, mas apresenta redução na comparação com a área cultivada em 2017/18 (diminuição de 6,9%).

Quanto à produtividade média a expectativa é de 1.750 kg/ha nessa primeira safra, ficando cerca de 7,2% menor do que a temporada anterior. O veranico observado na primeira quinzena de dezembro, associado às chuvas durante a colheita, comprometeram tal rendimento e a qualidade do grão colhido em algumas regiões. Até o momento, 63% da área já foi colhida. A projeção é que até o final de fevereiro 85% das áreas já tenham sido colhidas.

No Rio Grande do Sul restam apenas algumas lavouras para serem colhidas, a maioria na região de Campos de Cima da Serra. O feijão-comum preto primeira safra apresenta rendimento médio de 1.519 kg/ha, em uma área cultivada de 28,6 mil hectares. Na região central do estado as lavouras estão em fase de maturação e colheita, apresentando produtividades de 1.100 kg/ha. Em Pelotas, com 35% em enchimento de grãos e 65% colhido, o rendimento médio está em 1.200 kg/ha. Na região noroeste, praticamente toda a área já está colhida, com produtividades acima dos 1.600 kg/ha. Nas regiões de Santa Maria, Soledade e Pelotas, as chuvas, em alternância com dias de sol, causaram abafamento e aumento de umidade, que prejudicaram as lavouras que estavam prontas para



colher, ocasionando maturação desuniforme e também, em alguns casos, o brotamento do grão na vagem, diminuindo assim a qualidade.

### Feijão-caupi

Na Região Norte apenas Tocantins cultiva o feijão-caupi na primeira safra. A exemplo do feijão-comum cores, houve variação na área cultivada em relação à safra passada, com diminuição de 23,5%, alcançando 3,9 mil hectares. As lavouras se encontram com bom desenvolvimento vegetativo, mesmo com a baixa tecnologia usada na sua produção. Por ser semeada por pequenos produtores, o plantio é escalonado e na maioria das vezes consorciado com outras culturas.

Na Região Nordeste é cultivada a maior área de feijão-caupi na primeira safra do Brasil. A estimativa é que sejam cultivados 377,2 mil hectares.

No Piauí, a primeira safra de feijão-caupi é bastante relevante, dispondo da maior área entre os estados brasileiros para a produção dessa cultura. A estimativa para essa temporada é de redução de área em 12,3% em comparação a safra 2017/18, alcançando 206,4 mil hectares. Praticamente toda a área de feijão primeira safra no estado é proveniente da agricultura familiar e devido à antecipação das primeiras chuvas após o período seco, cerca de 80% da área destinada ao plantio da cultura já se encontra cultivada. A produtividade média esperada é de 304 kg/ha, representando uma redução de 21% em comparação ao rendimento obtido na safra passada.

Na Bahia, estima-se que a área de plantio nessa primeira safra será de 135 mil hectares, representando um acréscimo de 19,7% em relação à safra passada. Esse aumento se deve principalmente ao centro-nor-

#### 8.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

##### Feijão-comum cores

A segunda safra de feijão-comum cores já se iniciou, com o plantio da cultura se estabelecendo e apresentando tendência de aumento de área de produção, principalmente em razão dos melhores preços pagos pelo produto nos últimos dias. Dessa forma, a projeção é de incremento de 0,5% em relação ao valor apresentado em 2017/18, devendo chegar a 379,8 mil hectares.

Em Rondônia, a previsão de área plantada nessa segunda safra é de 9,4 mil hectares, mantendo assim a destinação de área visualizada em 2017/18. O rendimento médio e a produção esperados também estão próximos àqueles apresentados na temporada passa-

te, com estimativas de expansão sobre áreas de pou-  
sio, motivado pelo bom clima gerado pelas últimas duas safras de regularidade hídrica. Já o rendimento médio esperado é de 441 kg/ha (7,7% menor do que 2017/18). Portanto a projeção é de produção na ordem de 59,5 mil toneladas, sendo 10,4% superior àquela da temporada passada.

Em Mato Grosso, a maior área de feijão-caupi é cultivada na segunda safra. Porém nessa primeira safra, a estimativa é que o cultivo seja realizado em 6,3 mil hectares, com uma produtividade média esperada de 1.119 kg/ha, representando diminuição de 6,8% em comparação à temporada anterior.

Em Minas Gerais, a área destinada ao cultivo de feijão-caupi para essa primeira safra é de 16,3 mil hectares, representando incremento de 18,1% em relação a 2017/18. Tal aumento se dá em razão das condições climáticas registradas até a abertura da safra na região serem melhores do que àquelas verificadas em anos anteriores, principalmente no norte de Minas, onde é mais comum o cultivo do grão, motivado pela proximidade e influência cultural da Região Nordeste brasileira. O plantio é considerado de subsistência, mas em bons anos de chuvas, o excedente é comercializado em mercados municipais da região. O feijão-caupi é plantado predominantemente na primeira safra em agricultura familiar. Onde há irrigação, há preferência do uso das áreas para plantio de feijão-anão cores, cujos preços normalmente são maiores.

A colheita está prevista para fevereiro e a projeção é que o rendimento médio se mantenha muito próximo daquele apresentado em 2017/18 (cerca de 548 kg/ha), estimando assim produção final de 8,9 mil toneladas (crescimento de 17,1% em comparação à temporada passada).

da, estando estimados em 868 kg/ha e 8,2 mil toneladas, respectivamente.

Empresas privadas rondonienses costumam comprar feijão em Mato Grosso, porém beneficiam, empacotam e comercializam o produto em Rondônia.

Na Paraíba, a expectativa é de decréscimo de área cultivada em relação a 2017/18. São estimados cerca de 24,1 mil hectares, sendo 7,6% menor do que a temporada anterior. Ainda assim o estado é aquele que dispõe de maior área para a produção da cultura na segunda safra dentro da Região Nordeste.

Na Bahia estima-se o plantio de 10 mil hectares, com produtividade média de 2.200 kg/ha. O cultivo é rea-



lizado em manejo irrigado, utilizando-se predominantemente o pivô central em sucessão à lavoura da soja. O extremo-oeste é a mesorregião onde se cultiva essa segunda safra. A semeadura se inicia em fevereiro e é caracterizada como um cultivo de oportunidade, preenchendo a lacuna entre a produção da primeira e da terceira safras, abastecendo a Região Nordeste do Brasil.

Em Mato Grosso, o impacto do aumento dos preços de comercialização do feijão-comum cores em âmbito nacional culmina na possibilidade de expansão de área para a atual safra, podendo sair de 22,3 mil hectares em 2017/18 para 41,3 mil hectares (incremento de 85% em relação à temporada passada). Dessa área, pouco menos de 5% foi plantada em janeiro. Estima-se, inclusive, a antecipação de cultivo em áreas que seriam semeadas apenas na terceira safra para essa segunda safra, de modo a se aproveitar as oportunidades de mercado.

No Distrito Federal, a expectativa é de manutenção na área cultivada com o feijão-comum cores nessa segunda, ficando em 500 hectares. A produtividade média está estimada em 2.717 kg/ha, resultando em uma produção de 1,4 mil toneladas, superior em 27,3% se comparada com a safra anterior.

No Paraná, a redução dos volumes produzidos na primeira safra diminuíram a disponibilidade de sementes para a segunda safra. Com menor quantidade de material propagativo, houve decréscimo de 10,8% na área de plantio em relação a 2017/18, alcançando assim 98,3 mil hectares. Já as condições climáticas atuais estão bastante favoráveis, com o retorno das chuvas alternadas com calor. Mais de metade da área se encontra semeada e os trabalhos de campo seguem em ritmo acelerado.

## Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. Para essa temporada 2018/19, a estimativa é de decréscimo de área cultivada de 8,8%, devendo alcançar 121,6 mil hectares.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios e a área destinada ao seu plantio deve diminuir em comparação à safra passada (8,8% menor), podendo fechar em 1,6 mil hectares.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área estimada para essa safra é de 7,5 mil hectares. O processo de plantio se iniciou em janeiro e a projeção é que se encerre em fevereiro.

No Paraná estima-se redução na intenção de plantio da cultura, devendo a área semeada ser 14% menor do que àquela observada em 2017/18, esperando 74,9 mil hectares. Tal redução se deve à frustração na primeira safra, que parte da lavoura é destinada à produção de sementes para o plantio da segunda safra. O plantio foi iniciado na primeira semana de janeiro e o excesso de chuvas no estado (que também tem afetado as regiões produtoras de feijão-comum cores) tem contribuído para a perspectiva de diminuição de área.

Em Santa Catarina, a partir de meados de novembro, quando ficou confirmada a redução da área de plantio de feijão de primeira safra, e após a estiagem de dezembro, que reduziu a expectativa de produtividade, a disposição do agricultor em investir no cultivo do grão aumentou. Estima-se um aumento na área cultivada de 6% em relação à safra anterior, chegando a 14,2 mil hectares. O plantio no estado é concentrado entre janeiro e fevereiro e, até o momento, já foram semeadas 24% da área projetada. A colheita está prevista para iniciar em abril e prosseguir até junho. No momento, 53% das lavouras se encontram em germinação e 47% em desenvolvimento vegetativo. As condições climáticas, até o momento, têm sido favoráveis ao pleno desenvolvimento da cultura.

No Rio Grande do Sul, a expectativa é de manutenção da área plantada com a cultura nessa segunda safra, quando comparada a 2017/18. A projeção é de 19,3 mil hectares destinados à produção de feijão-comum preto, com um rendimento médio esperado de 1.597 kg/ha.

## Feijão-caupi

No Amazonas, a cultura é praticada em pequena escala, embora desenvolvida em todo o estado, por pequenos produtores da agricultura familiar, cultivando apenas para sua subsistência, excetuando o município de Lábrea, que produz em maior quantidade para comercialização. Para essa safra a intenção é semear 3,5 mil hectares, com uma projeção de rendimento médio de 896 kg/ha.

Na Paraíba, para a segunda safra, é estimado a semeadura de 61,5 mil hectares de feijão-caupi, representando decréscimo de 24% em relação aos 80,9 mil hectares cultivados na temporada passada.

Na Bahia, a expectativa é que sejam cultivados 50 mil hectares predominantemente na mesorregião do extremo-oeste baiano (assim como na temporada passada), com produtividade média de 768 kg/ha, sendo parte dessa produção realizada em condições de sequeiro, aproveitando o final da estação chuvosa, e a

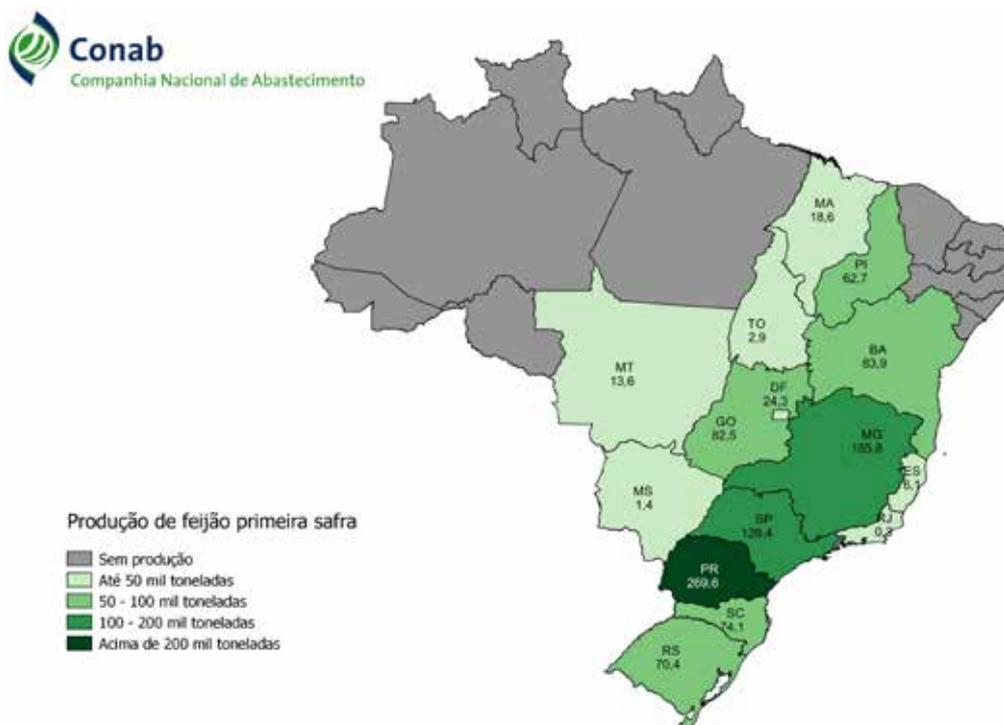


outra parte cultivada em um sistema irrigado, sucedendo a colheita da soja precoce.

Em Mato Grosso, o feijão-caupi segunda safra apresenta expectativa de redução de área, devendo

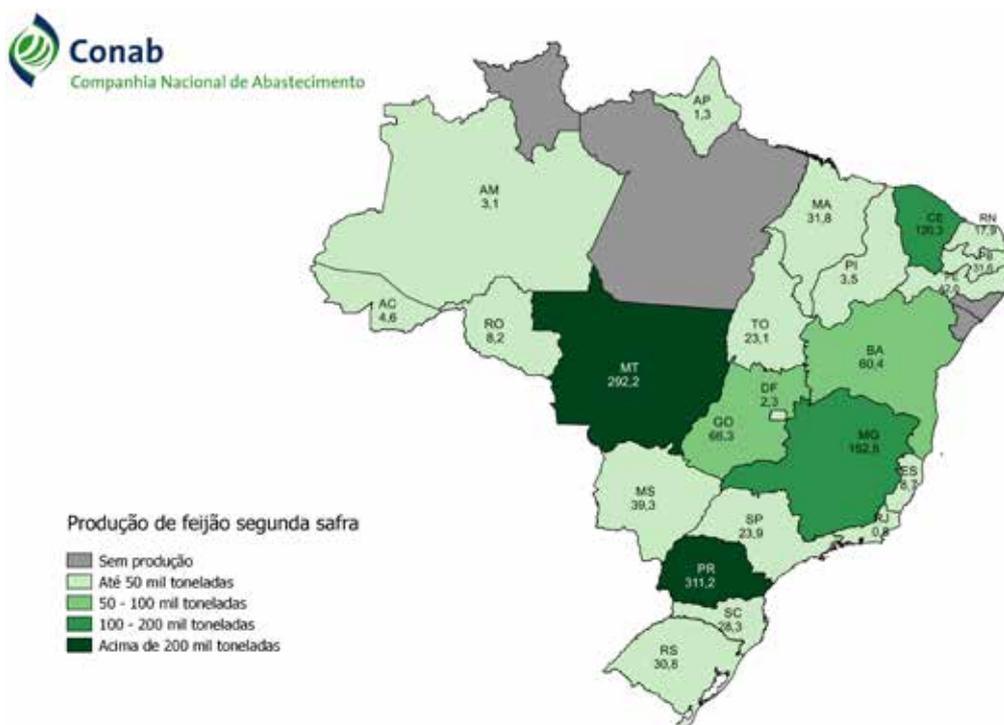
sair de 220,1 mil hectares em 2017/18 para 198,1 mil hectares cultivados nessa temporada. O plantio teve início no final de janeiro e até então menos de 5% da área prevista foi semeada.

**Figura 18 - Mapa da produção agrícola - Feijão primeira safra**



Fonte: Conab.

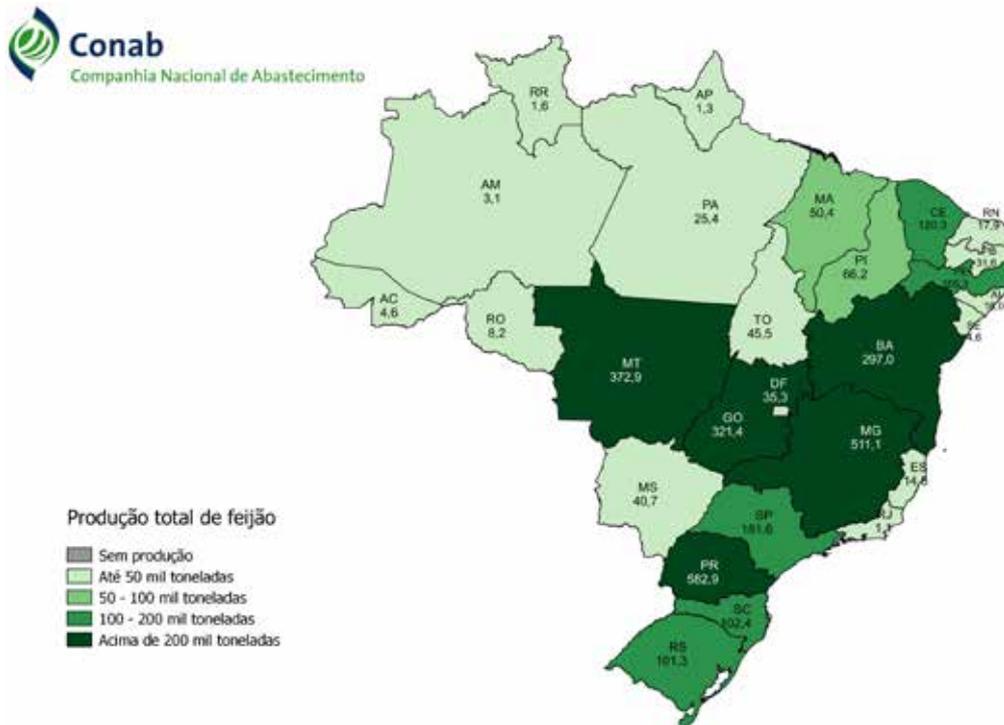
**Figura 19 - Mapa da produção agrícola - Feijão segunda safra**



Fonte: Conab.

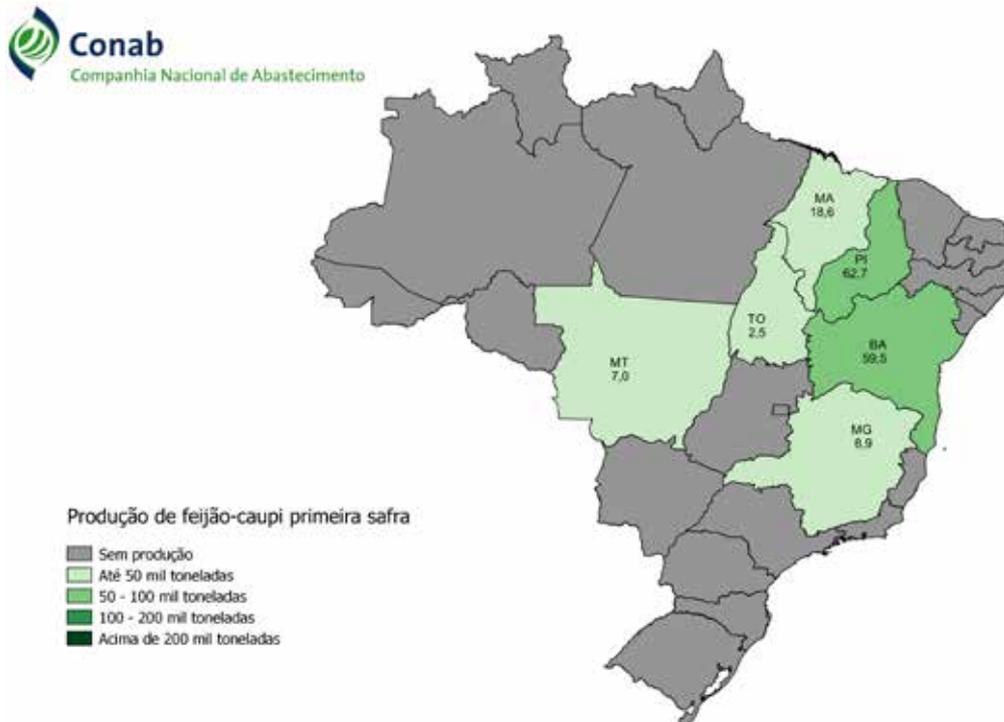


Figura 20 - Mapa da produção agrícola - Feijão total



Fonte: Conab.

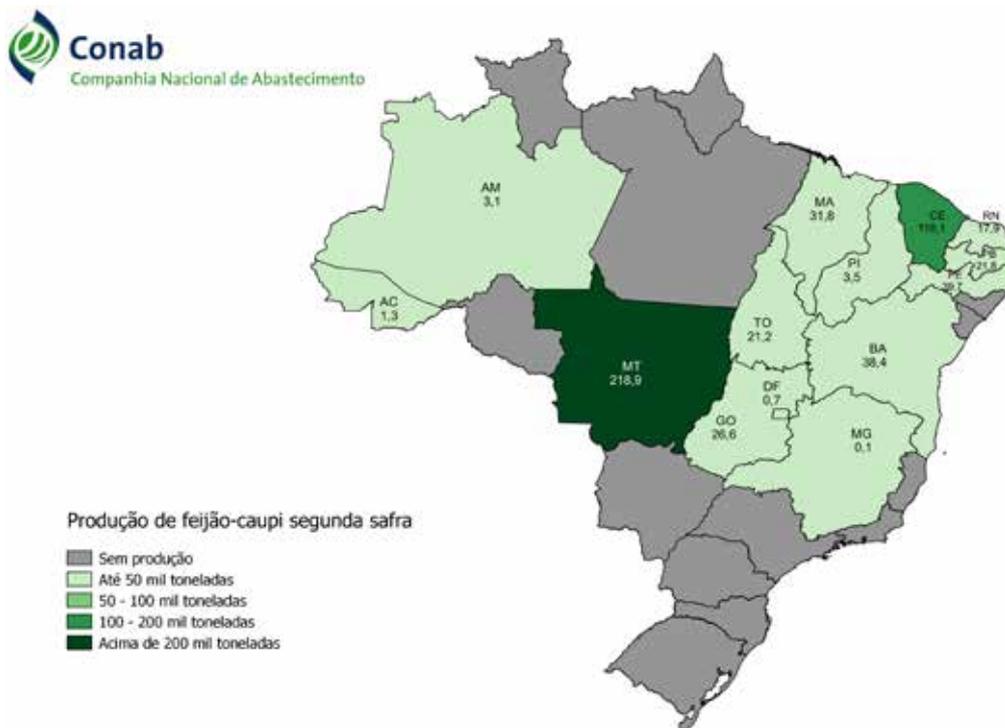
Figura 21 - Mapa da produção agrícola - Feijão caupi primeira safra



Fonte: Conab.

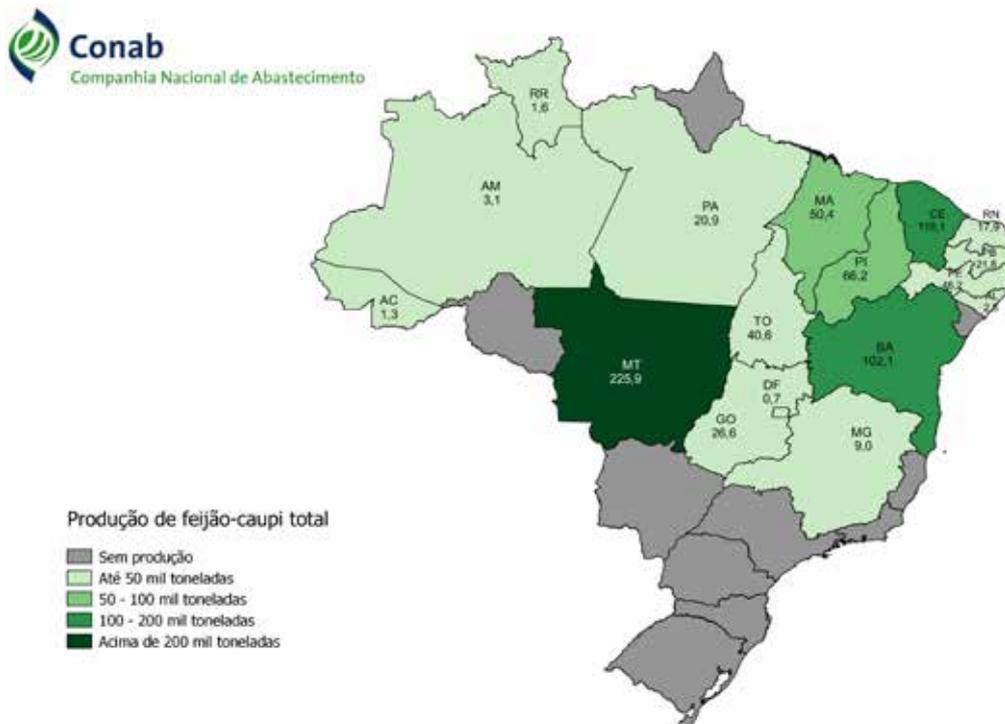


Figura 22 - Mapa da produção agrícola - Feijão caupi segunda safra



Fonte: Conab.

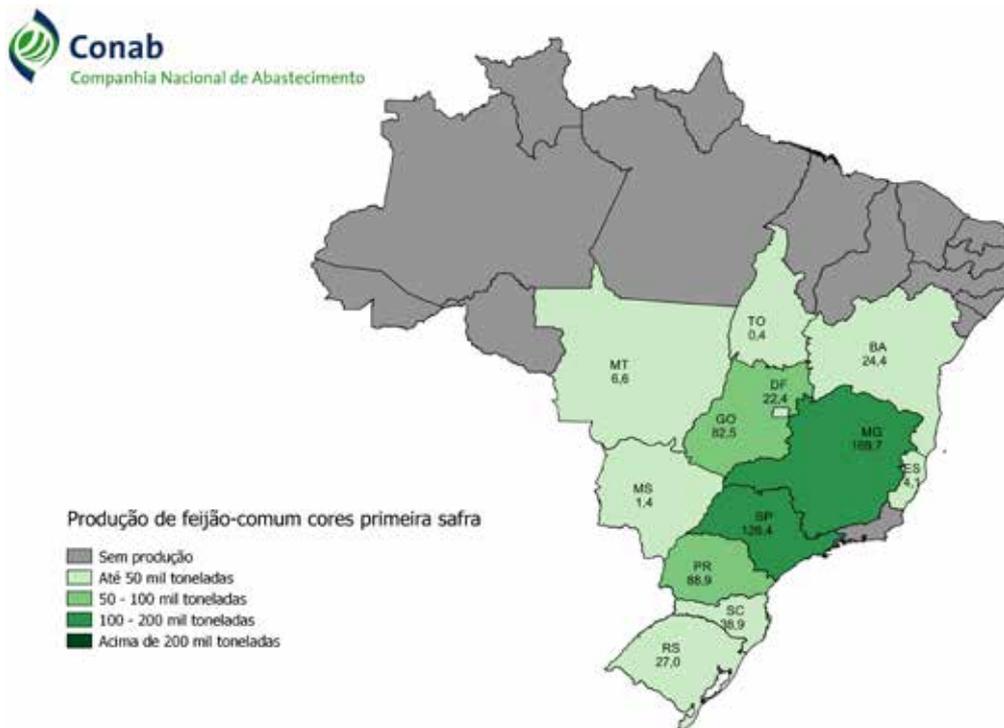
Figura 23 - Mapa da produção agrícola - Feijão caupi total



Fonte: Conab.

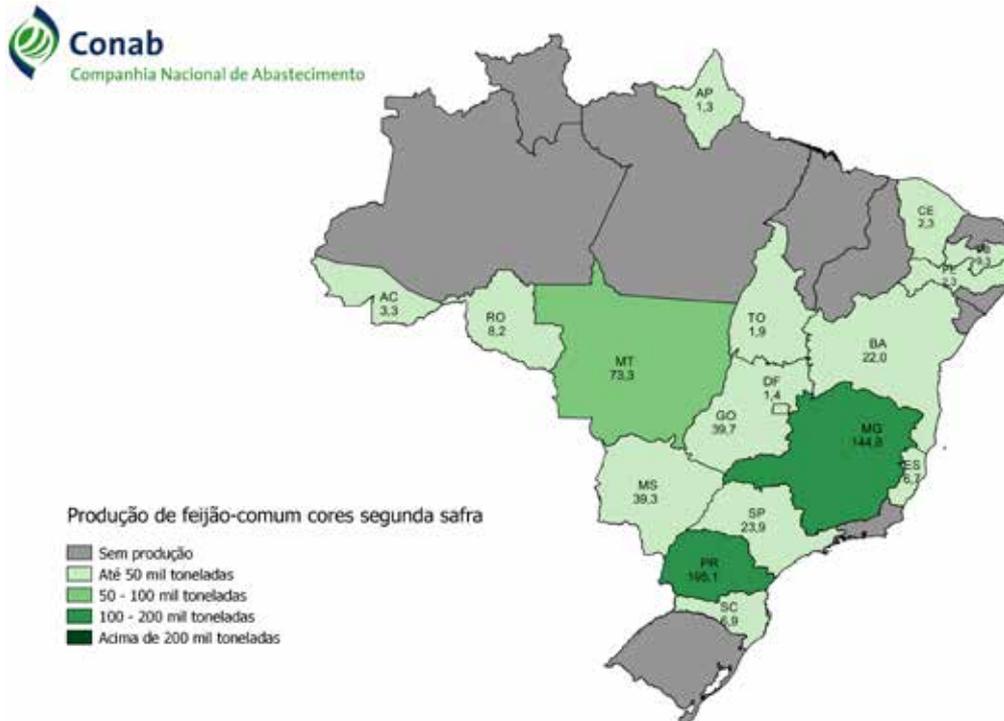


Figura 24 - Mapa da produção agrícola - Feijão cores primeira safra



Fonte: Conab.

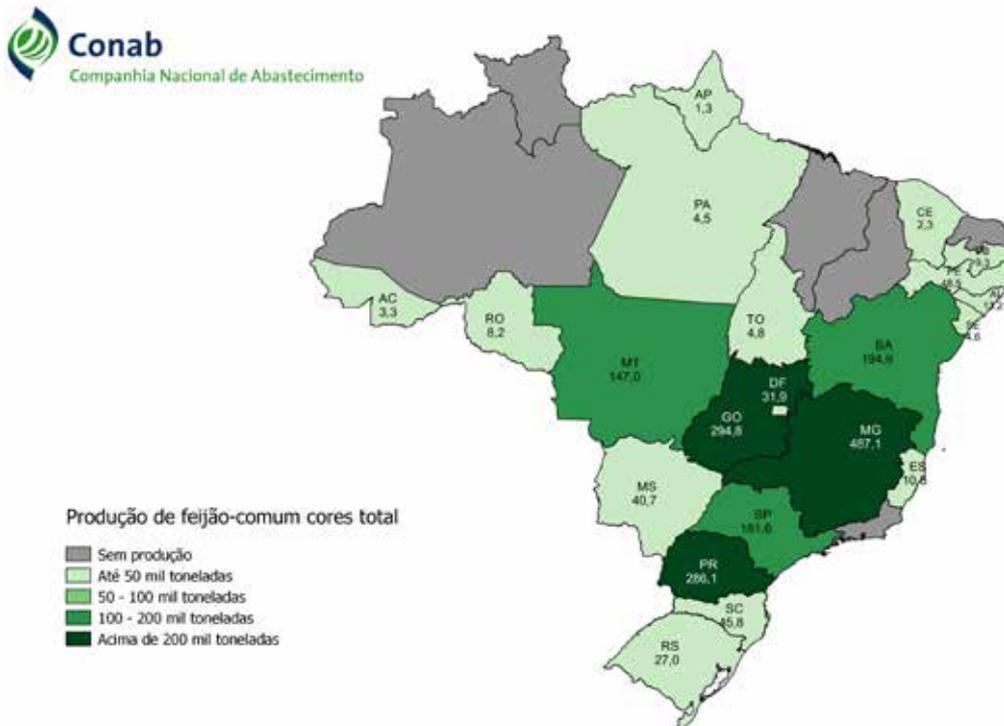
Figura 25 - Mapa da produção agrícola - Feijão cores segunda safra



Fonte: Conab.

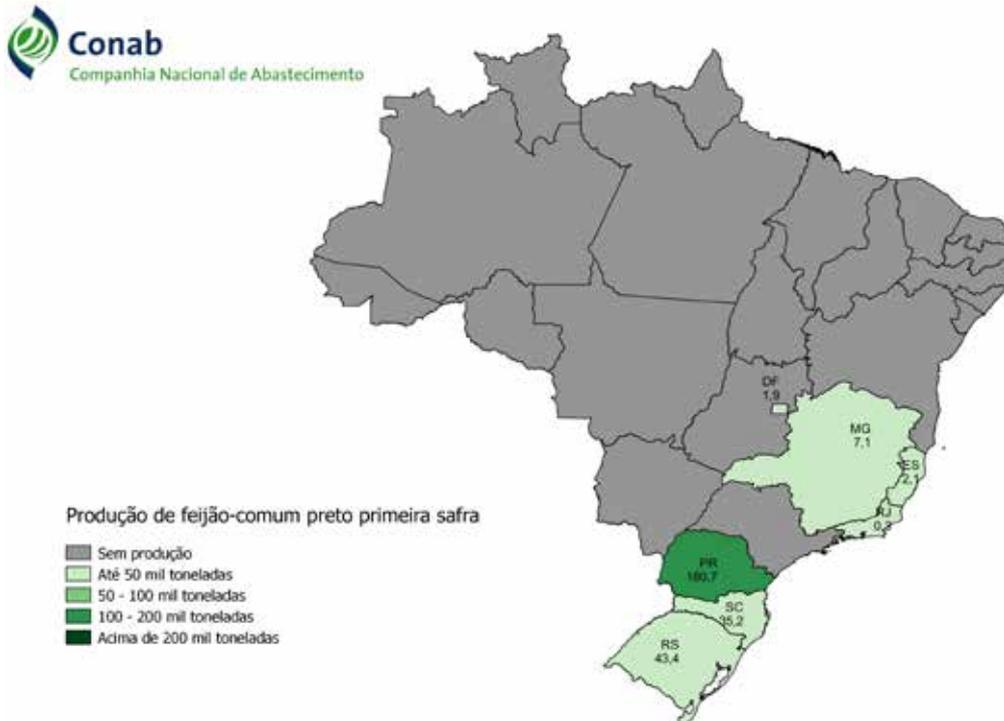


Figura 26 - Mapa da produção agrícola - Feijão cores total



Fonte: Conab.

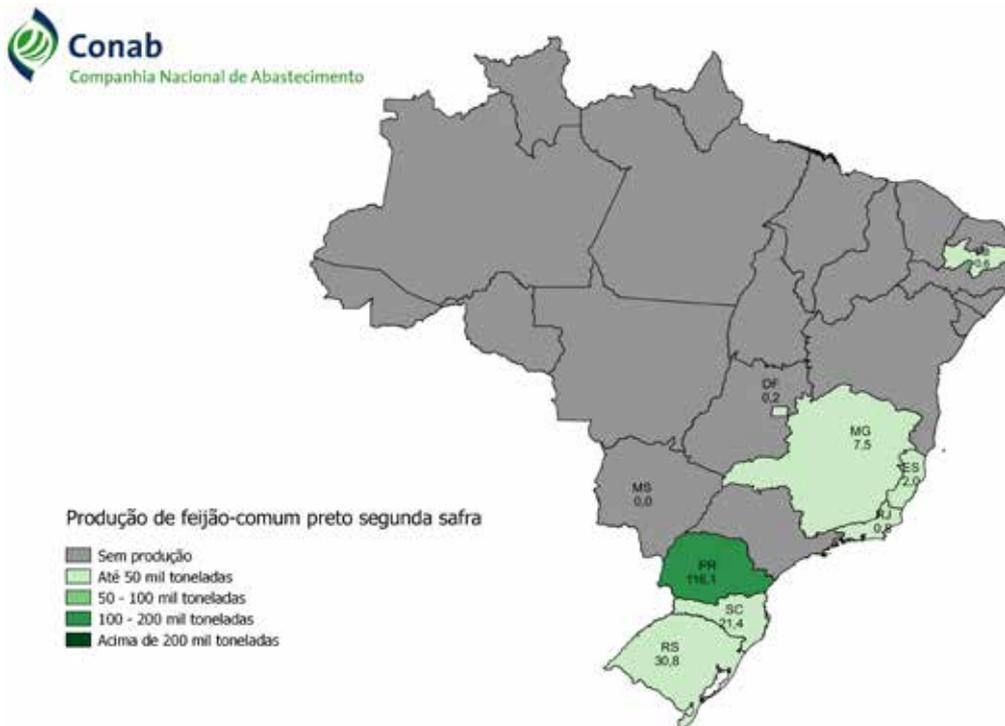
Figura 27 - Mapa da produção agrícola - Feijão preto primeira safra



Fonte: Conab.

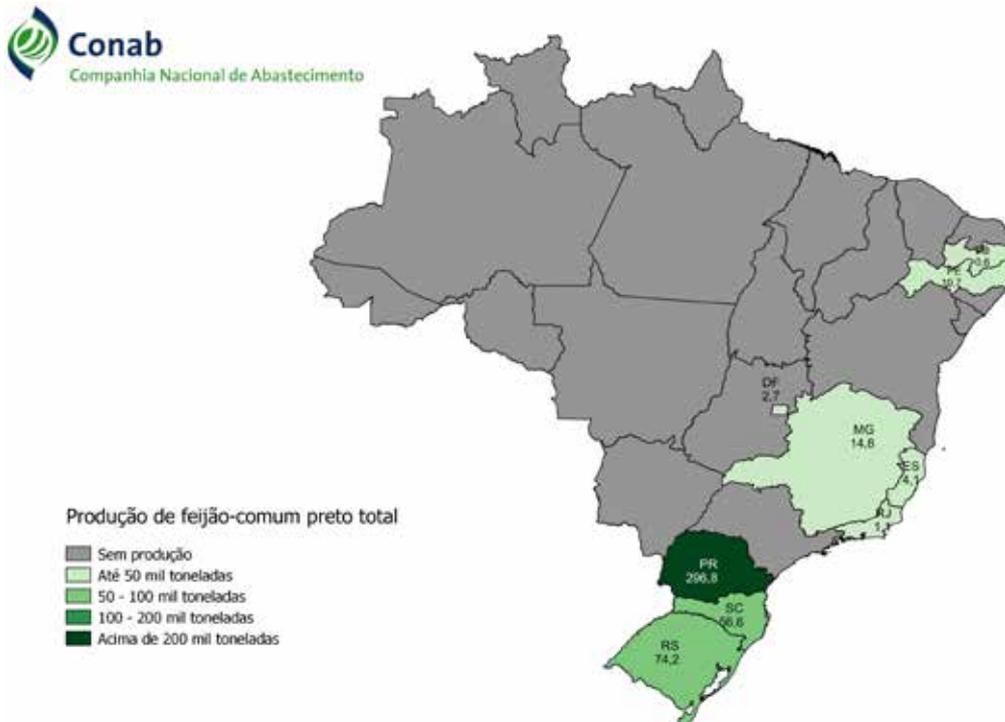


Figura 28 - Mapa da produção agrícola - Feijão preto segunda safra



Fonte: Conab.

Figura 29 - Mapa da produção agrícola - Feijão preto total



Fonte: Conab.



**Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra**

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	M/C		
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	DV	F	FR/M/C	M/C					
	Norte Mato-grossense			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense				P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
SC	Metropolitana de Curitiba				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C			
	Norte Catarinense				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C			
RS	Serrana				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C			
	Noroeste Rio-grandense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C			
	Metropolitana de Porto Alegre				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

Média restrição - Excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Irrigado.



**Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra**

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Central Mineira						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Oeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Zona da Mata						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV	DV/F	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Oeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Sudeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Metropolitana de Curitiba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
SC	Oeste Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C	
	Norte Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C	
	Sul Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense						P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva
  Média restrição - Excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Irrigado.



Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>5,9</b>	<b>4,3</b>	<b>(27,1)</b>	<b>624</b>	<b>679</b>	<b>8,8</b>	<b>3,7</b>	<b>2,9</b>	<b>(21,6)</b>
TO	5,9	4,3	(27,1)	624	679	8,8	3,7	2,9	(21,6)
<b>NORDESTE</b>	<b>429,6</b>	<b>432,2</b>	<b>0,6</b>	<b>435</b>	<b>382</b>	<b>(12,0)</b>	<b>186,7</b>	<b>165,2</b>	<b>(11,5)</b>
MA	37,6	35,8	(4,8)	575	520	(9,6)	21,6	18,6	(13,9)
PI	235,3	206,4	(12,3)	385	304	(21,0)	90,6	62,7	(30,8)
BA	156,7	190,0	21,3	476	442	(7,2)	74,5	83,9	12,6
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>81,7</b>	<b>60,2</b>	<b>(26,3)</b>	<b>2.337</b>	<b>2.025</b>	<b>(13,3)</b>	<b>191,0</b>	<b>121,8</b>	<b>(36,2)</b>
MT	12,6	9,8	(22,2)	1.762	1.390	(21,1)	22,2	13,6	(38,7)
MS	0,8	0,8	-	1.650	1.800	9,1	1,3	1,4	7,7
GO	56,2	39,3	(30,1)	2.496	2.100	(15,9)	140,3	82,5	(41,2)
DF	12,1	10,3	(14,9)	2.242	2.360	5,3	27,2	24,3	(10,7)
<b>SUDESTE</b>	<b>243,7</b>	<b>202,4</b>	<b>(16,9)</b>	<b>1.664</b>	<b>1.584</b>	<b>(4,8)</b>	<b>405,5</b>	<b>320,6</b>	<b>(20,9)</b>
MG	157,2	144,8	(7,9)	1.261	1.283	1,7	198,3	185,8	(6,3)
ES	6,1	6,1	-	970	1.004	3,5	5,9	6,1	3,4
RJ	0,4	0,5	25,0	938	674	(28,1)	0,4	0,3	(25,0)
SP	80,0	51,0	(36,3)	2.511	2.518	0,3	200,9	128,4	(36,1)
<b>SUL</b>	<b>292,7</b>	<b>242,8</b>	<b>(17,0)</b>	<b>1.690</b>	<b>1.706</b>	<b>0,9</b>	<b>494,7</b>	<b>414,1</b>	<b>(16,3)</b>
PR	199,6	164,6	(17,5)	1.594	1.638	2,8	318,1	269,6	(15,2)
SC	53,6	39,6	(26,1)	1.883	1.871	(0,6)	100,9	74,1	(26,6)
RS	39,5	38,6	(2,3)	1.916	1.825	(4,7)	75,7	70,4	(7,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>435,5</b>	<b>436,5</b>	<b>0,2</b>	<b>437</b>	<b>385</b>	<b>(11,9)</b>	<b>190,4</b>	<b>168,1</b>	<b>(11,7)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>618,1</b>	<b>505,4</b>	<b>(18,2)</b>	<b>1.765</b>	<b>1.695</b>	<b>(4,0)</b>	<b>1.091,2</b>	<b>856,5</b>	<b>(21,5)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.053,6</b>	<b>941,9</b>	<b>(10,6)</b>	<b>1.216</b>	<b>1.088</b>	<b>(10,5)</b>	<b>1.281,6</b>	<b>1.024,6</b>	<b>(20,1)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,2</b>	<b>1,0</b>	<b>(16,7)</b>	<b>1.900</b>	<b>1.900</b>	<b>-</b>	<b>2,3</b>	<b>1,9</b>	<b>(17,4)</b>
DF	1,2	1,0	(18,0)	1.900	1.900	-	2,3	1,9	(17,4)
<b>SUDESTE</b>	<b>9,2</b>	<b>10,7</b>	<b>16,3</b>	<b>900</b>	<b>890</b>	<b>(1,1)</b>	<b>8,3</b>	<b>9,5</b>	<b>14,5</b>
MG	6,8	8,2	20,6	868	868	-	5,9	7,1	20,3
ES	2,0	2,0	-	1.000	1.035	3,5	2,0	2,1	5,0
RJ	0,4	0,5	13,9	938	674	(28,1)	0,4	0,3	(25,0)
<b>SUL</b>	<b>169,8</b>	<b>160,8</b>	<b>(5,3)</b>	<b>1.694</b>	<b>1.613</b>	<b>(4,8)</b>	<b>287,6</b>	<b>259,3</b>	<b>(9,8)</b>
PR	118,7	112,1	(5,6)	1.670	1.612	(3,5)	198,2	180,7	(8,8)
SC	21,6	20,1	(6,9)	1.885	1.750	(7,2)	40,7	35,2	(13,5)
RS	29,5	28,6	(3,1)	1.650	1.519	(7,9)	48,7	43,4	(10,9)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>180,2</b>	<b>172,5</b>	<b>(4,3)</b>	<b>1.655</b>	<b>1.570</b>	<b>(5,1)</b>	<b>298,2</b>	<b>270,7</b>	<b>(9,2)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>180,2</b>	<b>172,5</b>	<b>(4,3)</b>	<b>1.655</b>	<b>1.570</b>	<b>(5,1)</b>	<b>298,2</b>	<b>270,7</b>	<b>(9,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,8</b>	<b>0,4</b>	<b>(50,0)</b>	<b>881</b>	<b>1.110</b>	<b>26,0</b>	<b>0,7</b>	<b>0,4</b>	<b>(42,9)</b>
TO	0,8	0,4	(50,0)	881	1.110	26,0	0,7	0,4	(42,9)
<b>NORDESTE</b>	<b>43,9</b>	<b>55,0</b>	<b>25,3</b>	<b>470</b>	<b>443</b>	<b>(5,7)</b>	<b>20,6</b>	<b>24,4</b>	<b>18,4</b>
BA	43,9	55,0	25,3	470	443	(5,7)	20,6	24,4	18,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>74,1</b>	<b>52,9</b>	<b>(28,6)</b>	<b>2.442</b>	<b>2.135</b>	<b>(12,6)</b>	<b>181,0</b>	<b>112,9</b>	<b>(37,6)</b>
MT	6,2	3,5	(43,5)	2.342	1.879	(19,8)	14,5	6,6	(54,5)
MS	0,8	0,8	-	1.650	1.800	9,1	1,3	1,4	7,7
GO	56,2	39,3	(30,1)	2.496	2.100	(15,9)	140,3	82,5	(41,2)
DF	10,9	9,3	(14,7)	2.280	2.410	5,7	24,9	22,4	(10,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>220,7</b>	<b>175,4</b>	<b>(20,5)</b>	<b>1.765</b>	<b>1.723</b>	<b>(2,4)</b>	<b>389,6</b>	<b>302,2</b>	<b>(22,4)</b>
MG	136,6	120,3	(11,9)	1.353	1.411	4,3	184,8	169,7	(8,2)
ES	4,1	4,1	-	955	989	3,6	3,9	4,1	5,1
SP	80,0	51,0	(36,2)	2.511	2.518	0,3	200,9	128,4	(36,1)
<b>SUL</b>	<b>122,9</b>	<b>82,0</b>	<b>(33,3)</b>	<b>1.685</b>	<b>1.888</b>	<b>12,0</b>	<b>207,1</b>	<b>154,8</b>	<b>(25,3)</b>
PR	80,9	52,5	(35,1)	1.482	1.693	14,2	119,9	88,9	(25,9)
SC	32,0	19,5	(39,0)	1.881	1.995	6,1	60,2	38,9	(35,4)
RS	10,0	10,0	-	2.700	2.700	-	27,0	27,0	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>44,7</b>	<b>55,4</b>	<b>23,9</b>	<b>477</b>	<b>448</b>	<b>(6,2)</b>	<b>21,3</b>	<b>24,8</b>	<b>16,4</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>417,7</b>	<b>310,3</b>	<b>(25,7)</b>	<b>1.862</b>	<b>1.837</b>	<b>(1,3)</b>	<b>777,7</b>	<b>569,9</b>	<b>(26,7)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>462,4</b>	<b>365,7</b>	<b>(20,9)</b>	<b>1.728</b>	<b>1.626</b>	<b>(5,9)</b>	<b>799,0</b>	<b>594,7</b>	<b>(25,6)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>5,1</b>	<b>3,9</b>	<b>(23,5)</b>	<b>584</b>	<b>635</b>	<b>8,7</b>	<b>3,0</b>	<b>2,5</b>	<b>(16,7)</b>
TO	5,1	3,9	(22,6)	584	635	8,7	3,0	2,5	(16,7)
<b>NORDESTE</b>	<b>385,7</b>	<b>377,2</b>	<b>(2,2)</b>	<b>431</b>	<b>374</b>	<b>(13,3)</b>	<b>166,1</b>	<b>140,8</b>	<b>(15,2)</b>
MA	37,6	35,8	(4,8)	575	520	(9,6)	21,6	18,6	(13,9)
PI	235,3	206,4	(12,3)	385	304	(21,0)	90,6	62,7	(30,8)
BA	112,8	135,0	19,7	478	441	(7,7)	53,9	59,5	10,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>6,4</b>	<b>6,3</b>	<b>(1,6)</b>	<b>1.200</b>	<b>1.119</b>	<b>(6,8)</b>	<b>7,7</b>	<b>7,0</b>	<b>(9,1)</b>
MT	6,4	6,3	(1,6)	1.200	1.119	(6,8)	7,7	7,0	(9,1)
<b>SUDESTE</b>	<b>13,8</b>	<b>16,3</b>	<b>18,1</b>	<b>548</b>	<b>548</b>	<b>-</b>	<b>7,6</b>	<b>8,9</b>	<b>17,1</b>
MG	13,8	16,3	18,1	548	548	-	7,6	8,9	17,1
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>390,8</b>	<b>381,1</b>	<b>(2,5)</b>	<b>433</b>	<b>376</b>	<b>(13,1)</b>	<b>169,1</b>	<b>143,3</b>	<b>(15,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>20,2</b>	<b>22,6</b>	<b>11,9</b>	<b>755</b>	<b>707</b>	<b>(6,3)</b>	<b>15,3</b>	<b>15,9</b>	<b>3,9</b>
<b>BRASIL</b>	<b>411,0</b>	<b>403,7</b>	<b>(1,8)</b>	<b>449</b>	<b>395</b>	<b>(12,0)</b>	<b>184,4</b>	<b>159,2</b>	<b>(13,7)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



## 8.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>43,6</b>	<b>43,8</b>	<b>0,5</b>	<b>725</b>	<b>922</b>	<b>27,1</b>	<b>31,7</b>	<b>40,3</b>	<b>27,1</b>
RO	9,4	9,4	-	862	868	0,7	8,1	8,2	1,2
AC	7,6	7,6	-	605	607	0,3	4,6	4,6	-
AM	3,3	3,5	6,1	900	896	(0,4)	3,0	3,1	3,3
AP	1,4	1,4	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	(7,1)
TO	21,9	21,9	-	665	1.057	58,9	14,6	23,1	58,2
<b>NORDESTE</b>	<b>807,0</b>	<b>785,4</b>	<b>(2,7)</b>	<b>410</b>	<b>391</b>	<b>(4,5)</b>	<b>330,6</b>	<b>307,5</b>	<b>(7,0)</b>
MA	51,5	51,5	-	711	617	(13,2)	36,6	31,8	(13,1)
PI	5,4	5,4	-	545	639	17,2	2,9	3,5	20,7
CE	404,4	404,4	-	291	298	2,1	117,9	120,3	2,0
RN	45,1	45,1	-	382	396	3,7	17,2	17,9	4,1
PB	108,8	87,2	(19,9)	431	363	(15,9)	46,9	31,6	(32,6)
PE	131,8	131,8	-	304	319	4,8	40,1	42,0	4,7
BA	60,0	60,0	-	1.150	1.007	(12,5)	69,0	60,4	(12,5)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>309,6</b>	<b>306,6</b>	<b>(1,0)</b>	<b>1.149</b>	<b>1.305</b>	<b>13,5</b>	<b>355,7</b>	<b>400,1</b>	<b>12,5</b>
MT	242,4	239,4	(1,2)	1.100	1.221	10,9	266,7	292,2	9,6
MS	26,0	26,0	-	1.300	1.511	16,2	33,8	39,3	16,3
GO	40,1	40,1	-	1.333	1.653	24,1	53,4	66,3	24,2
DF	1,1	1,1	-	1.668	2.057	23,3	1,8	2,3	27,8
<b>SUDESTE</b>	<b>138,6</b>	<b>140,4</b>	<b>1,3</b>	<b>1.245</b>	<b>1.324</b>	<b>6,3</b>	<b>172,7</b>	<b>185,9</b>	<b>7,6</b>
MG	116,2	118,0	1,5	1.205	1.292	7,2	140,1	152,5	8,9
ES	8,6	8,6	-	924	1.013	9,6	8,0	8,7	8,7
RJ	0,8	0,8	-	855	978	14,4	0,7	0,8	14,3
SP	13,0	13,0	-	1.836	1.841	0,3	23,9	23,9	-
<b>SUL</b>	<b>233,9</b>	<b>210,6</b>	<b>(10,0)</b>	<b>1.391</b>	<b>1.758</b>	<b>26,4</b>	<b>325,3</b>	<b>370,3</b>	<b>13,8</b>
PR	197,3	173,2	(12,2)	1.353	1.797	32,8	266,9	311,2	16,6
SC	17,3	18,1	4,6	1.533	1.563	2,0	26,5	28,3	6,8
RS	19,3	19,3	-	1.654	1.597	(3,4)	31,9	30,8	(3,4)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>850,6</b>	<b>829,2</b>	<b>(2,5)</b>	<b>426</b>	<b>419</b>	<b>(1,5)</b>	<b>362,3</b>	<b>347,8</b>	<b>(4,0)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>682,1</b>	<b>657,6</b>	<b>(3,6)</b>	<b>1.252</b>	<b>1.454</b>	<b>16,2</b>	<b>853,7</b>	<b>956,3</b>	<b>12,0</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.532,7</b>	<b>1.486,8</b>	<b>(3,0)</b>	<b>793</b>	<b>877</b>	<b>10,6</b>	<b>1.216,0</b>	<b>1.304,1</b>	<b>7,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>1,8</b>	<b>1,6</b>	<b>(11,1)</b>	<b>434</b>	<b>375</b>	<b>(13,6)</b>	<b>0,8</b>	<b>0,6</b>	<b>(25,0)</b>
PB	1,8	1,6	(8,8)	434	375	(13,6)	0,8	0,6	(25,0)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>	<b>1.850</b>	<b>2.290</b>	<b>23,8</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	<b>-</b>
DF	0,1	0,1	-	1.850	2.290	23,8	0,2	0,2	-
<b>SUDESTE</b>	<b>9,7</b>	<b>11,5</b>	<b>18,6</b>	<b>814</b>	<b>900</b>	<b>10,6</b>	<b>8,0</b>	<b>10,3</b>	<b>28,8</b>
MG	6,4	8,2	28,1	838	920	9,8	5,4	7,5	38,9
ES	2,5	2,5	-	740	810	9,5	1,9	2,0	5,3
RJ	0,8	0,8	-	855	978	14,4	0,7	0,8	14,3
<b>SUL</b>	<b>119,8</b>	<b>108,4</b>	<b>(9,5)</b>	<b>1.427</b>	<b>1.552</b>	<b>8,8</b>	<b>170,9</b>	<b>168,3</b>	<b>(1,5)</b>
PR	87,1	74,9	(14,0)	1.369	1.550	13,2	119,2	116,1	(2,6)
SC	13,4	14,2	6,0	1.476	1.505	2,0	19,8	21,4	8,1
RS	19,3	19,3	-	1.654	1.597	(3,4)	31,9	30,8	(3,4)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1,8</b>	<b>1,6</b>	<b>(11,1)</b>	<b>434</b>	<b>375</b>	<b>(13,6)</b>	<b>0,8</b>	<b>0,6</b>	<b>(25,0)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>129,6</b>	<b>120,0</b>	<b>(7,4)</b>	<b>1.381</b>	<b>1.491</b>	<b>7,9</b>	<b>179,1</b>	<b>178,8</b>	<b>(0,2)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>131,4</b>	<b>121,6</b>	<b>(7,5)</b>	<b>1.368</b>	<b>1.476</b>	<b>7,9</b>	<b>179,9</b>	<b>179,4</b>	<b>(0,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>21,6</b>	<b>18,3</b>	<b>(15,3)</b>	<b>787</b>	<b>806</b>	<b>2,5</b>	<b>14,0</b>	<b>14,7</b>	<b>5,0</b>
RO	9,4	9,4	-	862	868	0,7	8,1	8,2	1,2
AC	5,6	5,6	-	592	594	0,3	3,3	3,3	-
AP	1,4	1,4	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	(7,1)
TO	1,9	1,9	-	641	1.020	59,1	1,2	1,9	58,3
<b>NORDESTE</b>	<b>45,7</b>	<b>43,7</b>	<b>(4,4)</b>	<b>882</b>	<b>820</b>	<b>(7,0)</b>	<b>40,3</b>	<b>35,9</b>	<b>(10,9)</b>
CE	4,2	4,2	-	526	540	2,7	2,2	2,3	4,5
PB	26,1	24,1	(7,6)	457	385	(15,8)	11,9	9,3	(21,8)
PE	5,4	5,4	-	400	425	6,3	2,2	2,3	4,5
BA	10,0	10,0	-	<b>2.400</b>	2.200	(8,3)	24,0	22,0	(8,3)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>67,8</b>	<b>86,8</b>	<b>28,0</b>	<b>1.534</b>	<b>1.770</b>	<b>15,4</b>	<b>104,0</b>	<b>153,7</b>	<b>47,8</b>
MT	22,3	41,3	85,0	1.667	1.775	6,5	37,2	73,3	97,0
MS	26,0	26,0	-	1.300	1.511	16,2	33,8	39,3	16,3
GO	19,0	19,0	-	1.680	2.090	24,4	31,9	39,7	24,5
DF	0,5	0,5	-	2.200	2.717	23,5	1,1	1,4	27,3
<b>SUDESTE</b>	<b>128,8</b>	<b>128,8</b>	<b>-</b>	<b>1.271</b>	<b>1.362</b>	<b>7,2</b>	<b>164,6</b>	<b>175,4</b>	<b>6,6</b>
MG	109,7	109,7	-	1.227	1.320	7,6	134,6	144,8	7,6
ES	6,1	6,1	-	1.000	1.096	9,6	6,1	6,7	9,8
SP	13,0	13,0	-	1.836	1.841	0,3	23,9	23,9	-
<b>SUL</b>	<b>114,1</b>	<b>102,2</b>	<b>(10,4)</b>	<b>1.353</b>	<b>1.977</b>	<b>46,1</b>	<b>154,4</b>	<b>202,0</b>	<b>30,8</b>
PR	110,2	98,3	(10,8)	1.340	1.985	48,1	147,7	195,1	32,1
SC	3,9	3,9	-	1.728	1.775	2,7	6,7	6,9	3,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>67,3</b>	<b>62,0</b>	<b>(7,9)</b>	<b>851</b>	<b>816</b>	<b>(4,1)</b>	<b>54,3</b>	<b>50,6</b>	<b>(6,8)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>310,7</b>	<b>317,8</b>	<b>2,3</b>	<b>1.358</b>	<b>1.671</b>	<b>23,0</b>	<b>423,0</b>	<b>531,1</b>	<b>25,6</b>
<b>BRASIL</b>	<b>378,0</b>	<b>379,8</b>	<b>0,5</b>	<b>1.268</b>	<b>1.532</b>	<b>20,8</b>	<b>477,3</b>	<b>581,7</b>	<b>21,9</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>22,0</b>	<b>25,5</b>	<b>15,9</b>	<b>665</b>	<b>1.005</b>	<b>51,2</b>	<b>17,6</b>	<b>25,6</b>	<b>45,5</b>
AC	2,0	2,0	-	643	645	0,3	1,3	1,3	-
AM	3,3	3,5	6,0	900	896	(0,4)	3,0	3,1	3,3
TO	20,0	20,0	-	667	1.060	58,9	13,3	21,2	59,4
<b>NORDESTE</b>	<b>759,5</b>	<b>740,1</b>	<b>(2,6)</b>	<b>381</b>	<b>366</b>	<b>(4,0)</b>	<b>289,5</b>	<b>271,2</b>	<b>(6,3)</b>
MA	51,5	51,5	-	711	617	(13,2)	36,6	31,8	(13,1)
PI	5,4	5,4	-	545	639	17,2	2,9	3,5	20,7
CE	400,2	400,2	-	289	295	2,1	115,7	118,1	2,1
RN	45,1	45,1	-	382	396	3,7	17,2	17,9	4,1
PB	80,9	61,5	(24,0)	423	354	(16,3)	34,2	21,8	(36,3)
PE	126,4	126,4	-	300	314	4,7	37,9	39,7	4,7
BA	50,0	50,0	-	900	768	(14,7)	45,0	38,4	(14,7)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>241,7</b>	<b>219,7</b>	<b>(9,1)</b>	<b>950</b>	<b>1.120</b>	<b>18,0</b>	<b>251,7</b>	<b>246,2</b>	<b>(2,2)</b>
MT	220,1	198,1	(10,0)	1.043	1.105	5,9	229,6	218,9	(4,7)
MT	-	-	-	-	-	-	-	-	-
GO	21,1	21,1	-	1.020	1.260	23,5	21,5	26,6	23,7
DF	0,5	0,5	-	1.100	1.350	22,7	0,6	0,7	16,7
<b>SUDESTE</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>	<b>995</b>	<b>1.075</b>	<b>8,0</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>
MG	0,1	0,1	-	995	1.075	8,0	0,1	0,1	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>781,5</b>	<b>765,6</b>	<b>(2,0)</b>	<b>389</b>	<b>387</b>	<b>(0,5)</b>	<b>307,1</b>	<b>296,8</b>	<b>(3,4)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>241,8</b>	<b>219,8</b>	<b>(9,1)</b>	<b>950</b>	<b>1.120</b>	<b>18,0</b>	<b>251,8</b>	<b>246,3</b>	<b>(2,2)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.023,3</b>	<b>985,4</b>	<b>(3,7)</b>	<b>522</b>	<b>551</b>	<b>5,6</b>	<b>558,9</b>	<b>543,1</b>	<b>(2,8)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

### 8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>48,6</b>	<b>48,6</b>	<b>-</b>	<b>881</b>	<b>956</b>	<b>8,4</b>	<b>42,9</b>	<b>46,4</b>	<b>8,2</b>
RR	2,4	2,4	-	650	666	2,5	1,6	1,6	-
PA	34,5	34,5	-	778	737	(5,3)	26,9	25,4	(5,6)
TO	11,7	11,7	-	1.233	1.661	34,7	14,4	19,4	34,7
<b>NORDESTE</b>	<b>364,8</b>	<b>364,8</b>	<b>-</b>	<b>339</b>	<b>649</b>	<b>91,4</b>	<b>123,7</b>	<b>236,6</b>	<b>91,3</b>
PE	113,9	113,9	-	562	556	(1,1)	64,1	63,3	(1,2)
AL	33,0	33,0	-	441	486	10,0	14,6	16,0	9,6
SE	6,4	6,4	-	166	711	328,3	1,1	4,6	318,2
BA	211,5	211,5	-	208	722	247,6	43,9	152,7	247,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>91,8</b>	<b>91,8</b>	<b>-</b>	<b>2.666</b>	<b>2.705</b>	<b>1,5</b>	<b>244,7</b>	<b>248,4</b>	<b>1,5</b>
MT	29,0	29,0	-	2.149	2.313	7,6	62,3	67,1	7,7
GO	60,0	60,0	-	2.900	2.876	(0,8)	174,0	172,6	(0,8)
DF	2,8	2,8	-	2.992	3.106	3,8	8,4	8,7	3,6
<b>SUDESTE</b>	<b>78,0</b>	<b>78,0</b>	<b>-</b>	<b>2.627</b>	<b>2.591</b>	<b>(1,4)</b>	<b>204,9</b>	<b>202,1</b>	<b>(1,4)</b>
MG	65,8	65,8	-	2.663	2.626	(1,4)	175,2	172,8	(1,4)
SP	12,2	12,2	-	2.433	2.399	(1,4)	29,7	29,3	(1,3)
<b>SUL</b>	<b>2,2</b>	<b>2,2</b>	<b>-</b>	<b>1.074</b>	<b>970</b>	<b>(9,7)</b>	<b>2,4</b>	<b>2,1</b>	<b>(12,5)</b>
PR	2,2	2,2	-	1.074	970	(9,7)	2,4	2,1	(12,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>413,4</b>	<b>413,4</b>	<b>-</b>	<b>403</b>	<b>685</b>	<b>70,1</b>	<b>166,6</b>	<b>283,0</b>	<b>69,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>172,0</b>	<b>172,0</b>	<b>-</b>	<b>2.628</b>	<b>2.631</b>	<b>0,1</b>	<b>452,0</b>	<b>452,6</b>	<b>0,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>585,4</b>	<b>585,4</b>	<b>-</b>	<b>1.056</b>	<b>1.257</b>	<b>18,9</b>	<b>618,6</b>	<b>735,6</b>	<b>18,9</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



**Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>16,7</b>	<b>16,7</b>	-	<b>645</b>	<b>638</b>	<b>(1,1)</b>	<b>10,8</b>	<b>10,7</b>	<b>(0,9)</b>
PE	16,7	16,7	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	(0,9)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	-	<b>2.925</b>	<b>3.036</b>	<b>3,8</b>	<b>0,6</b>	<b>0,6</b>	-
DF	0,2	0,2	-	2.925	3.036	3,8	0,6	0,6	-
<b>SUDESTE</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	-	<b>1.117</b>	<b>1.101</b>	<b>(1,4)</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	-
MG	0,2	0,2	-	1.117	1.101	(1,4)	0,2	0,2	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>16,7</b>	<b>16,7</b>	-	<b>645</b>	<b>638</b>	<b>(1,1)</b>	<b>10,8</b>	<b>10,7</b>	<b>(0,9)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	-	<b>2.021</b>	<b>2.069</b>	<b>2,4</b>	<b>0,8</b>	<b>0,8</b>	-
<b>BRASIL</b>	<b>17,1</b>	<b>17,1</b>	-	<b>677</b>	<b>671</b>	<b>(0,8)</b>	<b>11,6</b>	<b>11,5</b>	<b>(0,9)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

**Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>8,3</b>	<b>8,3</b>	-	<b>802</b>	<b>850</b>	<b>6,0</b>	<b>6,7</b>	<b>7,0</b>	<b>4,5</b>
PA	7,6	7,6	-	627	594	(5,3)	4,8	4,5	(6,3)
TO	0,7	0,7	-	2.700	3.630	34,4	1,9	2,5	31,6
<b>NORDESTE</b>	<b>313,6</b>	<b>310,0</b>	<b>(1,1)</b>	<b>331</b>	<b>685</b>	<b>107,1</b>	<b>102,5</b>	<b>212,5</b>	<b>107,3</b>
PE	75,4	75,4	-	620	613	(1,1)	46,7	46,2	(1,1)
AL	26,7	26,7	-	450	495	10,0	12,0	13,2	10,0
SE	6,4	6,4	-	166	711	328,3	1,1	4,6	318,2
BA	201,5	201,5	-	212	737	247,6	42,7	148,5	247,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>91,6</b>	<b>91,6</b>	-	<b>2.665</b>	<b>2.704</b>	<b>1,5</b>	<b>244,1</b>	<b>247,8</b>	<b>1,5</b>
MT	29,0	29,0	-	2.149	2.313	7,6	62,3	67,1	7,7
GO	60,0	60,0	-	2.900	2.876	(0,8)	174,0	172,6	(0,8)
DF	2,6	2,6	-	2.997	3.111	3,8	7,8	8,1	3,8
<b>SUDESTE</b>	<b>77,8</b>	<b>77,8</b>	-	<b>2.627</b>	<b>2.595</b>	<b>(1,2)</b>	<b>204,7</b>	<b>201,9</b>	<b>(1,4)</b>
MG	65,6	65,6	-	2.668	2.631	(1,4)	175,0	172,6	(1,4)
SP	12,2	12,2	-	2.433	2.399	(1,4)	29,7	29,3	(1,3)
<b>SUL</b>	<b>2,2</b>	<b>2,2</b>	-	<b>1.004</b>	<b>970</b>	<b>(3,4)</b>	<b>2,4</b>	<b>2,1</b>	<b>(12,5)</b>
PR	2,2	2,2	-	1.074	970	(9,7)	2,4	2,1	(12,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>321,9</b>	<b>318,3</b>	<b>(1,1)</b>	<b>343</b>	<b>690</b>	<b>101,0</b>	<b>109,2</b>	<b>219,5</b>	<b>101,0</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>171,6</b>	<b>171,6</b>	-	<b>2.626</b>	<b>2.632</b>	<b>0,2</b>	<b>451,2</b>	<b>451,8</b>	<b>0,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>493,5</b>	<b>489,9</b>	<b>(0,7)</b>	<b>1.137</b>	<b>1.370</b>	<b>20,5</b>	<b>560,4</b>	<b>671,3</b>	<b>19,8</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

**Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>40,3</b>	<b>40,3</b>	-	<b>898</b>	<b>978</b>	<b>8,9</b>	<b>36,2</b>	<b>39,4</b>	<b>8,8</b>
RR	2,4	2,4	-	650	666	2,5	1,6	1,6	-
PA	26,9	26,9	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	(5,4)
TO	11,0	11,0	-	1.140	1.536	34,7	12,5	16,9	35,2
<b>NORDESTE</b>	<b>38,1</b>	<b>38,1</b>	-	<b>270</b>	<b>353</b>	<b>30,7</b>	<b>10,3</b>	<b>13,5</b>	<b>31,1</b>
PE	21,8	21,8	-	300	297	(1,0)	6,5	6,5	-
AL	6,3	6,3	-	405	446	10,1	2,6	2,8	7,7
BA	10,0	10,0	-	120	417	247,5	1,2	4,2	250,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>78,4</b>	<b>78,4</b>	-	<b>593</b>	<b>674</b>	<b>13,7</b>	<b>46,5</b>	<b>52,9</b>	<b>13,8</b>
<b>BRASIL</b>	<b>78,4</b>	<b>78,4</b>	-	<b>593</b>	<b>674</b>	<b>13,7</b>	<b>46,5</b>	<b>52,9</b>	<b>13,8</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019



#### 8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>98,1</b>	<b>96,7</b>	<b>(1,4)</b>	<b>797</b>	<b>928</b>	<b>16,5</b>	<b>78,3</b>	<b>89,7</b>	<b>14,6</b>
RR	2,4	2,4	-	650	666	2,5	1,6	1,6	-
RO	9,4	9,4	-	862	868	0,7	8,1	8,2	1,2
AC	7,6	7,6	-	605	607	0,3	4,6	4,6	-
AM	3,3	3,5	6,1	900	896	(0,4)	3,0	3,1	3,3
AP	1,4	1,4	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	(7,1)
PA	34,5	34,5	-	778	737	(5,3)	26,9	25,4	(5,6)
TO	39,5	37,9	(4,1)	827	1.200	45,1	32,7	45,5	39,1
<b>NORDESTE</b>	<b>1.601,4</b>	<b>1.582,4</b>	<b>(1,2)</b>	<b>400</b>	<b>448</b>	<b>12,0</b>	<b>641,0</b>	<b>709,3</b>	<b>10,7</b>
MA	89,1	87,3	(2,0)	654	577	(11,7)	58,2	50,4	(13,4)
PI	240,7	211,8	(12,0)	389	313	(19,6)	93,5	66,2	(29,2)
CE	404,4	404,4	-	291	298	2,1	117,9	120,3	2,0
RN	45,1	45,1	-	382	396	3,7	17,2	17,9	4,1
PB	108,8	87,2	(19,9)	431	363	(15,9)	46,9	31,6	(32,6)
PE	245,7	245,7	-	424	429	1,1	104,1	105,3	1,2
AL	33,0	33,0	-	441	486	10,0	14,6	16,0	9,6
SE	6,4	6,4	-	166	711	328,3	1,1	4,6	318,2
BA	428,2	461,5	7,8	438	644	47,0	187,5	297,0	58,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>483,1</b>	<b>458,6</b>	<b>(5,1)</b>	<b>1.638</b>	<b>1.680</b>	<b>2,5</b>	<b>791,4</b>	<b>770,3</b>	<b>(2,7)</b>
MT	284,0	278,2	(2,0)	1.237	1.340	8,4	351,3	372,9	6,1
MS	26,8	26,8	-	1.310	1.520	16,0	35,1	40,7	16,0
GO	156,3	139,4	(10,8)	2.353	2.305	(2,0)	367,7	321,4	(12,6)
DF	16,0	14,2	(11,3)	2.334	2.484	6,4	37,3	35,3	(5,4)
<b>SUDESTE</b>	<b>460,3</b>	<b>420,8</b>	<b>(8,6)</b>	<b>1.701</b>	<b>1.684</b>	<b>(1,0)</b>	<b>783,0</b>	<b>708,6</b>	<b>(9,5)</b>
MG	339,2	328,6	(3,1)	1.514	1.555	2,7	513,6	511,1	(0,5)
ES	14,7	14,7	-	943	1.009	7,0	13,9	14,8	6,5
RJ	1,2	1,3	8,3	883	861	(2,4)	1,1	1,1	-
SP	105,2	76,2	(27,6)	2.419	2.383	(1,5)	254,4	181,6	(28,6)
<b>SUL</b>	<b>528,8</b>	<b>455,6</b>	<b>(13,8)</b>	<b>1.555</b>	<b>1.726</b>	<b>11,0</b>	<b>822,4</b>	<b>786,6</b>	<b>(4,4)</b>
PR	399,1	340,0	(14,8)	1.472	1.715	16,5	587,4	582,9	(0,8)
SC	70,9	57,7	(18,6)	1.797	1.774	(1,3)	127,4	102,4	(19,6)
RS	58,8	57,9	(1,5)	1.830	1.749	(4,4)	107,6	101,3	(5,9)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.699,5</b>	<b>1.679,1</b>	<b>(1,2)</b>	<b>423</b>	<b>476</b>	<b>12,5</b>	<b>719,3</b>	<b>799,0</b>	<b>11,1</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.472,2</b>	<b>1.335,0</b>	<b>(9,3)</b>	<b>1.628</b>	<b>1.697</b>	<b>4,2</b>	<b>2.396,8</b>	<b>2.265,5</b>	<b>(5,5)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>3.171,7</b>	<b>3.014,1</b>	<b>(5,0)</b>	<b>982</b>	<b>1.017</b>	<b>3,5</b>	<b>3.116,1</b>	<b>3.064,5</b>	<b>(1,7)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>18,5</b>	<b>18,3</b>	<b>(1,1)</b>	<b>624</b>	<b>615</b>	<b>(1,5)</b>	<b>11,6</b>	<b>11,3</b>	<b>(2,6)</b>
PB	1,8	1,6	(11,1)	434	375	(13,6)	0,8	0,6	(25,0)
PE	16,7	16,7	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	(0,9)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,5</b>	<b>1,3</b>	<b>(13,3)</b>	<b>2.033</b>	<b>2.105</b>	<b>3,5</b>	<b>3,1</b>	<b>2,7</b>	<b>(12,9)</b>
MS	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DF	1,5	1,3	(13,3)	2.033	2.105	3,5	3,1	2,7	(12,9)
<b>SUDESTE</b>	<b>19,1</b>	<b>22,4</b>	<b>17,3</b>	<b>859</b>	<b>897</b>	<b>4,5</b>	<b>16,5</b>	<b>20,0</b>	<b>21,2</b>
MG	13,4	16,6	23,9	857	896	4,6	11,5	14,8	28,7
ES	4,5	4,5	-	856	910	6,4	3,9	4,1	5,1
RJ	1,2	1,3	8,3	883	861	(2,4)	1,1	1,1	-
<b>SUL</b>	<b>289,6</b>	<b>269,2</b>	<b>(7,0)</b>	<b>1.583</b>	<b>1.588</b>	<b>0,3</b>	<b>458,5</b>	<b>427,6</b>	<b>(6,7)</b>
PR	205,8	187,0	(9,1)	1.543	1.587	2,9	317,4	296,8	(6,5)
SC	35,0	34,3	(2,0)	1.728	1.649	(4,6)	60,5	56,6	(6,4)
RS	48,8	47,9	(1,8)	1.652	1.550	(6,1)	80,6	74,2	(7,9)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>18,5</b>	<b>18,3</b>	<b>(1,1)</b>	<b>624</b>	<b>615</b>	<b>(1,5)</b>	<b>11,6</b>	<b>11,3</b>	<b>(2,6)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>310,2</b>	<b>292,9</b>	<b>(5,6)</b>	<b>1.541</b>	<b>1.538</b>	<b>(0,2)</b>	<b>478,1</b>	<b>450,3</b>	<b>(5,8)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>328,7</b>	<b>311,2</b>	<b>(5,3)</b>	<b>1.489</b>	<b>1.484</b>	<b>(0,4)</b>	<b>489,7</b>	<b>461,6</b>	<b>(5,7)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>27,4</b>	<b>27,0</b>	<b>(1,5)</b>	<b>781</b>	<b>824</b>	<b>5,6</b>	<b>21,4</b>	<b>22,1</b>	<b>3,3</b>
RO	9,4	9,4	-	862	868	0,7	8,1	8,2	1,2
AC	5,6	5,6	-	592	594	0,3	3,3	3,3	-
AM	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AP	1,4	1,4	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	(7,1)
PA	7,6	7,6	-	627	594	(5,3)	4,8	4,5	(6,3)
TO	3,4	3,0	(11,8)	1.121	1.641	46,3	3,8	4,8	26,3
<b>NORDESTE</b>	<b>399,6</b>	<b>408,7</b>	<b>2,3</b>	<b>409</b>	<b>667</b>	<b>63,1</b>	<b>163,4</b>	<b>272,8</b>	<b>67,0</b>
CE	4,2	4,2	-	526	540	2,7	2,2	2,3	4,5
PB	26,1	24,1	(7,7)	457	385	(15,8)	11,9	9,3	(21,8)
PE	80,8	80,8	-	605	600	(0,8)	48,9	48,5	(0,8)
AL	26,7	26,7	-	450	495	10,0	12,0	13,2	10,0
SE	6,4	6,4	-	166	711	328,3	1,1	4,6	318,2
BA	255,4	266,5	4,3	342	731	113,8	87,3	194,9	123,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>233,5</b>	<b>231,3</b>	<b>(0,9)</b>	<b>2.266</b>	<b>2.224</b>	<b>(1,9)</b>	<b>529,1</b>	<b>514,4</b>	<b>(2,8)</b>
MT	57,5	73,8	28,3	1.983	1.991	0,4	114,0	147,0	28,9
MS	26,8	26,8	-	1.310	1.520	16,0	35,1	40,7	16,0
GO	135,2	118,3	(12,5)	2.561	2.492	(2,7)	346,2	294,8	(14,8)
DF	14,0	12,4	(11,4)	2.410	2.569	6,6	33,8	31,9	(5,6)
<b>SUDESTE</b>	<b>427,3</b>	<b>382,0</b>	<b>(10,6)</b>	<b>1.776</b>	<b>1.779</b>	<b>0,2</b>	<b>758,9</b>	<b>679,5</b>	<b>(10,5)</b>
MG	311,9	295,6	(5,2)	1.585	1.648	4,0	494,4	487,1	(1,5)
ES	10,2	10,2	-	982	1.053	7,2	10,0	10,8	8,0
SP	105,2	76,2	(27,6)	2.419	2.383	(1,5)	254,5	181,6	(28,6)
<b>SUL</b>	<b>239,2</b>	<b>186,4</b>	<b>(22,1)</b>	<b>1.521</b>	<b>1.926</b>	<b>26,6</b>	<b>363,9</b>	<b>358,9</b>	<b>(1,4)</b>
PR	193,3	153,0	(20,8)	1.396	1.870	33,9	270,0	286,1	6,0
SC	35,9	23,4	(34,8)	1.864	1.958	5,0	66,9	45,8	(31,5)
RS	10,0	10,0	-	2.700	2.700	-	27,0	27,0	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>427,0</b>	<b>435,7</b>	<b>2,0</b>	<b>433</b>	<b>677</b>	<b>56,4</b>	<b>184,8</b>	<b>294,9</b>	<b>59,6</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>900,0</b>	<b>799,7</b>	<b>(11,1)</b>	<b>1.835</b>	<b>1.942</b>	<b>5,8</b>	<b>1.651,9</b>	<b>1.552,8</b>	<b>(6,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.327,0</b>	<b>1.235,4</b>	<b>(6,9)</b>	<b>1.384</b>	<b>1.496</b>	<b>8,1</b>	<b>1.836,7</b>	<b>1.847,7</b>	<b>0,6</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>70,7</b>	<b>69,7</b>	<b>(1,4)</b>	<b>803</b>	<b>968</b>	<b>20,6</b>	<b>56,8</b>	<b>67,5</b>	<b>18,8</b>
RR	2,4	2,4	-	650	666	2,5	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	643	645	0,3	1,3	1,3	-
PA	26,9	26,9	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	(5,4)
TO	36,1	34,9	(3,3)	799	1.163	45,4	28,8	40,6	41,0
<b>NORDESTE</b>	<b>1.183,3</b>	<b>1.155,4</b>	<b>(2,4)</b>	<b>394</b>	<b>368</b>	<b>(6,5)</b>	<b>465,9</b>	<b>425,5</b>	<b>(8,7)</b>
MA	89,1	87,3	(2,0)	654	577	(11,7)	58,2	50,4	(13,4)
PI	240,7	211,8	(12,0)	389	313	(19,6)	93,5	66,2	(29,2)
CE	400,2	400,2	-	289	295	2,1	115,7	118,1	2,1
RN	45,1	45,1	-	382	396	3,7	17,2	17,9	4,1
PB	80,9	61,5	(24,0)	423	354	(16,3)	34,2	21,8	(36,3)
PE	148,2	148,2	-	300	311	3,8	44,4	46,2	4,1
AL	6,3	6,3	-	405	446	10,1	2,6	2,8	7,7
BA	172,8	195,0	12,8	579	524	(9,6)	100,1	102,1	2,0
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>248,1</b>	<b>226,0</b>	<b>(8,9)</b>	<b>1.045</b>	<b>1.120</b>	<b>7,2</b>	<b>259,4</b>	<b>253,2</b>	<b>(2,4)</b>
MT	226,5	204,4	(9,8)	1.047	1.105	5,5	237,3	225,9	(4,8)
DF	0,5	0,5	-	1.100	1.350	22,7	0,6	0,7	16,7
<b>SUDESTE</b>	<b>13,9</b>	<b>16,4</b>	<b>18,0</b>	<b>551</b>	<b>551</b>	<b>-</b>	<b>7,7</b>	<b>9,0</b>	<b>16,9</b>
MG	13,9	16,4	18,0	551	551	-	7,7	9,0	16,9
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.254,0</b>	<b>1.225,1</b>	<b>(2,3)</b>	<b>417</b>	<b>402</b>	<b>(3,5)</b>	<b>522,7</b>	<b>493,0</b>	<b>(5,7)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>262,0</b>	<b>242,4</b>	<b>(7,5)</b>	<b>1.019</b>	<b>1.082</b>	<b>6,2</b>	<b>267,1</b>	<b>262,2</b>	<b>(1,8)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.516,0</b>	<b>1.467,5</b>	<b>(3,2)</b>	<b>521</b>	<b>515</b>	<b>(1,2)</b>	<b>789,8</b>	<b>755,2</b>	<b>(4,4)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



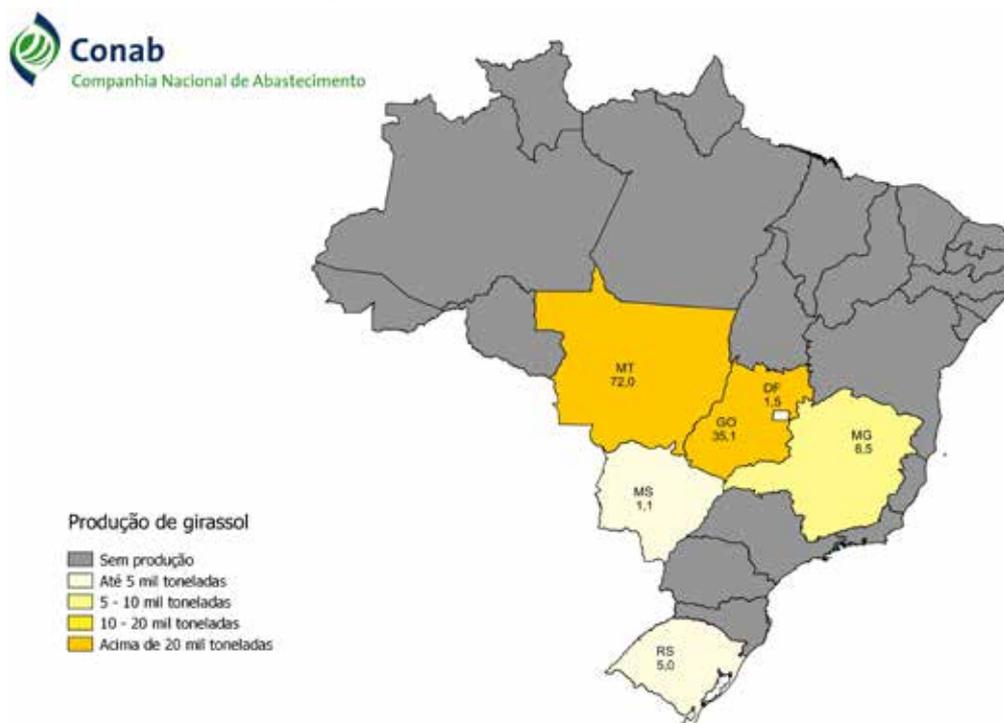
## 8.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, a expectativa é de redução da área plantada com girassol em relação ao último ano, com retração de 60,5 mil hectares para 44,5 mil hectares, recuo de 26,5%. Ainda que a cultura apresente patamar de preço considerado bom, ela deve perder espaço para o algodão. Na região de Campo Novo do Parecis, polo nacional da cultura, é registrada uma

retração significativa, e nesse ciclo haverá também plantio no médio-norte, a exemplo do último ano. Os trabalhos de plantio devem se intensificar em fevereiro, com término até o início de março.

Praticamente toda a produção da safra futura já se encontra comercializada.

Figura 30 - Mapa da produção agrícola - Girassol



Fonte: Conab.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>84,1</b>	<b>68,1</b>	<b>(19,0)</b>	<b>1.526</b>	<b>1.609</b>	<b>5,4</b>	<b>128,3</b>	<b>109,7</b>	<b>(14,5)</b>
MT	60,5	44,5	(26,5)	1.685	1.617	(4,0)	101,9	72,0	(29,3)
MS	0,7	0,7	-	1.100	1.527	38,8	0,8	1,1	37,5
GO	22,2	22,2	-	1.080	1.579	46,2	24,0	35,1	46,3
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.100	(8,7)	1,6	1,5	(6,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>8,1</b>	<b>8,1</b>	<b>-</b>	<b>1.052</b>	<b>1.052</b>	<b>-</b>	<b>8,5</b>	<b>8,5</b>	<b>-</b>
MG	8,1	8,1	-	1.052	1.052	-	8,5	8,5	-
<b>SUL</b>	<b>3,3</b>	<b>3,3</b>	<b>-</b>	<b>1.626</b>	<b>1.500</b>	<b>(7,7)</b>	<b>5,4</b>	<b>5,0</b>	<b>(7,4)</b>
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.500	(7,7)	5,4	5,0	(7,4)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>95,5</b>	<b>79,5</b>	<b>(16,8)</b>	<b>1.489</b>	<b>1.547</b>	<b>3,9</b>	<b>142,2</b>	<b>123,2</b>	<b>(13,4)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>95,5</b>	<b>79,5</b>	<b>(16,8)</b>	<b>1.489</b>	<b>1.547</b>	<b>3,9</b>	<b>142,2</b>	<b>123,2</b>	<b>(13,4)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



### 8.1.6. MAMONA

A estimativa para a safra 2018/19 é de incremento na área plantada, principalmente na Bahia, maior estado produtor. A previsão é que sejam cultivados 47,9 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivale a um aumento de 50,6% na área.

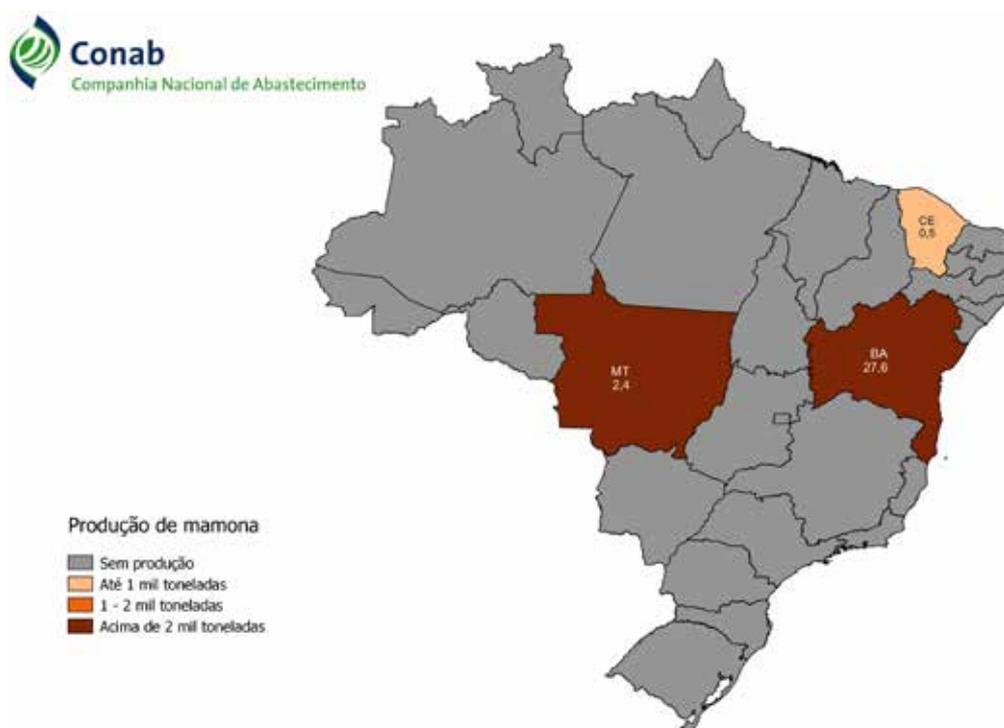
Na Bahia estima-se o cultivo de 43,2 mil hectares, com a produção de 27,6 mil toneladas de grãos de mamona. Essa estimativa de produção é 62% maior que a produção finalizada em 2017/18. A área cultivada aumentou 60% e espera-se o rendimento de 639 kg/ha (10,7 scs/ha).

O cultivo da mamona é realizado no sistema solteiro (mono cultivo) ou consorciado com feijão caupi,

em sistema de produção semiperene, podendo-se encontrar lavouras em diferentes estágios vegetativos, conduzidos por médios e pequenos produtores, com pouco aporte de insumos, em regime de sequeiro ou irrigado com gotejamento. As áreas produtivas estão localizadas exclusivamente no centro-norte. O grande crescimento da área cultivada se deve à retomada das áreas em pousio.

Em Mato Grosso, a cultura ainda é pouco difundida entre os produtores. No entanto representa boa alternativa de cultura de segunda safra, com boa rentabilidade, tendo potencial de crescimento. Calcula-se que 2,7 mil hectares serão semeados no estado, com rendimento médio projetado em 900 kg/ha.

Figura 31 - Mapa da produção agrícola - Mamona



Fonte: Conab.



**Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>29,0</b>	<b>45,2</b>	<b>55,9</b>	<b>606</b>	<b>622</b>	<b>2,7</b>	<b>17,5</b>	<b>28,1</b>	<b>60,6</b>
CE	2,0	2,0	-	262	257	(1,9)	0,5	0,5	-
BA	27,0	43,2	60,0	631	639	1,3	17,0	27,6	62,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2,7</b>	<b>2,7</b>	<b>-</b>	<b>900</b>	<b>900</b>	<b>-</b>	<b>2,4</b>	<b>2,4</b>	<b>-</b>
MT	2,7	2,7	-	900	900	-	2,4	2,4	-
<b>SUDESTE</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>	<b>896</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>
MG	0,1	-	-	896	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>29,0</b>	<b>45,2</b>	<b>55,9</b>	<b>606</b>	<b>622</b>	<b>2,7</b>	<b>17,5</b>	<b>28,1</b>	<b>60,6</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2,8</b>	<b>2,7</b>	<b>(3,6)</b>	<b>900</b>	<b>900</b>	<b>-</b>	<b>2,5</b>	<b>2,4</b>	<b>(4,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>31,8</b>	<b>47,9</b>	<b>50,6</b>	<b>631</b>	<b>638</b>	<b>1,0</b>	<b>20,0</b>	<b>30,5</b>	<b>52,5</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

## 8.1.7. MILHO

### 8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Observa-se, para esta temporada, uma tendência de redução na área plantada do milho primeira safra brasileira de 1,2% em relação à safra passada, totalizando 5.018,7 mil hectares. O acompanhamento da evolução de áreas semeadas e as condições de desenvolvimento do milho em cada estado são descritas a seguir.

Em Rondônia, a área estimada para a safra 2018/19 é de 18.906 hectares, uma forte redução de 35% se comparada à safra anterior, mesmo com a valorização ocorrida nas cotações do cereal. O produtor rural familiar tem se dedicado a outras culturas e atividades dentro da propriedade rural, tais como: café, piscicultura, criação de gado de corte e leite, urucum, abacaxi, cará, entre outras. As roças de milho são cada vez menores e, em poucas propriedades, em alguns casos, o milho é inserido nas linhas situadas nas ruas dos cafezais em formação, cultivado às margens de rodovias e estradas. A produtividade, estimada em 2.471 kg/ha, é justificada porque a cultura, de forma geral, não recebe calcário, fertilizantes e poucos produtores fazem o controle de pragas. A produção no estado tende a ser de 46,7 mil toneladas. As lavouras já foram todas semeadas e atualmente os estádios da cultura são os seguintes: 20% em enchimento de grãos, 60% em maturação e 20% colhido.

Em Tocantins houve grande redução da área de milho de primeira safra, estimada agora em 35%. Os baixos preços praticados, o alto custo de produção e os elevados estoques do grão, contrapondo as boas expecta-

tivas no mercado da soja, não estimularam os produtores ao plantio desta lavoura. Ocorreu também, uma dificuldade de comercialização do milho colhido na safrinha devido à contaminação dos grãos por aflatoxina em grandes lotes do produto no estado, e tal preocupação contribuiu para uma migração acima do esperado destes para o plantio da soja. O início antecipado das chuvas e a aceleração do plantio da soja também colaboram para essa expectativa de redução de área, pois os produtores terão uma maior janela de plantio da leguminosa. Já para os agricultores familiares a expectativa de redução de área decorre principalmente da diminuição da distribuição de sementes pelos órgãos governamentais de extensão rural.

**Figura 32 - Lavoura de milho primeira Safra – Cassara -TO**



Fonte: Conab.



**Figura 33 - Plantio de milho segunda safra – Nova Rosalândia -TO**



Fonte: Conab.

No Maranhão foi evidenciada ligeira redução da área plantada de 1,3%, em relação ao exercício passado. O rendimento médio nas diversas regiões que utilizam baixo nível tecnológico deve ficar abaixo de 60 scs/ha, ao passo que na região sul do estado, onde há emprego de avançada tecnologia nas unidades produtivas, o rendimento médio deve permanecer em torno de 130 scs/ha.

As fortes estiagens evidenciadas devem favorecer o aumento da área plantada de milho safrinha como forma de minimizar os impactos resultantes das perdas com a lavoura de soja, em um percentual ainda não definido. Em diversas unidades produtivas que cultivaram soja sequeiro haverá viabilidade de aproveitamento do grão colhido, em razão da baixa qualidade e peso apresentado, obrigando o produtor a incorporar a cultura ao solo, a exemplo do ocorrido no município de São Raimundo das Mangabeiras.

**Figura 34- Lavoura de milho estado do Maranhão**



Fonte: Conab.

No Piauí, a área de milho da primeira safra terá uma redução de 10,1% em relação à safra passada, devendo atingir 382,3 mil hectares. Esta variação possui dois componentes, primeiro - redução da área informada anteriormente da agricultura familiar e segundo - au-

mento na área da agricultura empresarial na ordem de 9%. Dessa forma, a produtividade média esperada para a cultura no estado gira agora em torno dos 3.359 kg/ha, aumento de 11,9% em relação à expectativa inicial, já que aumentou a participação da agricultura empresarial. O plantio do milho teve início na última quinzena de novembro e se estendeu até o início de janeiro na região sudoeste piauiense e deve encerrar em fevereiro na região norte. O veranico que atingiu o estado a partir do dia 11 de dezembro de 2018 e se estendeu em algumas regiões por um período médio de 30 dias, afetando o desenvolvimento das lavouras, que apresentam as seguintes condições: 65% boas, 25% regulares e 10% ruins. As lavouras se encontram predominantemente em estágio de desenvolvimento vegetativo, com cerca de 80% das lavouras neste estágio. Foi registrada presença de pragas, tais como lagarta e gafanhoto, sem, no entanto, apresentar dificuldade no combate. Não houve registro de doenças na lavoura de milho até o momento.

**Figura 35 - Lavoura de milho em Baixa Grande do Ribeiro - PI**



Fonte: Conab.

**Figura 36 - Milho em floração em Baixa Grande do Ribeiro - PI**



Fonte: Conab.

Na Bahia estima-se o cultivo de 360,1 mil hectares com a produção de 1,3 milhão de toneladas de grãos de milho. Essa estimativa de produção é 37,3% menor que a estimativa da safra passada em razão dos riscos climáticos que ocorreram nas regiões produtoras. As áreas cultivadas com as lavouras de milho se esten-



dem por todo o estado conduzidas por grandes, médios e pequenos produtores, com diversificado aporte tecnológico e utilização de insumos, ocupando áreas produtivas no extremo-oeste, centro-sul, centro-norte e vale do São Francisco. Registra-se a redução de 5,3% na área cultivada em relação à safra passada, principalmente devido à redução do cultivo por pequenos produtores no extremo-oeste, esperando-se uma produtividade média de 3.645 kg/ha. Os plantios das lavouras de milho estão finalizados, com a estimativa do cultivo de 150 mil hectares de lavouras comerciais cultivadas por grandes produtores que abastecem a cadeia produtiva de aves e suínos do Nordeste e 210 mil hectares cultivadas por pequenos e médios produtores que prioritariamente utilizam na alimentação das criações das famílias, com comercialização de excedentes em mercado local.

Em Mato Grosso, a semeadura do milho primeira safra é bastante pontual e se restringe ao atendimento do autoconsumo, a exemplo da ração animal para confinamento. Estima-se a semeadura de 40 mil hectares no exercício 2018/19, aumento de 47% em relação aos 27,2 mil hectares do ciclo anterior. Em razão das adversidades do clima, a produtividade média está projetada em 7.049 kg/ha, queda de 3,8% em relação aos 7.331 kg/ha registrados em 2017/18, resultando na produção de 282 mil toneladas.

### Figura 37 - Lavoura de milho em fase vegetativa em Primavera do Leste -MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, na região norte, principal produtora estadual, os problemas com a seca na cultura do milho causaram menos impacto que os da cultura da soja, porque a maioria das lavouras foram plantadas em novembro, e a seca de dezembro impactou menos, já que estavam em desenvolvimento vegetativo. Quando se analisa as condições climáticas, na maioria das localidades, considera-se o clima como regular, apesar das instabilidades das chuvas, e isso tem levantando a possibilidade de quebra com a redução de porte das plantas. Com relação a pragas e do-

enças, os produtores a cada safra vêm investindo no bom manejo, sendo consideradas como controladas no presente momento. Atualmente não foi levantado a expectativa de perdas representativas para a cultura, pois o clima e demais fatores não estão causando problemas significativos. A média de produtividade estimada é de 8.500 kg/ha, em uma área de aproximadamente 17 mil hectares e a maior parte das áreas se encontra em desenvolvimento vegetativo e enchimento de grãos.

### Figura 38 - Aplicação de herbicida pré-emergente na cultura do milho segunda safra no município de Antônio João – MS



Fonte: Conab.

Em Goiás, a maioria das áreas já estão na fase de maturação. O veranico ocorrido em dezembro prejudicou a fase de enchimento de grãos. Temperaturas altas nas lavouras causaram prejuízos às plantas e as temperaturas superiores a 35°C poderão interferir na produtividade em algumas regiões, com a redução na fecundação das plantas. Verificou-se forte migração de área do milho verão para a cultura da soja. As áreas com milho verão, principalmente na região central e norte do estado, serão destinadas para silagem e não para grãos.

### Figura 39 - Lavoura de milho primeira safra em fase de maturação – Chapadão do Céu - GO



Fonte: Conab.



**Figura 40 - Lavoura de milho primeira safra em fase final de enchimento de grãos – Cristalina-  
-GO**



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, as lavouras se encontravam em estádios avançados de desenvolvimento vegetativo, o veranico ocorrido nas últimas semanas de janeiro já configura redução de 3,5% na produtividade em comparação a safra anterior. A área semeada foi de 26.700 hectares, redução de 4% se comparada com a safra anterior. A produtividade média estimada é de 7.820 kg/ha, ante os 8.100 kg/ha obtidos na safra passada, o que poderá resultar em uma produção de 208,8 mil toneladas, 7,3% inferior à produzida em 2018.

**Figura 41- Lavoura de milho primeira safra na fase de enchimento de grãos no Distrito Federal**



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, a área de plantio de milho na safra de verão apresenta redução em comparação com a safra anterior em razão do aumento das áreas de plantio com soja, que vem apresentando maior rentabilidade e liquidez em comparação com o milho, além de também apresentar custos de produção bem superior ao da oleaginosa. Estima-se que a área plantada nesta safra seja 6,3% menor em relação à safra passada, com produtividade média ajustada para 6.296 kg/ha em razão das condições climáticas adversas em regiões de expressiva produção como Triângulo Mineiro, Noroeste e Alto Paranaíba, caracterizadas por elevadas temperaturas e pela descontinuidade das chuvas

a partir do final de dezembro de 2018. As lavouras se encontram predominantemente entre os estádios de apendoamento e enchimento de grãos, mas ainda existe um pequeno percentual em desenvolvimento vegetativo e maturação.

Em São Paulo, na presente safra, o milho vem apresentando variações decrescentes nos seus preços e, dessa forma, o produtor tem optado pelo plantio da soja. O plantio apresentou queda de 2,4% na área plantada em relação ao ano passado e as adversidades climáticas sugerem uma redução de 6,6% na produtividade.

**Figura 42 - Lavoura de Milho no estado de São Paulo**



Fonte: Conab.

No Paraná, a safra de milho foi menos afetada pelo clima seco. Devido ao plantio ser concentrado em regiões de elevada altitude, o clima ameno nestes lugares contribuiu com a manutenção da umidade no solo e nas plantas, diminuindo o deficit hídrico. A expectativa de produção do cereal ainda é 10,6% superior à da safra passada, principalmente devido ao incremento de área. A colheita já se iniciou, mas deverá ser parcialmente suspensa até o término da colheita da soja, quando os produtores retornam para colher o cereal.

**Figura 43 - Lavoura de milho primeira safra em frutificação em Céu Azul - PR**



Fonte: Conab.



**Figura 44 - Lavoura de milho segunda safra em desenvolvimento vegetativo em Medianeira - PR**



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, as lavouras de milho se encontram totalmente implantadas. Os estádios atuais são de 13% em floração, 47% em formação de grãos, 29% em maturação e 9% colhidos, concentrado no oeste do estado, onde o plantio ocorre mais cedo. As lavouras são consideradas boas em 94% dos casos, e 6% regulares. Os grãos colhidos, até o momento, são de boa qualidade. A sanidade das lavouras ainda em desenvolvimento é considerada boa, sem problemas relativos ao ataque de pragas e doenças, visto que a aplicação de defensivos está sendo executada de acordo com a recomendação da assistência técnica e casos específicos, para controle localizado de algum patógeno. A ocorrência de temperaturas extremamente elevadas, acima da média histórica, proporcionou uma redução do ciclo da cultura, antecipando a colheita do cereal em alguns locais. A área de milho primeira safra, na temporada 2018/19, aumentou aproximadamente 5% em relação à safra anterior. Já a produtividade, a expectativa é de elevação em 1,5% no comparativo com a safra anterior. A atuação do fenômeno El Niño, em boa parte do estado trouxe chuvas mais regulares em grande parte das regiões, a partir do início de 2019, resultando em precipitações acumuladas entre 70 a 200 mm, dependendo da região.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas em janeiro foram boas para o desenvolvimento do milho, com chuvas regulares nas regiões produtoras, favorecendo o enchimento de grãos. No entanto no mês anterior o clima era de apreensão entre os produtores e técnicos, pela estiagem de cerca de 20 dias

ocorrida e que pegou parte das lavouras em períodos críticos do florescimento e enchimento de grãos. Na semana do levantamento, cerca de 12% da área com o cereal estava colhida, com maiores participações nas regiões das Missões e Alto Uruguai. Cerca de 30% das áreas estão em maturação, 42% em enchimento de grãos, 7% em floração e 9% em desenvolvimento vegetativo. A expectativa de produtividade em relação ao levantamento anterior foi elevada pela maioria dos informantes, ficando a média estadual em 7.562 kg/ha, 1,2% acima do anterior e 14,1% em relação à safra passada. Cabe destacar as lavouras irrigadas, cujo rendimento facilmente superam os 12.000 kg/ha.

**Figura 45 - Lavoura de milho em Palmeira das Missões - RS**

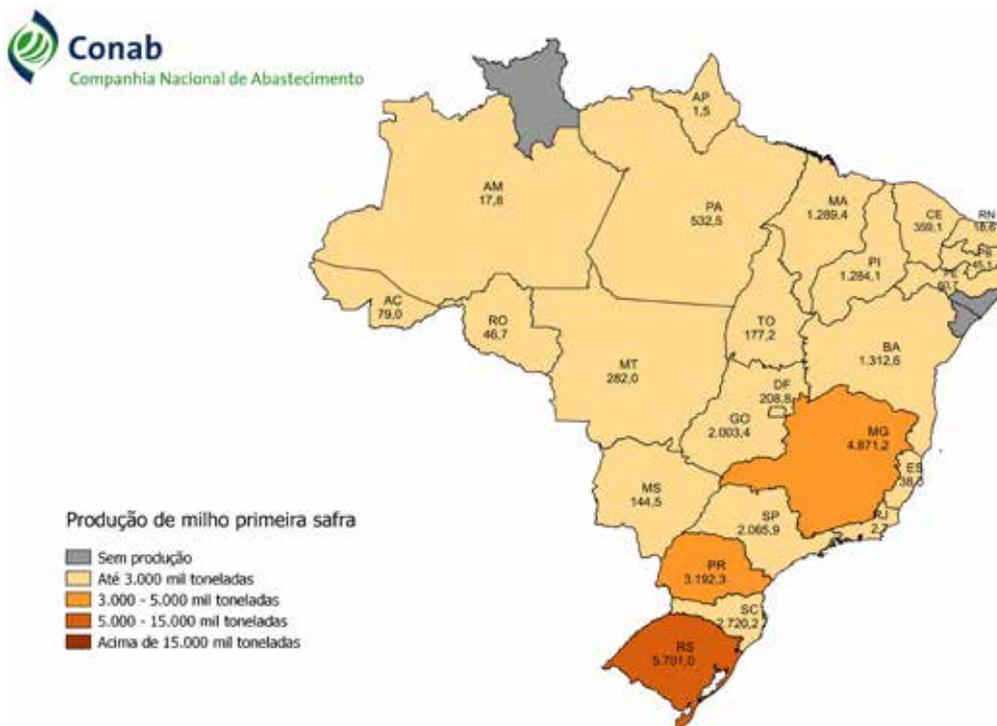


Fonte: Conab.

Com relação ao milho da segunda safra, a despeito de nesta temporada ter ocorrido a antecipação do plantio da soja em importantes estados produtores, o que ensejaria o simultâneo plantio do milho segunda safra, a falta de chuvas, associada às elevadas temperaturas, fizeram com que os produtores alterassem o planejamento dos plantios, aguardando a melhoria das condições, por ocasião do levantamento a campo realizado pela Conab. Dessa forma, com exceção do Mato Grosso e Paraná, foram repetidos os dados de área da safra passada que, agregados às informações acumuladas do milho primeira safra, consolida para este exercício a área brasileira plantada com o cereal de 16.824,6 mil hectares, representando incremento de 1,3% em relação à safra passada, e produção de 91.652,3 mil toneladas, 13,6% acima do exercício passado.

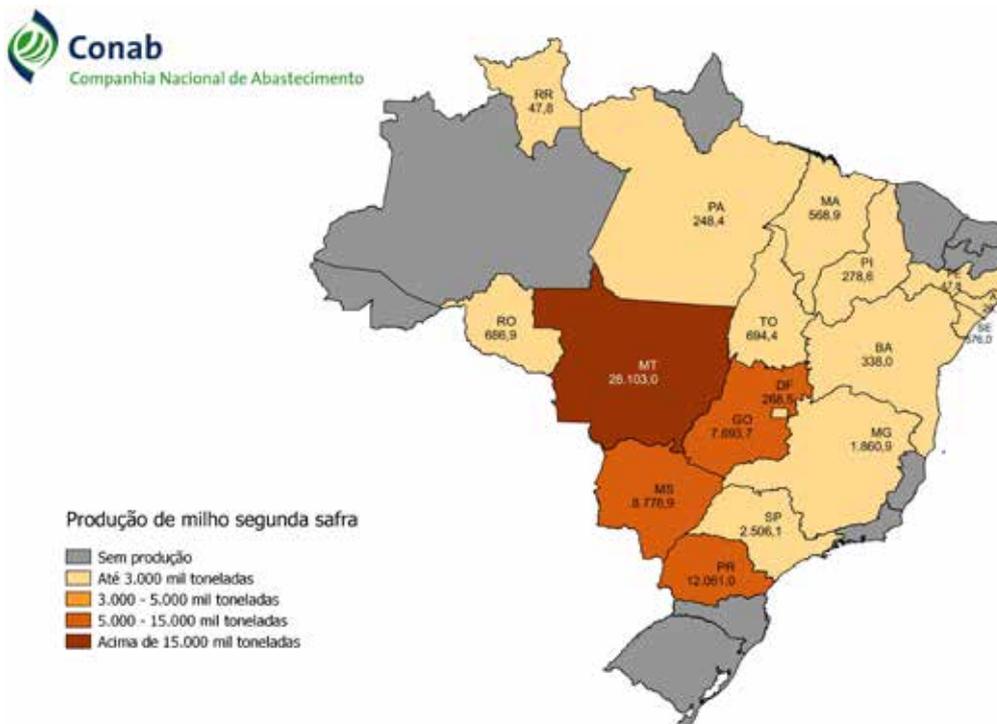


Figura 46 - Mapa da produção agrícola - Milho primeira safra



Fonte: Conab.

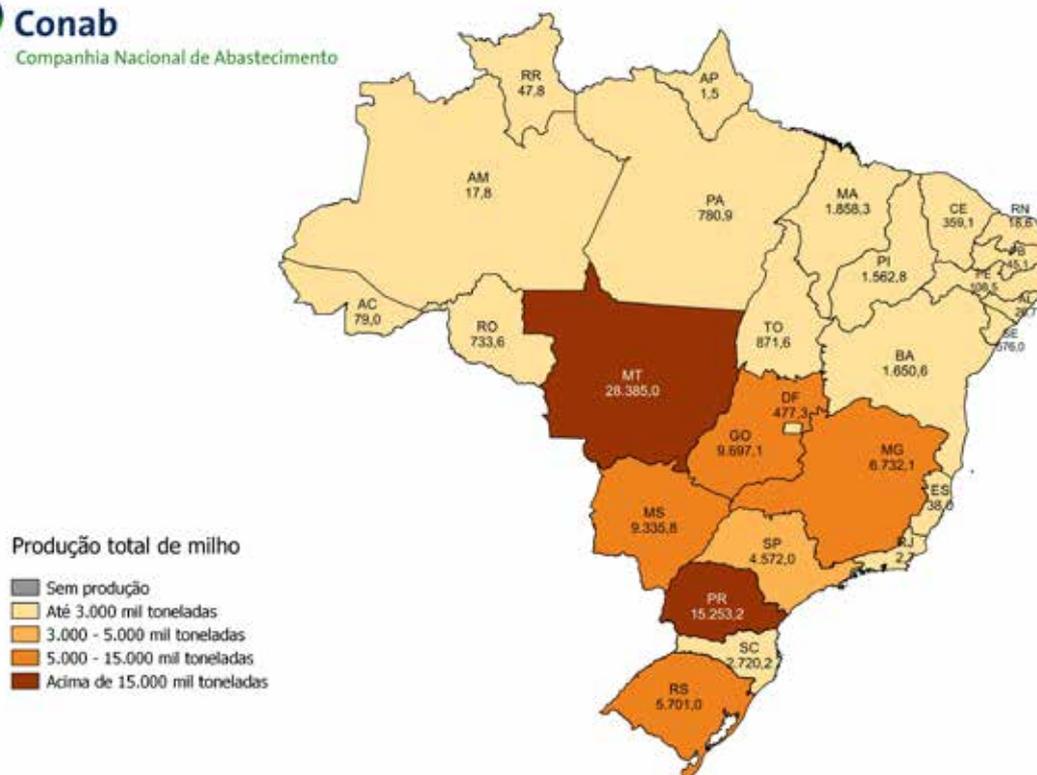
Figura 47 - Mapa da produção agrícola - Milho segunda safra



Fonte: Conab.



Figura 48 - Mapa da produção agrícola - Milho total



Fonte: Conab.

**Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra**

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra														
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Oeste Potiguar							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Potiguar								P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Sertão Paraibano							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano								P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PE	Sertão Pernambucano							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
GO	Centro Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C						
	Leste Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C						
DF	Distrito Federal			PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SP	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
SC	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
RS	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
RS	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva
  Alta Restrição - falta de Chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado.



## Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
TO	Oriental do Tocantins - TO	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MA	Sul Maranhense - MA	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PE	Agreste Pernambucano - PE	FR/M	M/C	C						P	P/G/DV	DV/F	F/FR
SE	Agreste Sergipano - SE	M/C	C						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - GO					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - GO					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - MG	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
SP	Assis - SP	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Itapetininga - SP	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



**Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>290,9</b>	<b>241,8</b>	<b>(16,9)</b>	<b>3.302</b>	<b>3.535</b>	<b>7,0</b>	<b>962,0</b>	<b>854,7</b>	<b>(11,2)</b>
RO	29,1	18,9	(35,0)	2.471	2.471	-	71,9	46,7	(35,0)
AC	31,0	31,0	-	2.616	2.549	(2,6)	81,1	79,0	(2,6)
AM	8,1	8,1	-	2.560	2.193	(14,3)	20,7	17,8	(14,0)
AP	1,6	1,6	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	(6,3)
PA	167,9	147,6	(12,1)	3.286	3.608	9,8	551,7	532,5	(3,5)
TO	53,2	34,6	(35,0)	4.417	5.120	15,9	235,0	177,2	(24,6)
<b>NORDESTE</b>	<b>1.937,2</b>	<b>1.849,4</b>	<b>(4,5)</b>	<b>2.889</b>	<b>2.363</b>	<b>(18,2)</b>	<b>5.596,0</b>	<b>4.369,6</b>	<b>(21,9)</b>
MA	311,0	307,0	(1,3)	4.854	4.200	(13,5)	1.509,6	1.289,4	(14,6)
PI	425,3	382,3	(10,1)	3.309	3.359	1,5	1.407,3	1.284,1	(8,8)
CE	535,1	535,1	-	778	671	(13,8)	416,3	359,1	(13,7)
RN	40,9	40,9	-	473	454	(4,0)	19,3	18,6	(3,6)
PB	108,6	88,0	(19,0)	780	513	(34,2)	84,7	45,1	(46,8)
PE	136,0	136,0	-	485	446	(8,0)	66,0	60,7	(8,0)
BA	380,3	360,1	(5,3)	5.503	3.645	(33,8)	2.092,8	1.312,6	(37,3)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>284,7</b>	<b>348,7</b>	<b>22,5</b>	<b>8.012</b>	<b>7.567</b>	<b>(5,6)</b>	<b>2.281,0</b>	<b>2.638,7</b>	<b>15,7</b>
MT	27,2	40,0	47,0	7.331	7.049	(3,8)	199,4	282,0	41,4
MS	15,5	17,0	9,7	9.212	8.500	(7,7)	142,8	144,5	1,2
GO	214,2	265,0	23,7	8.000	7.560	(5,5)	1.713,6	2.003,4	16,9
DF	27,8	26,7	(4,0)	8.100	7.820	(3,5)	225,2	208,8	(7,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>1.191,9</b>	<b>1.131,5</b>	<b>(5,1)</b>	<b>6.465</b>	<b>6.167</b>	<b>(4,6)</b>	<b>7.706,1</b>	<b>6.977,8</b>	<b>(9,5)</b>
MG	825,7	773,7	(6,3)	6.535	6.296	(3,7)	5.395,9	4.871,2	(9,7)
ES	13,4	13,4	-	2.995	2.833	(5,4)	40,1	38,0	(5,2)
RJ	1,0	1,0	-	3.069	2.707	(11,8)	3,1	2,7	(12,9)
SP	351,8	343,4	(2,4)	6.444	6.016	(6,6)	2.267,0	2.065,9	(8,9)
<b>SUL</b>	<b>1.377,4</b>	<b>1.447,3</b>	<b>5,1</b>	<b>7.453</b>	<b>8.024</b>	<b>7,7</b>	<b>10.265,6</b>	<b>11.613,5</b>	<b>13,1</b>
PR	330,0	358,4	8,6	8.748	8.907	1,8	2.886,8	3.192,3	10,6
SC	319,0	335,0	5,0	7.997	8.120	1,5	2.551,0	2.720,2	6,6
RS	728,4	753,9	3,5	6.628	7.562	14,1	4.827,8	5.701,0	18,1
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>2.228,1</b>	<b>2.091,2</b>	<b>(6,1)</b>	<b>2.943</b>	<b>2.498</b>	<b>(15,1)</b>	<b>6.558,0</b>	<b>5.224,3</b>	<b>(20,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2.854,0</b>	<b>2.927,5</b>	<b>2,6</b>	<b>7.096</b>	<b>7.252</b>	<b>2,2</b>	<b>20.252,7</b>	<b>21.230,0</b>	<b>4,8</b>
<b>BRASIL</b>	<b>5.082,1</b>	<b>5.018,7</b>	<b>(1,2)</b>	<b>5.275</b>	<b>5.271</b>	<b>(0,1)</b>	<b>26.810,7</b>	<b>26.454,3</b>	<b>(1,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



## 8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>385,6</b>	<b>385,6</b>	-	<b>3.850</b>	<b>4.350</b>	<b>13,0</b>	<b>1.484,7</b>	<b>1.677,5</b>	<b>13,0</b>
RR	9,6	9,6	-	4.857	4.976	2,5	46,6	47,8	2,6
RO	149,1	149,1	-	4.497	4.607	2,4	670,5	686,9	2,4
PA	69,0	69,0	-	3.403	3.600	5,8	234,8	248,4	5,8
TO	157,9	157,9	-	3.374	4.398	30,3	532,8	694,4	30,3
<b>NORDESTE</b>	<b>715,4</b>	<b>715,4</b>	-	<b>1.188</b>	<b>2.567</b>	<b>116,0</b>	<b>849,9</b>	<b>1.836,0</b>	<b>116,0</b>
MA	172,4	172,4	-	2.172	3.300	51,9	374,5	568,9	51,9
PI	63,2	63,2	-	1.289	4.409	242,0	81,5	278,6	241,8
PE	79,7	79,7	-	600	600	-	47,8	47,8	-
AL	26,2	26,2	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	(6,6)
SE	143,0	143,0	-	808	4.028	398,5	115,5	576,0	398,7
BA	230,9	230,9	-	875	1.464	67,3	202,0	338,0	67,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>7.457,4</b>	<b>7.636,6</b>	<b>2,4</b>	<b>5.253</b>	<b>5.926</b>	<b>12,8</b>	<b>39.170,2</b>	<b>45.256,5</b>	<b>15,5</b>
MT	4.471,2	4.569,6	2,2	5.860	6.150	4,9	26.201,2	28.103,0	7,3
MS	1.720,0	1.800,8	4,7	3.685	5.104	38,5	6.338,2	9.191,3	45,0
GO	1.230,4	1.230,4	-	5.200	6.253	20,3	6.398,1	7.693,7	20,2
DF	35,8	35,8	-	6.500	7.500	15,4	232,7	268,5	15,4
<b>SUDESTE</b>	<b>875,0</b>	<b>875,0</b>	-	<b>3.912</b>	<b>4.991</b>	<b>27,6</b>	<b>3.423,3</b>	<b>4.367,0</b>	<b>27,6</b>
MG	339,4	339,4	-	4.981	5.483	10,1	1.690,6	1.860,9	10,1
SP	535,6	535,6	-	3.235	4.679	44,6	1.732,7	2.506,1	44,6
<b>SUL</b>	<b>2.100,9</b>	<b>2.193,3</b>	<b>4,4</b>	<b>4.270</b>	<b>5.499</b>	<b>28,8</b>	<b>8.970,8</b>	<b>12.061,0</b>	<b>34,4</b>
PR	2.100,9	2.193,3	4,4	4.270	5.499	28,8	8.970,8	12.061,0	34,4
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.101,0</b>	<b>1.101,0</b>	-	<b>2.120</b>	<b>3.191</b>	<b>50,5</b>	<b>2.334,6</b>	<b>3.513,6</b>	<b>50,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>10.433,3</b>	<b>10.704,9</b>	<b>2,6</b>	<b>4.942</b>	<b>5.762</b>	<b>16,6</b>	<b>51.564,3</b>	<b>61.684,5</b>	<b>19,6</b>
<b>BRASIL</b>	<b>11.534,3</b>	<b>11.805,9</b>	<b>2,4</b>	<b>4.673</b>	<b>5.523</b>	<b>18,2</b>	<b>53.898,9</b>	<b>65.198,1</b>	<b>21,0</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



### 8.1.7.3. MILHO TOTAL

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>676,5</b>	<b>627,4</b>	<b>(7,3)</b>	<b>3.617</b>	<b>4.036</b>	<b>11,6</b>	<b>2.446,6</b>	<b>2.532,2</b>	<b>3,5</b>
RR	9,6	9,6	-	4.857	4.976	2,5	46,6	47,8	2,6
RO	178,2	168,0	(5,7)	4.166	4.367	4,8	742,4	733,6	(1,2)
AC	31,0	31,0	-	2.616	2.549	(2,6)	81,1	79,0	(2,6)
AM	8,1	8,1	-	2.560	2.193	(14,3)	20,7	17,8	(14,0)
AP	1,6	1,6	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	(6,3)
PA	236,9	216,6	(8,6)	3.320	3.605	8,6	786,5	780,9	(0,7)
TO	211,1	192,5	(8,8)	3.637	4.528	24,5	767,7	871,6	13,5
<b>NORDESTE</b>	<b>2.652,6</b>	<b>2.564,8</b>	<b>(3,3)</b>	<b>2.430</b>	<b>2.420</b>	<b>(0,4)</b>	<b>6.445,8</b>	<b>6.205,7</b>	<b>(3,7)</b>
MA	483,4	479,4	(0,8)	3.897	3.876	(0,5)	1.884,0	1.858,3	(1,4)
PI	488,5	445,5	(8,8)	3.048	3.508	15,1	1.488,8	1.562,8	5,0
CE	535,1	535,1	-	778	671	(13,8)	416,3	359,1	(13,7)
RN	40,9	40,9	-	473	454	(4,0)	19,3	18,6	(3,6)
PB	108,6	88,0	(19,0)	780	513	(34,2)	84,7	45,1	(46,8)
PE	215,7	215,7	-	527	503	(4,7)	113,8	108,5	(4,7)
AL	26,2	26,2	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	(6,6)
SE	143,0	143,0	-	808	4.028	398,5	115,5	576,0	398,7
BA	611,2	591,0	(3,3)	3.755	2.793	(25,6)	2.294,8	1.650,6	(28,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>7.742,1</b>	<b>7.985,3</b>	<b>3,1</b>	<b>5.354</b>	<b>5.998</b>	<b>12,0</b>	<b>41.451,2</b>	<b>47.895,2</b>	<b>15,5</b>
MT	4.498,4	4.609,6	2,5	5.869	6.158	4,9	26.400,6	28.385,0	7,5
MS	1.735,5	1.817,8	4,7	3.734	5.136	37,5	6.481,0	9.335,8	44,0
GO	1.444,6	1.495,4	3,5	5.615	6.485	15,5	8.111,7	9.697,1	19,5
DF	63,6	62,5	(1,7)	7.199	7.637	6,1	457,9	477,3	4,2
<b>SUDESTE</b>	<b>2.066,9</b>	<b>2.006,5</b>	<b>(2,9)</b>	<b>5.385</b>	<b>5.654</b>	<b>5,0</b>	<b>11.129,4</b>	<b>11.344,8</b>	<b>1,9</b>
MG	1.165,1	1.113,1	(4,5)	6.082	6.048	(0,6)	7.086,5	6.732,1	(5,0)
ES	13,4	13,4	-	2.995	2.833	(5,4)	40,1	38,0	(5,2)
RJ	1,0	1,0	-	3.069	2.707	(11,8)	3,1	2,7	(12,9)
SP	887,4	879,0	(0,9)	4.507	5.201	15,4	3.999,7	4.572,0	14,3
<b>SUL</b>	<b>3.478,3</b>	<b>3.640,6</b>	<b>4,7</b>	<b>5.530</b>	<b>6.503</b>	<b>17,6</b>	<b>19.236,5</b>	<b>23.674,4</b>	<b>23,1</b>
PR	2.430,9	2.551,7	5,0	4.878	5.978	22,5	11.857,7	15.253,2	28,6
SC	319,0	335,0	5,0	7.997	8.120	1,5	2.551,0	2.720,2	6,6
RS	728,4	753,9	3,5	6.628	7.562	14,1	4.827,8	5.701,0	18,1
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3.329,1</b>	<b>3.192,2</b>	<b>(4,1)</b>	<b>2.671</b>	<b>2.737</b>	<b>2,5</b>	<b>8.892,4</b>	<b>8.737,9</b>	<b>(1,7)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>13.287,3</b>	<b>13.632,4</b>	<b>2,6</b>	<b>5.405</b>	<b>6.082</b>	<b>12,5</b>	<b>71.817,1</b>	<b>82.914,4</b>	<b>15,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>16.616,4</b>	<b>16.824,6</b>	<b>1,3</b>	<b>4.857</b>	<b>5.448</b>	<b>12,2</b>	<b>80.709,5</b>	<b>91.652,3</b>	<b>13,6</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

### 8.1.8. SOJA

Para a temporada 2018/19, as indicações para a oleaginosa são de crescimento da área plantada, atingindo

1,9% em relação à safra passada, correspondendo ao plantio de 35.821,4 mil hectares.

#### 8.1.8.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

Na Região Norte-Nordeste, o plantio da oleaginosa iniciou com a chegada das primeiras chuvas em outubro. O comportamento da safra passada com um quadro climático favorável, serviu de estímulo ao produtor local, que ampliou a área plantada. O incremento percentual atingiu 2% em relação aos 5.195,2 mil hectares, plantados no período anterior.

Em Rondônia, a área cultivada de soja primeira safra está estimada em 333,6 mil hectares e os estágios da cultura são: 2% em floração; 32% em enchimento de grãos, 38% em maturação e aproximadamente 28% já foram colhidos. As condições da lavoura são as melhores, com boa sanidade, ferrugem controlada e poucos relatos de nematóides. De igual modo, a qualidade do



produto colhido tem sido satisfatória, com reduzida porcentagem de grãos ardidos, mofados, fermentados entre outras avarias, com a produtividade sendo esperada atingir 3,282 kg/ha. Com o advento da soja safrinha, a semeadura deverá ocorrer entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro, com previsão de colheita até o dia 15 de junho. A área de soja plantada na segunda safra poderá ser superior a estimada no levantamento anterior, 20.268 hectares, com produtividades estimada em 2.621 kg/ha.

**Figura 49 - Colhedoras agrupadas, bazuca e caminhão transbordo em operação de colheita de soja em Candeias do Jamari - RO**



Fonte: Conab.

**Figura 50 - Talhão de soja após aplicação de fungicida em Candeias do Jamari – RO**



Fonte: Conab.

Em Tocantins a cultura teve sua colheita iniciada após a primeira quinzena de janeiro. A expectativa de maior produtividade que existia no início da safra foi substituída por apreensão dos produtores em todo o estado. Veranicos que ocorreram em dezembro e janeiro prejudicaram as lavouras em todas as fases de desenvolvimento, sendo as áreas mais arenosas e de cascalho as mais atingidas. Há relatos de produtores que tiveram que replantar extensas áreas na região sul do estado. Devido ao plantio espaçado, as lavouras se encontram em todos estádios de desenvolvimento, com a grande maioria em enchimento de grãos e ma-

turação. Houve diminuição da população de plantas nas lavouras plantadas tardiamente, abortamento de flores nas lavouras semeadas em novembro, e redução do desenvolvimento dos grãos nas lavouras semeadas precocemente. A redução de produtividade poderá superar os 4,8% estimados até agora.

**Figura 51 - Lavoura de soja pronta para a colheita – Brejinho do Nazaré -TO**



Fonte: Conab.

**Figura 52 - Lavoura de soja em fase de enchimento de grãos – Palmas – TO**



Fonte: Conab.

No Maranhão, as lavouras de soja da região sul do estado, conhecida como “Região de Balsas”, evidenciam perdas de rendimento na presente safra em função da ocorrência de fortes veranicos na região em seu entorno, a exemplo do Município de São Domingos do Azeitão que experimentou nessa estação, entre 40 e 42 dias de estiagem, estimando-se perdas significativas de produtividade. A soja cultivada nos municípios da Região de Chapadinha e Baixo Parnaíba Maranhense utiliza o manejo de plantio direto. Em algumas áreas onde ocorreu severa infestação de nematoides, os produtores como método de controle, alternam o sistema de manejo entre plantio direto e cultivo mínimo. O plantio da soja iniciou no final de dezembro, com previsão de término no início de fevereiro.



**Figura 53- Lavoura de soja no Maranhão**



Fonte: Conab.

No Piauí, devido a antecipação do início do período chuvoso nessa safra em relação à safra passada, o plantio da soja iniciou-se em média 15 dias antes que o da safra passada. Atualmente o plantio já está finalizado em todas as áreas dos cerrados piauienses, que se iniciou a partir da primeira quinzena de outubro. A região com o desenvolvimento mais adiantado é o município de Santa Filomena, com mais da metade da área nos estágios de frutificação e maturação. No período do levantamento, foi verificado o início da colheita em algumas áreas, no entanto, com representatividade menor que 1% da área total plantada. Desta área plantada, 20% encontra-se em desenvolvimento vegetativo, 30% em floração, 40% em frutificação e cerca de 10% em maturação.

A lavoura é considerada predominantemente em boa condição, apesar do registro de veranicos que em algumas áreas foram de cerca de 14 dias e em outras ultrapassou os 35 dias. Desta forma, a lavoura encontra-se nas seguintes condições: 60% em boas condições, 30% em condição regular e 10% em condição ruim. A partir do dia 27 de janeiro as chuvas retornaram com boa intensidade e abrangência em todas as áreas do cerrado piauiense, caso este cenário se mantenha até o final do ciclo da soja, parte das lavouras em condições regulares e ruins podem alcançar alguma recuperação. Na região centro-norte do estado, devido ao atraso do início do período chuvoso, algumas áreas de cultivo de soja ainda encontram-se em fase de plantio, nestas áreas, iniciou-se o plantio em meados de janeiro mas devido a suspensão das chuvas, interrompeu-se o plantio que gradativamente está sendo retomado.

Para a safra 2018/19, ocorreu um aumento médio na área de soja da ordem de 6,7%, devido à abertura de novas áreas, desta forma, atingindo os 758,1 mil hectares. Devido à incidência de veranicos em grande parte das áreas cultivadas, que atingiram a cultura no final da fase vegetativa e início da fase reprodutiva, deve haver um impacto significativo na produtividade, que

conforme os dados deste levantamento deve ficar em 3,032 kg/ha, representando redução de 15,1% em relação à safra passada. No tocante às pragas e doenças, não houve dificuldade no combate.

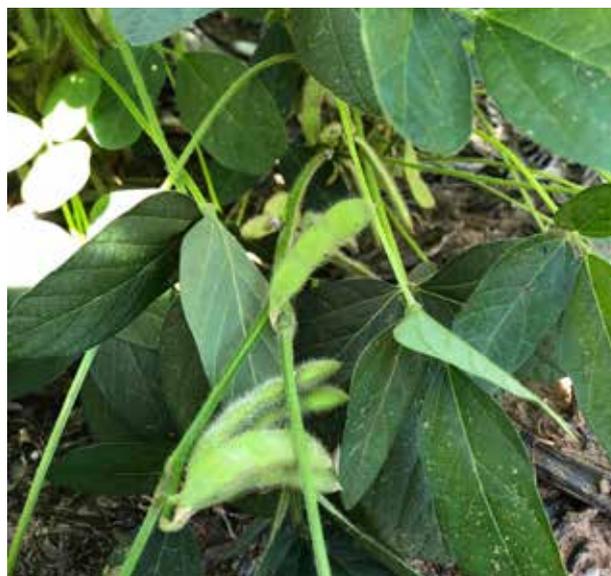
Na Bahia estima-se o cultivo de 1,57 milhão de hectares com a produção de 4,99 milhões de toneladas de grãos de soja. Esta estimativa de produção é 21,1% menor que a produção finalizada na safra passada. Esta redução esperada na produção, deve-se principalmente às condições climáticas desfavoráveis as quais poderão interferir na produtividade das lavouras. Os plantios estão distribuídos pelo vale do São Francisco e extremo oeste, e o plantio das lavouras estão finalizados, com estimativa de redução de 1,8% em relação

**Figura 54 - Lavoura de soja em Bom Jesus - PI**



Fonte: Conab.

**Figura 55 - soja em enchimento de grãos em Bom Jesus - PI**



Fonte: Conab.

à safra passada. Esta redução na área cultivada deve-se a perda de área para a cultura do algodão e falta de investimento em novas áreas devido à elevação dos custos de produção e aos entraves de escoamento da safra.



### 8.1.8.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país, o incremento na área plantada atingiu 2,7% em relação ao exercício anterior, ultrapassando os 16 milhões de hectares semeados.

Em Mato Grosso, a colheita da soja encontra-se adiantada em todo o estado, devido à antecipação do plantio, que permite maior celeridade dos trabalhos. Estima-se, até o fechamento de janeiro, colheita de 32,9% da área, estimada em 9.699,5 mil hectares, 1,9% superior ao destinado à cultura no último ciclo, de 9.518,6 mil hectares. Em termos de produtividade, registra-se ocorrência de eventos climáticos adversos, a partir de dezembro, como estiagem, ainda que não generalizada, veranicos e também casos pontuais de falta de luminosidade, devido a tempo nublado. A estiagem prejudicou a granação da cultura, principalmente as variedades de ciclo superprecoce. Desta maneira, a lavoura não desenvolveu todo seu potencial produtivo, e o clima mais seco reduziu a umidade do grão, havendo deságio por peso no momento da entrega, em muitos casos. Ainda assim, o resultado é, de forma geral positivo e não deverá provocar grande redução na produtividade média, estimada em 3.312 kg/ha, 2,4% inferior ao recorde registrado em 2017/18, de 3.394 kg/ha, condizente com a média histórica estadual. Neste contexto, a produção de 32.124,7 mil toneladas é esperada para esse exercício.

**Figura 56 - Colheita de lavoura de soja em Sorriso - MT**



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, ainda existem indefinições com relação a produtividade da leguminosa, a qual está estimada em 3.150 kg/ha, um valor 12,3% menor em relação à safra anterior. As lavouras foram acometidas por dois grandes períodos de estresse hídrico (dezembro de 2018 e janeiro de 2019, a depender da região produtora). A variabilidade das perdas decorre principalmente da variedade utilizada, época de semeadura, manejo e textura do solo. A falta de chuvas durante os dois últimos meses, associada com altas

temperaturas e baixa umidade, provocaram muitos danos ao crescimento e desenvolvimento das lavouras. A cultura foi muito afetada nas fases consideradas críticas, como o enchimento de grão e frutificação, além da redução do porte nas plantas.

Muitas áreas iniciaram a colheita em meados de janeiro, com perdas na produtividade nos diferentes municípios em decorrência das adversidades climáticas, com chuvas irregulares entre microrregiões, municípios, propriedades e até mesmo dentro das propriedades para lavouras plantadas na mesma época. As primeiras lavouras colhidas, plantadas no final de setembro e início de outubro foram as mais prejudicadas pela seca, e relatos de talhões com forte redução na produtividade por hectare são frequentes. Devido aos agravos, há muito acionamento de seguro rural para as lavouras cultivadas com apólices. Na última semana de janeiro, aproximadamente 5% das lavouras estavam em desenvolvimento vegetativo, 10% em floração, 87% em enchimento de grãos/maturação e 8% colhidas.

**Figura 57 - Lavoura de soja em ponto de colheita no município de Itaquiraí - MS**



Fonte: Conab.

**Figura 58 - Lavoura de soja com estresse hídrico no município de Itaquiraí - MS**



Fonte: Conab.



Em Goiás, estima-se a colheita de aproximadamente 10% das lavouras, nas áreas com variedades precoce e semi-precoces, principalmente na região sul do estado. O resultado até agora alcançado, aponta para uma grande variabilidade nas produtividades obtidas. Os grãos até o momento colhido apresentam-se com diâmetros reduzidos e com baixo peso específico. Em dezembro, o enchimento dos grãos ficou comprometido em função do baixo regime de chuvas. No entanto, as áreas referentes a soja precoce representam no máximo 30% do total das áreas plantadas com a oleaginosa no estado. As variedades de ciclo médio, que representam o restante das áreas semeadas, estão na fase de maturação e também sofreram impactos com relação a falta de chuvas e altas temperaturas.

A redução das chuvas ocorreram a partir da primeira semana de dezembro, exatamente no momento em que a planta demandava maior quantidade de água para a fase reprodutiva. As chuvas continuam a ocorrer de forma esparsa e em pequenos volumes (5 a 10 mm) que combinados com a incidência solar faz com que a evapotranspiração seja alta. Em contrapartida, a ferrugem asiática não chegou a ser um problema, em função das altas temperaturas, dias ensolarados e baixos volumes de chuvas. A colheita da soja precoce fecha entre os dias 15 e 20 de fevereiro para as lavouras

### 8.1.8.3. REGIÃO SUDESTE

A área plantada com a oleaginosa deverá apresentar incremento de 3,4% em relação à safra passada. Em Minas Gerais a estimativa inicial para o plantio de soja foi de 1.528,1 mil hectares, representando incremento de 1,3% sobre a área da safra anterior, motivado principalmente pelas boas perspectivas de mercado e pelos excelentes resultados alcançados na safra 2017/18. No atual levantamento houve pequena variação na área inicialmente informada devido a pequenos ajustes. A produtividade média inicialmente foi estimada em 3.645 kg/ha, baseada nas condições climáticas favoráveis na abertura da safra. Todavia, algumas lavouras colhidas apresentaram resultados abaixo da expectativa inicial, em razão da elevação da temperatura e da redução significativa dos volumes de chuva nos últimos trinta dias. Desta forma a produtividade foi ajustada para 3.326 kg/ha. A colheita encontra-se em fase inicial e nas lavouras predominam as fases de frutificação e maturação.

Em São Paulo as maiores áreas de grãos estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste do estado, onde a

ras situadas no extremo sul do estado.

No Distrito Federal a área plantada foi acrescida em 2,4%, comparativamente à safra passada. A produtividade média estimada em 3.310 kg/ha, inferior em 6,5% a obtida na safra anterior, ocasionada pelo veranico ocorrido nas últimas semanas. As perdas de produtividade já são evidentes, podendo se agravar com o prolongamento da estiagem. As lavouras encontram-se majoritariamente nas fases de enchimento de grãos.

**Figura 59 - Lavoura de soja em fase de maturação no Distrito Federal**



Fonte: Conab.

cultura da cana-de-açúcar não tem encontrado condições propícias para o seu desenvolvimento. As lavouras de soja, sinalizam com um crescimento de 6,7% na área e uma redução (por conta do clima adverso) na produtividade de 4,1%, em relação ao observado no exercício anterior.

**Figura 60 - Lavoura de soja no município de Taquarituba - SP**



Fonte: Conab.



#### 8.1.8.4. REGIÃO SUL

É esperado incremento percentual na área plantada, de 0,6% em relação ao observado no exercício anterior. No Paraná, no início da safra, foi observado atraso no crescimento das plantas devido ao excesso de chuvas e baixas temperaturas e luminosidade, que contribuíram para redução do potencial produtivo. A redução nos índices pluviométricos, registrada em dezembro, associada às altas temperaturas e baixa umidade relativa do ar, terminou por concretizar a queda na produtividade da safra em curso. As áreas mais afetadas foram semeadas em setembro, cerca de 15% do total. As semeadas em outubro, aproximadamente 50% do total, também não estão em boas condições, por estarem em floração no final de dezembro. Mas não devem apresentar quebra na mesma magnitude. Os 35% de lavouras restantes, semeadas em novembro e dezembro, estão em boas condições e devem segurar a quebra na produtividade geral. Atualmente, a queda média no rendimento é de 10% em relação ao ano anterior. Informações mais apuradas só serão possíveis ao final de fevereiro, quando a colheita tiver alcançada mais de 50% da área cultivada.

**Figura 61 - Lavoura de soja pronta para a colheita em Toledo - PR**



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, o plantio da soja foi encerrado em meados de dezembro, quando as últimas lavouras localizadas em áreas de maior altitude foram semeadas após a colheita dos cereais de inverno. Ainda, com a estiagem ocorrida entre o final de novembro e início de dezembro, o plantio foi estendido por alguns dias em razão da falta de umidade no solo. Estas condições também atuaram de forma negativa sobre as lavouras já implantadas, e que se encontravam em estágio vegetativo e início do florescimento, resultando na redução da velocidade de crescimento e alguns casos de abortamento de flores. A partir de meados de dezembro as chuvas voltaram a ocorrer em grande parte das regiões, mas de forma irregular, com altos volumes em algumas áreas, e baixos em outras.

Em alguns casos, o excesso de chuva durante a floração interferiu negativamente a fase posterior (granação), resultando na queda de vagens, em lavouras isoladas. Nas lavouras semeadas com material mais precoce, a estiagem deve ter maior impacto na produtividade, haja vista que estes materiais não tiveram tempo para se recuperar com a volta das chuvas, afetando seu potencial produtivo. Nas lavouras semeadas com variedades mais tardias e que se encontravam em desenvolvimento vegetativo inicial quando do período de menor precipitação, o impacto, se ocorrer, deverá ser menor, pois estes materiais terão mais tempo para completar seu ciclo, e devem compensar a redução do crescimento com o maior aporte de vagens após o retorno das precipitações. Em relação ao aspecto sanitário, o mofo branco foi relatado em maior frequência nas lavouras mais adiantadas, pois a falta de chuvas favoreceu seu desenvolvimento. Contudo, aplicações de fungicidas de forma preventiva nas lavouras mais jovens evitou sua disseminação.

Ainda, devido à estiagem, aumentaram os relatos de ataque de ácaros nas lavouras, necessitando atenção dos técnicos e produtores para seu controle. Devido aos problemas climáticos ocorridos durante a implantação e desenvolvimento das lavouras, a cadeia produtiva já contabiliza redução de produtividade em algumas regiões, a qual deve ser melhor contabilizada quando do avanço do desenvolvimento das plantas e colheita, esta iniciada na região oeste, que já colheu em torno de 4% da área total do estado. A maior parte das lavouras se encontra em floração e formação de grãos, representando em torno de 38% e 42%, respectivamente. As lavouras em desenvolvimento vegetativo somam 3% e, em maturação, 13%. A partir deste mês teve início o plantio das lavouras de soja safrinha, concentradas, principalmente, no oeste do estado. A área ainda está indefinida, haja vista que o período de plantio deve se estender até o início do período de vazão sanitário, que começa em 11 de fevereiro. A cultura tornou-se uma boa opção para os agricultores, em razão dos preços terem se mantido em alta nos últimos meses.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas para o desenvolvimento da soja foram excelentes, principalmente na metade norte do estado, onde se concentra a sua produção. Chuvas regulares e com bom volume proporcionaram bom crescimento das plantas, fechamento de espaços e manutenção do potencial produtivo. Apenas na metade sul do estado, com destaque para as regiões da Fronteira Oeste, Campanha e Central, em que ocorreram chuvas com volumes muito superiores ao normal para o período, causando alagamentos e muitos dias sem luz, devem ser verificadas, até o momento, perdas significativas em lavouras. As perdas são maiores em áreas de vár-



zea, onde se cultiva a soja em rotação com o arroz. As condições verificadas no início da implantação das lavouras de soja, com excesso de chuva na semeadura, necessidade de ressemeadura e posterior estiagem de 20 dias, em dezembro, acabaram por reduzir o potencial máximo da cultura. Havia inclusive expectativa de redução da produtividade média estimada. Porém, como as condições em janeiro foram adequadas na maior parte do estado, esses problemas de estande de plantas foram, se não superados, compensados pela ocupação do espaço pelas plantas. Assim, a produtividade média do estado foi mantida igual aos levantamentos anteriores, 3.235 kg/ha, e semelhantes às melhores safras já colhidas no estado.

As lavouras encontram-se na sua maior parte em floração, com 58% das áreas, seguido de desenvolvimento vegetativo com 22% e enchimento de grãos com 20%. Algumas lavouras mais precoces já estão em maturação, mais ainda é insignificante. A sanidade das lavouras está boa, sem registros de grandes danos

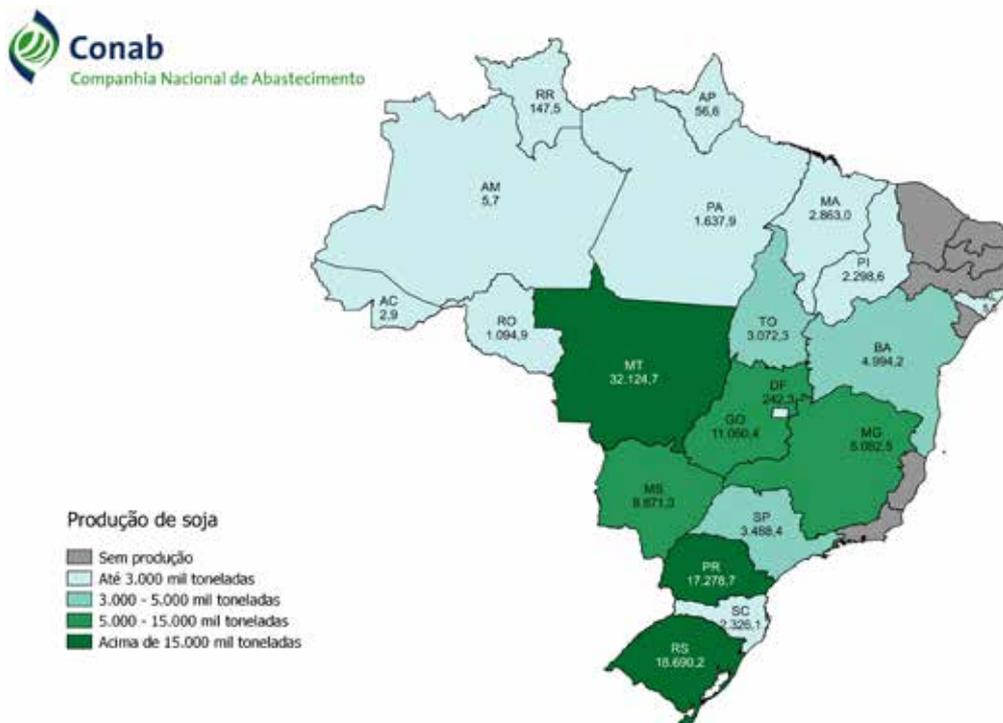
tanto por insetos quanto por doenças. Com a entrada em floração, cresce a preocupação com o surgimento da ferrugem e mofo branco. Preventivamente, os produtores têm realizado as aplicações de defensivos, de maneira a prevenir surtos, embora a ocorrência de chuvas, em alguns locais, tenha dificultado essas operações.

Figura 62 - Lavoura de soja em Sarandi - RS



Fonte: Conab.

Figura 63 - Mapa da produção agrícola - Soja



Fonte: Conab.



**Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2018/19)**

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	DV		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva
  Média restrição - Excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



**Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>1.931,7</b>	<b>1.997,5</b>	<b>3,4</b>	<b>3.056</b>	<b>3.013</b>	<b>(1,4)</b>	<b>5.903,9</b>	<b>6.017,8</b>	<b>1,9</b>
RR	38,2	48,0	25,6	3.077	3.073	(0,1)	117,5	147,5	25,5
RO	333,6	333,6	-	3.282	3.282	-	1.094,9	1.094,9	-
AC	0,5	1,0	100,0	2.938	2.938	-	1,5	2,9	93,3
AM	1,5	1,9	26,7	2.250	3.000	33,3	3,4	5,7	67,6
AP	20,2	20,2	-	2.884	2.800	(2,9)	58,3	56,6	(2,9)
PA	549,6	557,3	1,4	2.785	2.939	5,5	1.530,6	1.637,9	7,0
TO	988,1	1.035,5	4,8	3.135	2.967	(5,4)	3.097,7	3.072,3	(0,8)
<b>NORDESTE</b>	<b>3.263,5</b>	<b>3.301,3</b>	<b>1,2</b>	<b>3.631</b>	<b>3.078</b>	<b>(15,2)</b>	<b>11.850,7</b>	<b>10.161,3</b>	<b>(14,3)</b>
MA	951,5	970,5	2,0	3.125	2.950	(5,6)	2.973,4	2.863,0	(3,7)
PI	710,5	758,1	6,7	3.573	3.032	(15,1)	2.538,6	2.298,6	(9,5)
AL	2,2	2,2	-	2.500	2.500	-	5,5	5,5	-
BA	1.599,3	1.570,5	(1,8)	3.960	3.180	(19,7)	6.333,2	4.994,2	(21,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>15.648,8</b>	<b>16.067,1</b>	<b>2,7</b>	<b>3.447</b>	<b>3.255</b>	<b>(5,6)</b>	<b>53.945,4</b>	<b>52.298,7</b>	<b>(3,1)</b>
MT	9.518,6	9.699,5	1,9	3.394	3.312	(2,4)	32.306,1	32.124,7	(0,6)
MS	2.672,0	2.816,3	5,4	3.593	3.150	(12,3)	9.600,5	8.871,3	(7,6)
GO	3.386,7	3.478,1	2,7	3.480	3.180	(8,6)	11.785,7	11.060,4	(6,2)
DF	71,5	73,2	2,4	3.540	3.310	(6,5)	253,1	242,3	(4,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>2.470,1</b>	<b>2.554,1</b>	<b>3,4</b>	<b>3.625</b>	<b>3.356</b>	<b>(7,4)</b>	<b>8.955,0</b>	<b>8.570,9</b>	<b>(4,3)</b>
MG	1.508,5	1.528,1	1,3	3.676	3.326	(9,5)	5.545,2	5.082,5	(8,3)
SP	961,6	1.026,0	6,7	3.546	3.400	(4,1)	3.409,8	3.488,4	2,3
<b>SUL</b>	<b>11.835,1</b>	<b>11.901,4</b>	<b>0,6</b>	<b>3.264</b>	<b>3.218</b>	<b>(1,4)</b>	<b>38.626,7</b>	<b>38.295,0</b>	<b>(0,9)</b>
PR	5.464,8	5.459,3	(0,1)	3.508	3.165	(9,8)	19.170,5	17.278,7	(9,9)
SC	678,2	664,6	(2,0)	3.400	3.500	2,9	2.305,9	2.326,1	0,9
RS	5.692,1	5.777,5	1,5	3.013	3.235	7,4	17.150,3	18.690,2	9,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>5.195,2</b>	<b>5.298,8</b>	<b>2,0</b>	<b>3.417</b>	<b>3.053</b>	<b>(10,7)</b>	<b>17.754,6</b>	<b>16.179,1</b>	<b>(8,9)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>29.954,0</b>	<b>30.522,6</b>	<b>1,9</b>	<b>3.389</b>	<b>3.249</b>	<b>(4,1)</b>	<b>101.527,1</b>	<b>99.164,6</b>	<b>(2,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>35.149,2</b>	<b>35.821,4</b>	<b>1,9</b>	<b>3.394</b>	<b>3.220</b>	<b>(5,1)</b>	<b>119.281,7</b>	<b>115.343,7</b>	<b>(3,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



Tabela 36 – Evolução de área entre as safras 2013/14 a 2018/19 – Soja

REGIÃO/UF	Área (em mil hectares)						
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(i/h)
<b>NORTE</b>	<b>1.178,9</b>	<b>1.441,2</b>	<b>1.576,3</b>	<b>1.809,0</b>	<b>1.931,7</b>	<b>1.997,5</b>	<b>3,4</b>
RR	18,0	23,8	24,0	30,0	38,2	48,0	25,7
RO	191,1	231,5	252,6	296,0	333,6	333,6	-
AC	-	-	-	-	0,5	1,0	100,0
AM	-	-	-	-	1,5	1,9	26,7
AP	-	-	-	18,9	20,2	20,2	-
PA	221,4	336,3	428,9	500,1	549,6	557,3	1,4
TO	748,4	849,6	870,8	964,0	988,1	1.035,5	4,8
<b>NORDESTE</b>	<b>2.602,2</b>	<b>2.845,3</b>	<b>2.878,2</b>	<b>3.095,8</b>	<b>3.263,5</b>	<b>3.301,3</b>	<b>1,2</b>
MA	662,2	749,6	786,3	821,7	951,5	970,5	2,0
PI	627,3	673,7	565,0	693,8	710,5	758,1	6,7
AL	-	-	-	-	2,2	2,2	-
BA	1.312,7	1.422,0	1.526,9	1.580,3	1.599,3	1.570,5	(1,8)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>13.909,4</b>	<b>14.616,1</b>	<b>14.925,1</b>	<b>15.193,6</b>	<b>15.648,8</b>	<b>16.067,1</b>	<b>2,7</b>
MT	8.615,7	8.934,5	9.140,0	9.322,8	9.518,6	9.699,5	1,9
MS	2.120,0	2.300,5	2.430,0	2.522,3	2.672,0	2.816,3	5,4
GO	3.101,7	3.325,0	3.285,1	3.278,5	3.386,7	3.478,1	2,7
DF	72,0	56,1	70,0	70,0	71,5	73,2	2,4
<b>SUDESTE</b>	<b>1.989,9</b>	<b>2.116,2</b>	<b>2.326,9</b>	<b>2.351,4</b>	<b>2.470,1</b>	<b>2.554,1</b>	<b>3,4</b>
MG	1.238,2	1.319,4	1.469,3	1.456,1	1.508,5	1.528,1	1,3
SP	751,7	796,8	857,6	895,3	961,6	1.026,0	6,7
<b>SUL</b>	<b>10.492,7</b>	<b>11.074,1</b>	<b>11.545,4</b>	<b>11.459,6</b>	<b>11.835,1</b>	<b>11.901,4</b>	<b>0,6</b>
PR	5.010,4	5.224,8	5.451,3	5.249,6	5.464,8	5.459,3	(0,1)
SC	542,7	600,1	639,1	640,4	678,2	664,6	(2,0)
RS	4.939,6	5.249,2	5.455,0	5.569,6	5.692,1	5.777,5	1,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3.781,1</b>	<b>4.286,5</b>	<b>4.454,5</b>	<b>4.904,8</b>	<b>5.195,2</b>	<b>5.298,8</b>	<b>2,0</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>26.392,0</b>	<b>27.806,4</b>	<b>28.797,4</b>	<b>29.004,6</b>	<b>29.954,0</b>	<b>30.522,6</b>	<b>1,9</b>
<b>BRASIL</b>	<b>30.173,1</b>	<b>32.092,9</b>	<b>33.251,9</b>	<b>33.909,4</b>	<b>35.149,2</b>	<b>35.821,4</b>	<b>1,9</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



Tabela 37 – Evolução de produtividade entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produtividade (em kg/ha)						
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(i/h)
<b>NORTE</b>	<b>2.877</b>	<b>2.976</b>	<b>2.423</b>	<b>3.061</b>	<b>3.056</b>	<b>3.013</b>	<b>(1,4)</b>
RR	3.120	2.685	3.300	3.000	3.077	3.073	(0,1)
RO	3.180	3.166	3.028	3.143	3.282	3.282	-
AC	-	-	-	-	2.938	2.938	-
AM	-	-	-	-	2.250	3.000	33,3
AP	-	-	-	2.878	2.884	2.800	(2,9)
PA	3.020	3.024	3.003	3.270	2.785	2.939	5,5
TO	2.751	2.914	1.937	2.932	3.135	2.967	(5,4)
<b>NORDESTE</b>	<b>2.544</b>	<b>2.841</b>	<b>1.774</b>	<b>3.115</b>	<b>3.631</b>	<b>3.078</b>	<b>(15,2)</b>
MA	2.754	2.761	1.590	3.010	3.125	2.950	(5,6)
PI	2.374	2.722	1.143	2.952	3.573	3.032	(15,1)
AL	-	-	-	-	2.500	2.500	-
BA	2.520	2.940	2.103	3.242	3.960	3.180	(19,7)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>3.005</b>	<b>3.008</b>	<b>2.931</b>	<b>3.301</b>	<b>3.447</b>	<b>3.255</b>	<b>(5,6)</b>
MT	3.069	3.136	2.848	3.273	3.394	3.312	(2,4)
MS	2.900	3.120	2.980	3.400	3.593	3.150	(12,3)
GO	2.900	2.594	3.120	3.300	3.480	3.180	(8,6)
DF	3.000	2.626	3.300	3.450	3.540	3.310	(6,5)
<b>SUDESTE</b>	<b>2.520</b>	<b>2.775</b>	<b>3.255</b>	<b>3.467</b>	<b>3.625</b>	<b>3.356</b>	<b>(7,4)</b>
MG	2.687	2.658	3.220	3.480	3.676	3.326	(9,5)
SP	2.246	2.970	3.316	3.445	3.546	3.400	(4,1)
<b>SUL</b>	<b>2.792</b>	<b>3.071</b>	<b>3.047</b>	<b>3.542</b>	<b>3.264</b>	<b>3.218</b>	<b>(1,4)</b>
PR	2.950	3.294	3.090	3.731	3.508	3.165	(9,8)
SC	3.030	3.200	3.341	3.580	3.400	3.500	2,9
RS	2.605	2.835	2.970	3.360	3.013	3.235	7,4
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>2.648</b>	<b>2.887</b>	<b>2.004</b>	<b>3.095</b>	<b>3.417</b>	<b>3.053</b>	<b>(10,7)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2.884</b>	<b>3.016</b>	<b>3.004</b>	<b>3.410</b>	<b>3.389</b>	<b>3.249</b>	<b>(4,1)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>2.854</b>	<b>2.998</b>	<b>2.870</b>	<b>3.364</b>	<b>3.394</b>	<b>3.220</b>	<b>(5,1)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.



**Tabela 38 – Evolução de produção entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja**

REGIÃO/UF	Produção (em mil toneladas)						
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(i/h)
<b>NORTE</b>	<b>3.391,3</b>	<b>4.289,5</b>	<b>3.818,9</b>	<b>5.536,4</b>	<b>5.903,9</b>	<b>6.017,8</b>	<b>1,9</b>
RR	56,2	63,9	79,2	90,0	117,5	147,5	25,5
RO	607,7	732,9	765,0	930,3	1.094,9	1.094,9	-
AC	-	-	-	-	1,5	2,9	93,3
AM	-	-	-	-	3,4	5,7	67,6
AP	-	-	-	54,4	58,3	56,6	(2,9)
PA	668,6	1.017,0	1.288,0	1.635,3	1.530,6	1.637,9	7,0
TO	2.058,8	2.475,7	1.686,7	2.826,4	3.097,7	3.072,3	(0,8)
<b>NORDESTE</b>	<b>6.620,9</b>	<b>8.084,1</b>	<b>5.107,1</b>	<b>9.644,7</b>	<b>11.850,7</b>	<b>10.161,3</b>	<b>(14,3)</b>
MA	1.823,7	2.069,6	1.250,2	2.473,3	2.973,4	2.863,0	(3,7)
PI	1.489,2	1.833,8	645,8	2.048,1	2.538,6	2.298,6	(9,5)
AL	-	-	-	-	5,5	5,5	-
BA	3.308,0	4.180,7	3.211,1	5.123,3	6.333,2	4.994,2	(21,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>41.800,5</b>	<b>43.968,6</b>	<b>43.752,6</b>	<b>50.149,9</b>	<b>53.945,4</b>	<b>52.298,7</b>	<b>(3,1)</b>
MT	26.441,6	28.018,6	26.030,7	30.513,5	32.306,1	32.124,7	(0,6)
MS	6.148,0	7.177,6	7.241,4	8.575,8	9.600,5	8.871,3	(7,6)
GO	8.994,9	8.625,1	10.249,5	10.819,1	11.785,7	11.060,4	(6,2)
DF	216,0	147,3	231,0	241,5	253,1	242,3	(4,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>5.015,3</b>	<b>5.873,5</b>	<b>7.574,9</b>	<b>8.151,5</b>	<b>8.955,0</b>	<b>8.570,9</b>	<b>(4,3)</b>
MG	3.327,0	3.507,0	4.731,1	5.067,2	5.545,2	5.082,5	(8,3)
SP	1.688,3	2.366,5	2.843,8	3.084,3	3.409,8	3.488,4	2,3
<b>SUL</b>	<b>29.292,8</b>	<b>34.012,3</b>	<b>35.181,1</b>	<b>40.592,8</b>	<b>38.626,7</b>	<b>38.295,0</b>	<b>(0,9)</b>
PR	14.780,7	17.210,5	16.844,5	19.586,3	19.170,5	17.278,7	(9,9)
SC	1.644,4	1.920,3	2.135,2	2.292,6	2.305,9	2.326,1	0,9
RS	12.867,7	14.881,5	16.201,4	18.713,9	17.150,3	18.690,2	9,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>10.012,2</b>	<b>12.373,6</b>	<b>8.926,0</b>	<b>15.181,1</b>	<b>17.754,6</b>	<b>16.179,1</b>	<b>(8,9)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>76.108,6</b>	<b>83.854,4</b>	<b>86.508,6</b>	<b>98.894,2</b>	<b>101.527,1</b>	<b>99.164,6</b>	<b>(2,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>86.120,8</b>	<b>96.228,0</b>	<b>95.434,6</b>	<b>114.075,3</b>	<b>119.281,7</b>	<b>115.343,7</b>	<b>(3,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2019.

### 8.1.9. SORGO

A cultura do sorgo no país deverá ter uma área plantada de 787,6 mil hectares e uma produtividade de 2.472 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, se observa que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em razão do mercado, e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Na Bahia estima-se o cultivo de 105 mil hectares, com a produção de 115,5 mil toneladas de grãos de sorgo. Essa estimativa de produção é 17,6% maior que a produção da safra passada. A área cultivada aumentou 4,9% e espera-se o rendimento de 1.100 kg/ha (18,3 scs/ha).

O cultivo conduzido por pequenos, médios e grandes produtores está com o plantio finalizado no centro-norte e centro-sul que, juntos, cultivam cerca de 60% das lavouras. Nessas duas mesoregiões o cultivo da cultura do sorgo é utilizado como alternativa à cultura do milho devido aos quadros climáticos de restrição hídrica ocorridos nas últimas safras. Ainda assim, após o veranico de cerca de 40 dias, os produtores estão optando pelo corte e processamento das estruturas vegetativas do sorgo em silagem, visando garantir a alimentação para as criações. Outros 40% restantes serão cultivados no extremo-oeste, em sucessão às lavouras em soja de regime de sequeiro em fevereiro de 2019.

A redução da produtividade devido ao estresse hídrico e o corte das plantas para silagem reduziu a estimati-



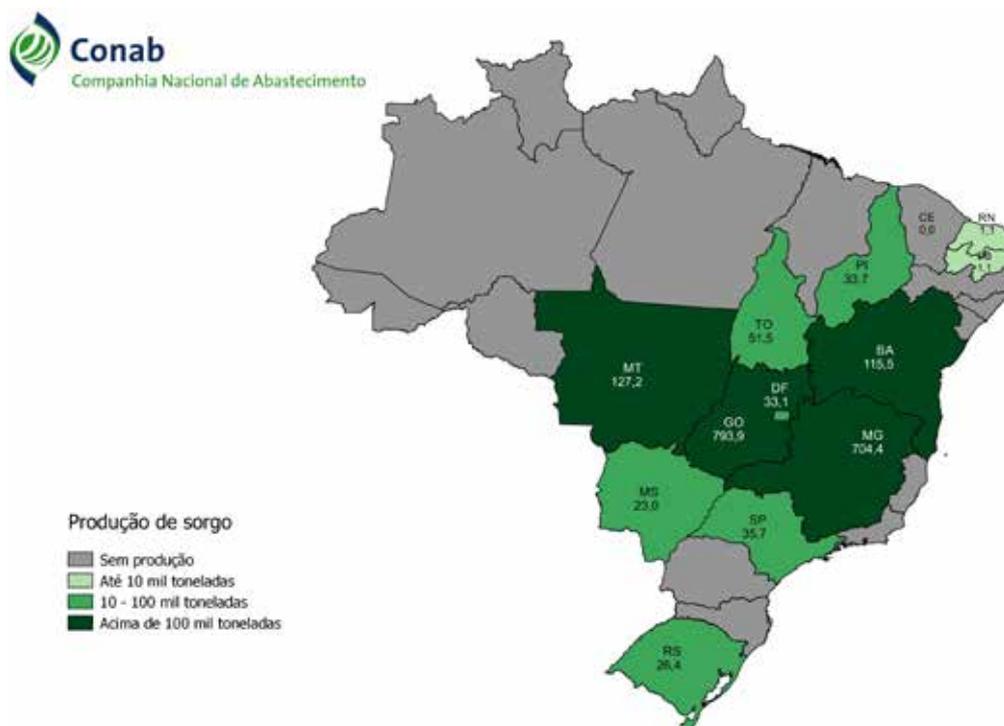
va de produtividade em 38% em relação às expectativas iniciais dessa safra.

No Distrito Federal, nesse quinto levantamento, permanece a intenção de manutenção da área plantada na safra anterior em 7,2 mil hectares, não havendo indicativo de alteração até o presente momento.

A produtividade deverá se manter dentro da média de 4.594 kg/ha, levando em consideração que a espécie não sofre maiores perdas quando submetida ao estresse hídrico.

Com relação à comercialização, o indicativo de valor para venda do produto está se mantendo em torno de 20% inferior aos praticados para o milho.

Figura 64 - Mapa da produção agrícola - Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas      Favorável      Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>32,7</b>	<b>32,7</b>	-	<b>1.651</b>	<b>1.575</b>	<b>(4,6)</b>	<b>53,9</b>	<b>51,5</b>	<b>(4,5)</b>
TO	28,6	28,6	-	1.456	1.801	23,7	41,6	51,5	23,8
<b>NORDESTE</b>	<b>224,7</b>	<b>229,6</b>	<b>2,2</b>	<b>1.812</b>	<b>659</b>	<b>(63,6)</b>	<b>407,1</b>	<b>151,4</b>	<b>(62,8)</b>
PI	16,5	16,5	-	514	2.041	297,1	8,5	33,7	296,5
CE	-	-	-	-	1.767	-	-	-	-
RN	1,3	1,3	-	1.346	849	(36,9)	1,7	1,1	(35,3)
PB	1,2	1,2	-	1.700	918	(46,0)	2,0	1,1	(45,0)
BA	100,1	105,0	4,9	981	1.100	12,1	98,2	115,5	17,6
CENTRO-OESTE	295,1	295,1	-	3.022	3.311	9,6	891,6	977,2	9,6
<b>MT</b>	<b>51,7</b>	<b>51,7</b>	-	<b>2.438</b>	<b>2.460</b>	<b>0,9</b>	<b>126,0</b>	<b>127,2</b>	<b>1,0</b>
MS	7,0	7,0	-	3.500	3.285	(6,1)	24,5	23,0	(6,1)
GO	229,2	229,2	-	3.100	3.464	11,7	710,5	793,9	11,7
DF	7,2	7,2	-	4.250	4.594	8,1	30,6	33,1	8,2
SUDESTE	220,7	220,7	-	3.436	3.353	(2,4)	758,2	740,1	(2,4)
<b>MG</b>	<b>210,4</b>	<b>210,4</b>	-	<b>3.483</b>	<b>3.348</b>	<b>(3,9)</b>	<b>732,8</b>	<b>704,4</b>	<b>(3,9)</b>
SP	10,3	10,3	-	2.470	3.463	40,2	25,4	35,7	40,6
SUL	9,0	9,5	5,6	2.777	2.777	-	25,0	26,4	5,6
<b>RS</b>	<b>9,0</b>	<b>9,5</b>	<b>5,0</b>	<b>2.777</b>	<b>2.777</b>	-	<b>25,0</b>	<b>26,4</b>	<b>5,6</b>
NORTE/NORDESTE	257,4	262,3	1,9	1.792	774	(56,8)	461,0	202,9	(56,0)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>524,8</b>	<b>525,3</b>	<b>0,1</b>	<b>3.192</b>	<b>3.319</b>	<b>4,0</b>	<b>1.674,8</b>	<b>1.743,7</b>	<b>4,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>782,2</b>	<b>787,6</b>	<b>0,7</b>	<b>2.731</b>	<b>2.472</b>	<b>(9,5)</b>	<b>2.135,8</b>	<b>1.946,6</b>	<b>(8,9)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>628,5</b>	<b>782,2</b>	<b>24,5</b>	<b>2.967</b>	<b>2.731</b>	<b>(8,0)</b>	<b>1.864,8</b>	<b>2.135,8</b>	<b>14,5</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2019





## 9. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja, da safra 2018/19, atinge o total de R\$ 202,39 bilhões. Esse número é 14,7% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 176,53 bilhões. O percentual de acréscimo supracitado pode ser explicado pela alta da produção e do valor médio praticado do milho e do algodão e também pela elevação no preço médio do feijão, principalmente o carioca. A cultura da soja apresenta queda na produção, mas valorização do produto.

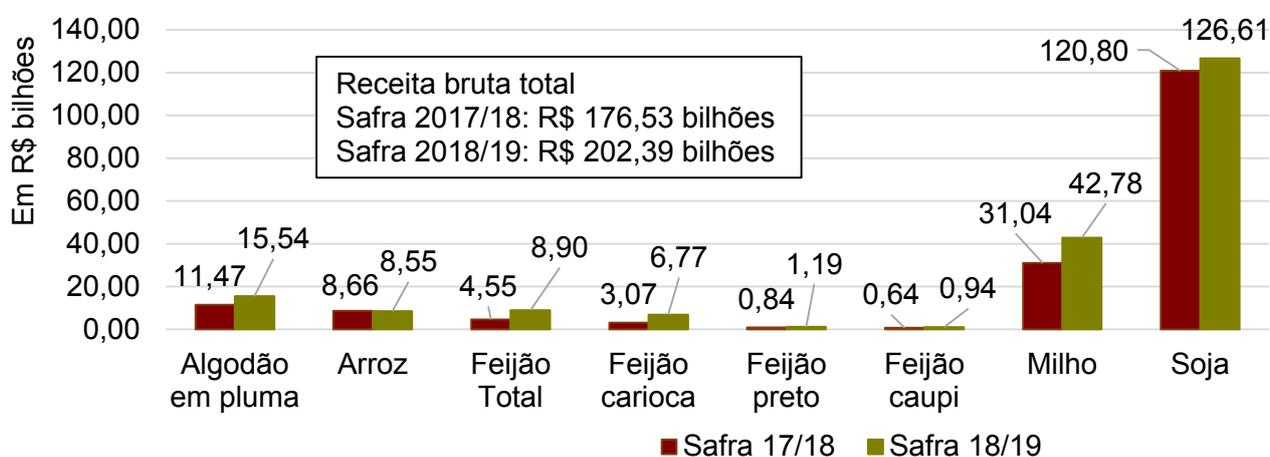
**Tabela 40 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados**

PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 17/18	Safra 18/19	Variação	Unid.	01/2018	01/2019	Variação	01/2018	01/2019	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	2,01	2,56	27,9%	15	85,77	90,88	6,0%	11,47	15,54	35,5%
Arroz	12,06	10,70	-11,3%	60	43,07	47,93	11,3%	8,66	8,55	-1,3%
Feijão Total	3,12	3,06	-1,7%	60	87,63	174,34	99,0%	4,55	8,90	95,6%
Feijão carioca	1,84	1,85	0,6%	60	100,30	220,00	119,3%	3,07	6,77	120,7%
Feijão preto	0,49	0,46	-5,7%	60	102,67	154,21	50,2%	0,84	1,19	41,6%
Feijão caupi	0,79	0,76	-4,4%	60	48,85	74,93	53,4%	0,64	0,94	46,7%
Milho	80,71	91,24	13,0%	60	23,08	28,13	21,9%	31,04	42,78	37,8%
Soja	119,28	115,34	-3,3%	60	60,76	65,86	8,4%	120,80	126,61	4,8%
<b>TOTAL</b>	-	-	-	-	-	-	-	<b>176,53</b>	<b>202,39</b>	<b>14,7%</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa de produção em fevereiro/2019 e preços de janeiro de 2018 e 2019.

**Gráfico 17 – Receita bruta dos produtores rurais - Produtos selecionados – Safras 2017/18 e 2018/19**



Fonte: Conab.

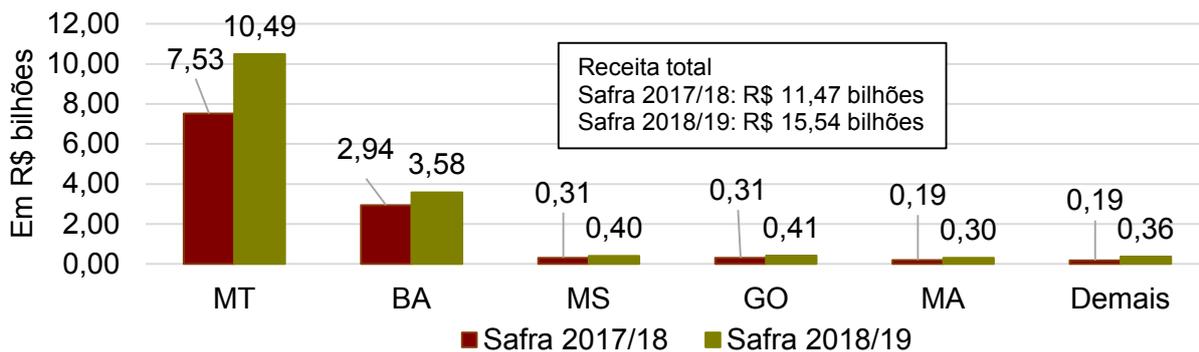
## 9.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 27,9% no escopo nacional. Paralelamente, o preço médio nacional para a fibra apresenta valorização de 6%. Esses dois movimentos culminaram no aumento do valor da receita bruta dos produtores, que apresenta

um valor de R\$ 15,54 bilhões para a safra em questão, um aumento de 35,5% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram no aumento da receita bruta.

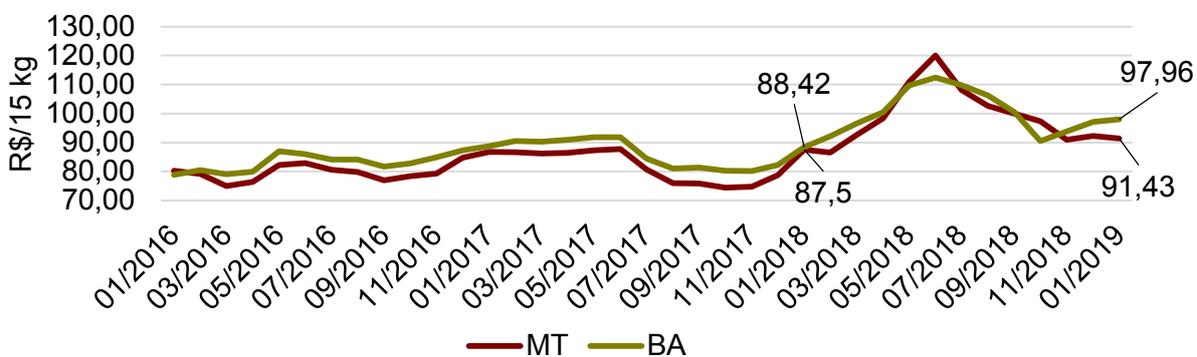


**Gráfico 18 – Algodão em pluma – Receita Bruta – Janeiro/2018 a Janeiro/2019**



Fonte: Conab

**Gráfico 19 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores**



Fonte: Conab.

As Unidades da Federação com maior produção de algodão são o Mato Grosso e a Bahia. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi

de R\$ 10,5 bilhões e para a Bahia de R\$ 3,6 bilhões, aumentos de 39,4% e 21,8%, respectivamente.

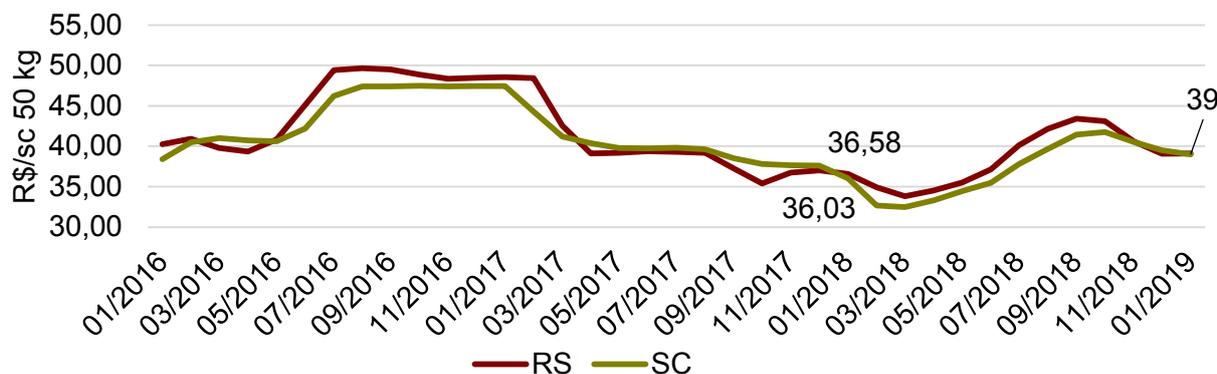
## 9.2. ARROZ

O arroz tem a produção concentrada na Região Sul, fator que indica forte participação dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. A Unidade da Federação com maior produção, Rio Grande do Sul, apresenta decréscimo na produção de 11,7%

e para Santa Catarina 3,9%.

Além disso, quando comparados os valores de Janeiro de 2018 a janeiro de 2019, verifica-se aumento no valor médio nacional.

**Gráfico 20 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores**



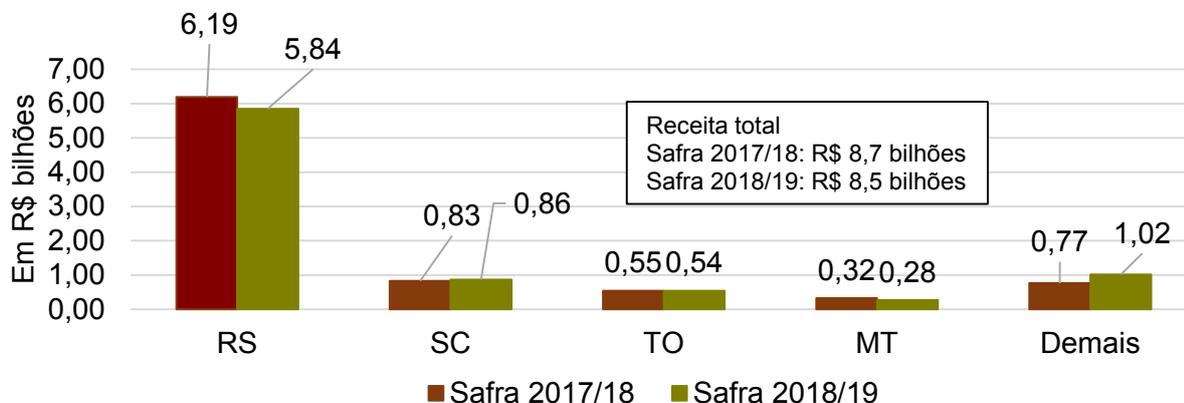
Fonte: Conab.



A queda na quantidade produzida pelo Brasil, com magnitude de 11,3%, refletiu na receita bruta dos produtores rurais, de tal forma essa experimentou decréscimo de 1,3%. A elevação de 11,3% no preço médio

praticado para o cereal não foi suficiente para configurar um aumento na receita bruta dos produtores de arroz.

**Gráfico 21 – Receita bruta dos produtores rurais - Arroz – Safras 2017/18 e 2018/19**



Fonte: Conab.

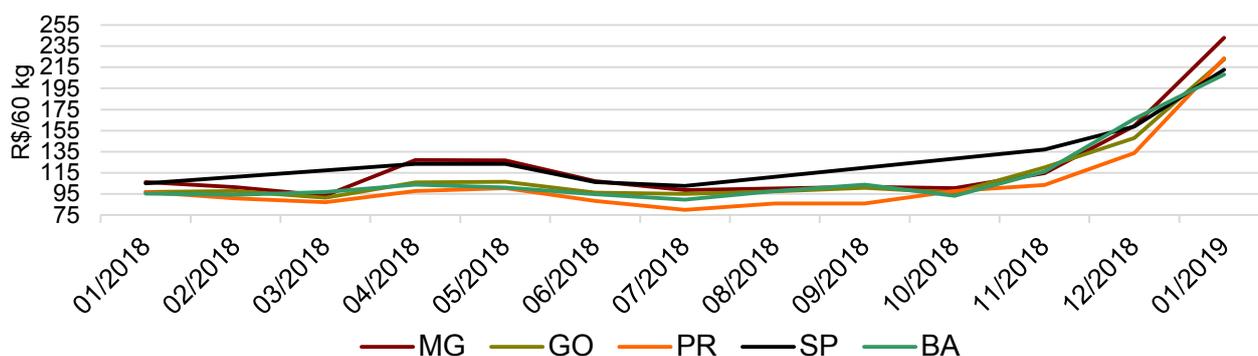
## 9.3. FEIJÃO

### 9.3.1. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca observa-se decréscimo da produção na Região Centro-Sul e acréscimo na Região Norte-Nordeste, na safra em análise, até mesmo para São

Paulo, com queda de 28,6%. É salutar ressaltarmos que a diminuição da oferta nos últimos três meses acarretou em um elevado acréscimo no preço praticado para o feijão-carioca. Em um contexto nacional, o preço médio mais que dobrou.

**Gráfico 22 – Feijão-carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores**



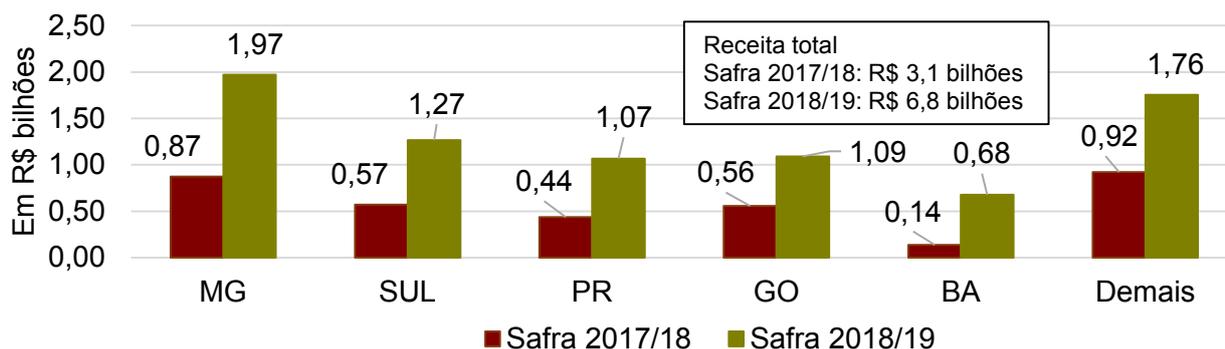
Fonte: Conab.

O forte incremento nos preços acarretou no aumento massivo na estimativa da receita bruta total para o feijão carioca, apresentando valor de R\$ 6,8 bilhões

para 2018/19, mais que o dobro do observado na safra anterior de R\$ 3,1 bilhões em 2017/18.



Gráfico 23 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-carioca – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab

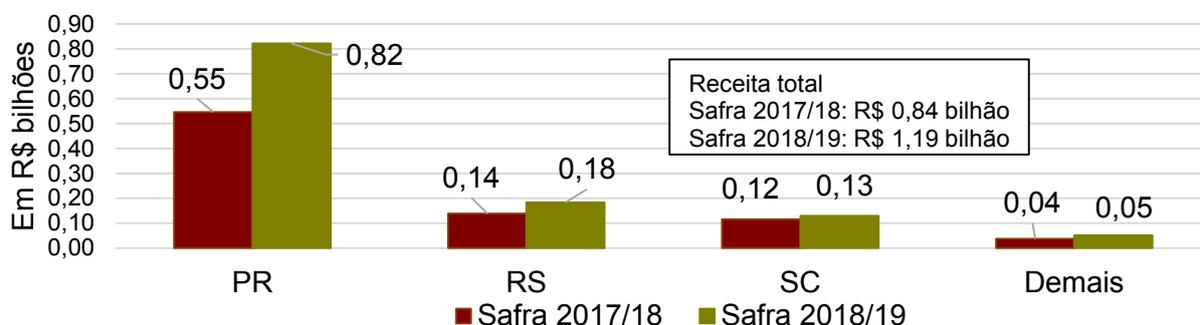
### 9.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

A cultura de feijão-comum preto é fortemente concentrada nas Regiões Sul e Sudeste. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 93% da produção nacional do feijão-comum preto. O Paraná apresenta decréscimo na produção e aumento de 61% nos preços recebidos pelos produtores. Para o Rio Grande do Sul e para Santa Catarina observa-se diminuição na produção de 7,9% e 6,4%, respectivamente, e aumento médio no preço de 19,5% em Santa Catarina e incremento para o Rio Grande do Sul de

43,6%.

A partir desse cenário nacional de aumento nos preços praticados e decréscimo na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2018/19, foi de R\$ 1,19 bilhão, 41,6% maior que o observado na safra 2017/18, de R\$ 0,84 bilhão. A pujança no preço praticado foi a responsável pelo aumento na receita bruta, mesmo que experimentada a diminuição no volume da produção nacional.

Gráfico 24 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-comum preto – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab

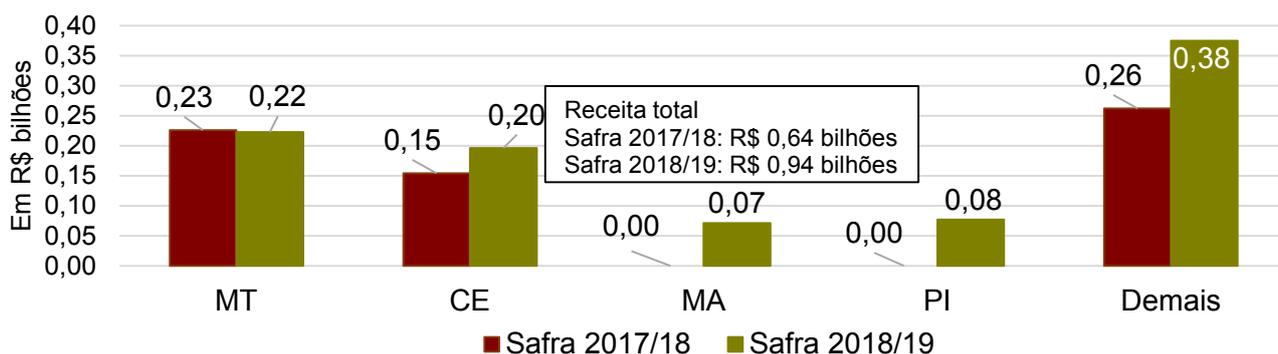
### 9.3.2. FEIJÃO-CAUPI

O feijão-caupi está concentrado nas Regiões Nordeste e Centro-Oeste. Para as regiões supracitadas se observa as seguintes situações: no Nordeste, a produção experimenta decréscimo de 8,7% e na Região Centro-Oeste de 2,4%.

Por outro lado, quando comparados os preços praticados junto aos produtores de feijão-caupi em janeiro de 2018, com os preços de janeiro de 2019, observa-se incremento no preço praticado na Região Nordeste, 90,9% e acréscimo no Centro-Oeste de 1%.



**Gráfico 25 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-caupi – Safras 2017/18 e 2018/19**



Fonte: Conab.

Com base nas informações acima, percebe-se que a queda na produção nacional e o aumento no preço médio nacional (53,4%) culminaram no incremento da receita bruta dos produtores de feijão-caupi. A es-

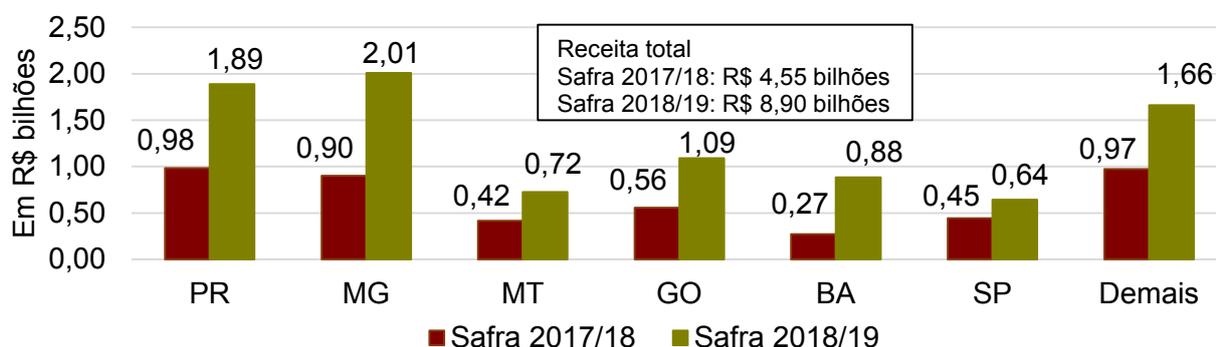
timativa nesse levantamento para a safra 2018/19 revela um valor de R\$ 0,94 bilhão. Já para a safra 2017/18 o valor é de R\$ 0,64 bilhão, ou seja, um aumento de 46,7%.

### 9.3.2. FEIJÃO (CAUPI, CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca, caupi e do preto, obteve-se a receita bruta do total de feijão de R\$ 8,90 bilhões na

temporada 2017/18 e R\$ 4,55 bilhões em 2018/19, aumento de 95,6%.

**Gráfico 26 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2017/18 e 2018/19**



Fonte: Conab.

## 9.4. MILHO

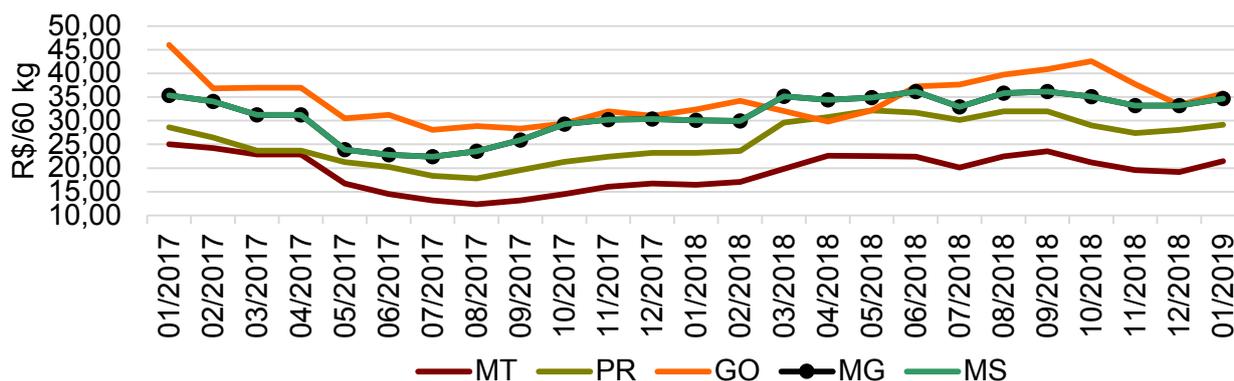
O milho apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná.

Os preços internos apresentam tendência de recupe-

ração ao considerarmos o preço praticado em dezembro de 2018. Além disso, se compararmos os preços de janeiro de 2019 com os preços de janeiro de 2018, vê-se um incremento no valor observados nas Unidades da Federação presentes na representação gráfica a seguir. Isso posto, na comparação de janeiro de 2018 e janeiro de 2019, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 21,9%.



Gráfico 27 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores

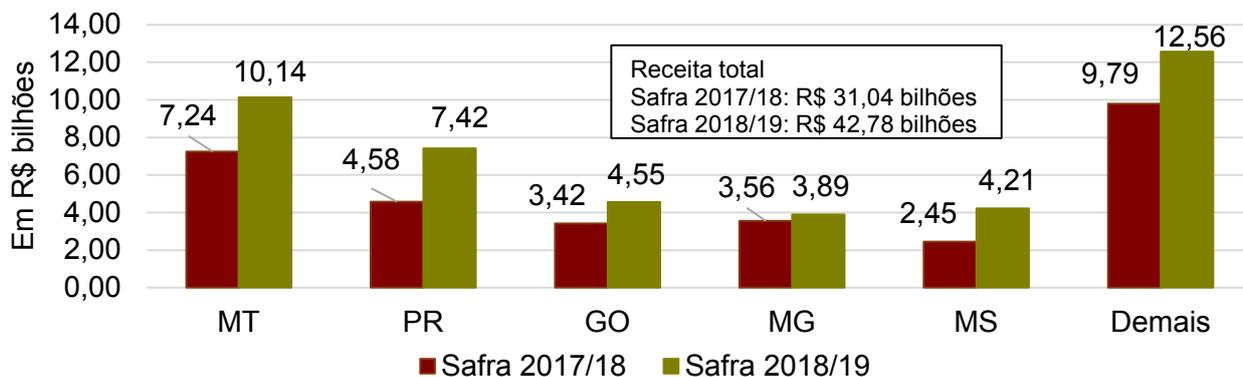


Fonte: Conab.

Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e a produção nacional também apresentou crescimento, mesmo nos maiores estados produtores. A estimativa da receita bruta total para

o milho foi de R\$ 42,78 bilhões para a safra 2018/19, já para a safra de 2017/18 observa-se a estimativa de R\$ 31,04 bilhões, ou seja, um incremento no valor da receita de 37,8%.

Gráfico 28 – Receita bruta dos produtores rurais – Milho – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

## 9.5. SOJA

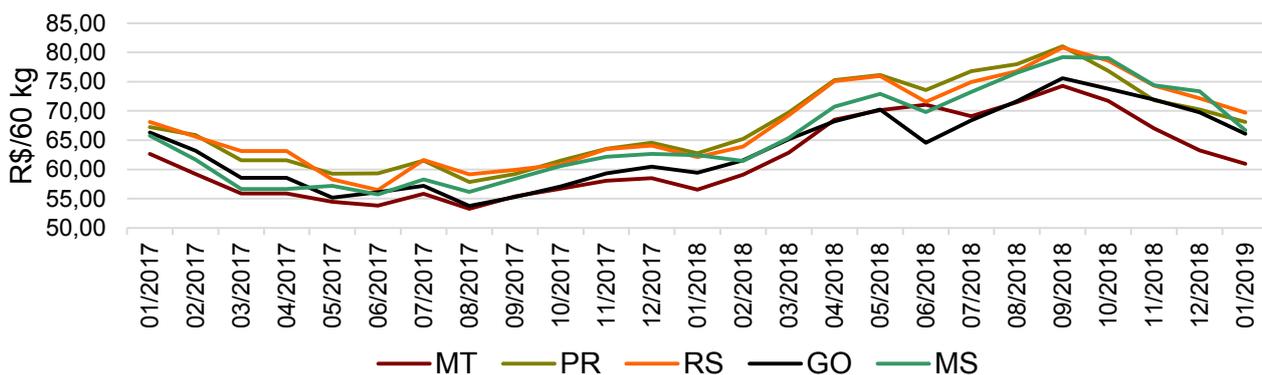
A produção da safra 2017/18 foi calculada em 119,3 milhões de toneladas, já para a safra 2018/19, a estimativa presente nesse levantamento para a produção é de 115,3 milhões de toneladas, uma queda de 3,3%. No Paraná, a estimativa é de queda na quantidade produzida, já no Rio Grande do Sul, a estimativa é de incremento de 9%. O maior estado produtor, Mato Grosso,

apresenta estimativa de decréscimo de 0,6%.

Além disso, os preços da oleaginosa apresentaram aumento em todos os 16 estados produtores, com incremento médio de 8,4% nos preços recebidos pelos produtores, quando comparados os valores de janeiro de 2018 e janeiro de 2019.



**Gráfico 29 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores**



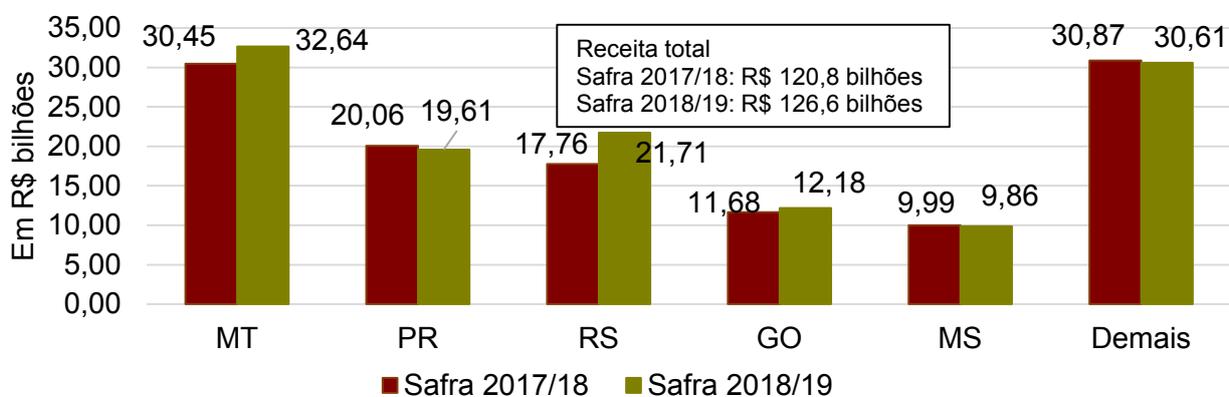
Fonte: Conab.

O movimento de queda na produção e o incremento nos preços recebidos pelo produtor culminaram na majoração da estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2018/19. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de R\$ 32,65 bilhões para a temporada 2018/19. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em R\$ 30,45 bilhões, com acréscimo relativo de 7,2%. A Unidade da Federação produtora que apresentou maior incremento percentual na receita

bruta estimada para a soja foi Roraima, com 36,2% de aumento, resultado de 25,5% de aumento na produção e 8,5% no valor recebido pelo produtor para a saca de 60 quilos, indicativo de expansão da fronteira agrícola na Região Norte do país.

Portanto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2018/19 foi de R\$ 126,6 bilhões, frente à estimativa de R\$ 120,8 bilhões da safra anterior, um aumento de 4,8%.

**Gráfico 30 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2017/18 e 2018/19**



Fonte: Conab.





## 10. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

### 10.1. ALGODÃO

#### 10.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), em seu relatório de dezembro, a produção mundial de pluma na safra 2017/18 deverá fechar em 26,932 milhões de toneladas, já a projeção para a safra 2018/19 é de uma produção de 26,853 milhões de toneladas. Esse resultado significaria uma queda de 4% na produção.

Também segundo o Usda, para a safra 2017/18, teremos, depois de dois anos, uma produção maior que o consumo. Já para a safra 2018/19, o cenário deve se inverter novamente, pois o consumo projetado é de 27,353 milhões de toneladas, 1,86% maior que o previsto para a produção no período.

Desse modo, para a safra 2018/19, as informações disponíveis apontam para uma sustentação nos preços da pluma. Esse cenário mundial de deficit é o principal fator responsável por mais um aumento significativo da intenção de plantio de algodão no Brasil.

## 10.1.2. PANORAMA NACIONAL

Segundo o quinto levantamento de safra, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2018/19, é de 2.564,9 mil toneladas de pluma, isso significaria um aumento de 27,9% ao produzido na safra anterior, que foi de 2.005,8 mil toneladas. O aumento da produtividade, em relação à safra anterior, é estimada em quase 4%. Agora o mais significativo é o aumento de área esperado de 33% no próximo plantio. Em se confirmando esses números, será mais um recorde de produção no mercado algodoeiro.

## 10.2. ARROZ

Em dezembro, o Brasil exportou 287,1 mil toneladas de arroz base casca e importou 43,5 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$478,65/t, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em outubro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 27,7 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$362,02/t de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do sudeste brasileiro, com destaque para São Paulo e Minas Gerais.

Acerca do consumo, este foi consolidado nesta atual publicação em 12,0 milhões de toneladas para a Safra 2016/17. Esse dado é estimado por meio do fechamento do quadro de suprimento, com a publicação do levantamento dos estoques privados de 689,25 mil toneladas, somados aos estoques públicos de 22,36 mil toneladas no dia 28 de fevereiro de 2018. Para Safra 2017/18 e 2018/19, projeta-se uma amena retração do consumo interno, ficando em 11,7 milhões de tonela-

## 10.3. FEIJÃO

### 10.3.1. FEIJÃO COMUM CORES

No atacado, em São Paulo, o mercado segue firme após o recesso de final de ano, com o produto passando por sucessivas alterações nos preços, chegando a superar a cifra de R\$ 350 pela saca de 60 quilos, nesta última semana de janeiro. A pouca oferta do grão, em razão da menor área semeada na primeira safra, e dos problemas decorrentes de adversidades climáticas, são apontados como os principais responsáveis para tal comportamento. O abastecimento está sendo processado, em sua maioria, com produtos oriundos do Paraná, e o restante de Minas Gerais, Goiás e São

O aumento de área já era esperado pelo mercado. O cenário do algodão no mundo é otimista, com o consumo devendo superar a produção mais uma vez. A demanda externa é fundamental para a sustentação do setor algodoeiro do Brasil, visto que a retomada do crescimento econômico interno continua lenta e se mostra incapaz de absorver parte do aumento da produção.

das para ambas as safras.

Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2018/19 deverá ser 11,3% inferior em relação à safra 2017/18, atingindo 10,7 milhões toneladas, volume abaixo da média histórica de 12,0 milhões de toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão da perspectiva de menor produtividade (adversidades climáticas) e de redução de área nos principais estados produtores. Sobre a balança comercial, a expectativa é de superávit de aproximadamente 700 mil toneladas na atual safra em meio a preços nacionais baixos e um Real desvalorização na maior parte do ano passado. Já para a safra 2018/19, estima-se que ocorrerá uma reversão do superávit para déficit na balança comercial, pois a expectativa é de Real mais valorizado, menor oferta do grão e, conseqüentemente, melhores preços internos ao longo de 2019.

Com base no cenário descrito, espera-se estabilidade nos estoques de passagem ao longo de 2018, sendo estimado um estoque final de 675,8 mil toneladas, para a Safra 2017/18 (fevereiro de 2019). Para Safra 2018/19, em meio a uma estimativa de menor produção, a projeção é de redução nos estoques para 374,0 mil toneladas (fevereiro de 2020).

Paulo.

Esperava-se, a qualquer momento, uma reação dos preços, mas não de forma tão intensa. Provavelmente o volume a ser colhido não será suficiente para manter o mercado em equilíbrio em curto prazo. Com isso, a expectativa é que os preços continuem com viés de alta.

No quinto levantamento foi estimada para a primeira safra uma área de 365,7 mil hectares, menor em



20,9% à registrada na safra anterior, e uma produção de 594,7 mil toneladas, inferior em 25,6% à colheita anterior ou 204,3 mil toneladas a menos.

Na Região Centro-Sul do país, a queda na área e na produção estão estimadas em 25,7% e 26,7%, respectivamente, em relação aos números da safra anterior. Na Região Nordeste, representada pela Bahia (feijão-carioca), houve aumento de 25,3% na área e de 18,4% na produção.

Em São Paulo, o plantio foi antecipado e a safra concluída, apresentando substancial redução no cultivo e na qualidade do grão, devido ao excesso de chuva durante a fase de colheita. No Paraná, a primeira safra está em processo final de colheita, e metade da produção foi comercializada pelos produtores. Nos demais estados da Região Centro-Sul predominam as fases de maturação e colheita.

Com relação a segunda safra, a pesquisa em questão projeta uma ligeira expansão na área a ser plantada e aumento de 21,9% na produção. No Sul do país, a semeadura começou no início de janeiro, atingindo cerca de 30% da área, e as lavouras atravessam as fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.

A situação favorável de mercado seria um fator mo-

### 10.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo e nas zonas de produção, os preços seguem se valorizando, puxados, em parte, pela forte valorização do feijão-carioca.

### 10.3.2. SUPRIMENTO

Para a temporada em curso, 2018/19, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras chega em um volume médio de produção estimado em 3,06 milhões de toneladas, 1,7% inferior à colheita anterior.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6, recuando para 2,8 em 2016, o menor registrado na história em virtude do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas.

tivador para uma maior expansão na área a ser cultivada na segunda safra. No entanto a elevação dos preços ocorreu a partir de meados de novembro/18 e, no Paraná, maior estado produtor, o plantio começa no início de janeiro, tornando o período bastante curto para tal decisão. Lá, observa-se uma forte tendência de aumento da área de milho, notadamente na região sudoeste do estado. No núcleo regional de Pato Branco, maior produtor, a área estimada para o plantio é inferior à metade da cultivada em 2018.

Quanto ao varejo, as margens estão muito elevadas, principalmente em se tratando de um produto com nível de processamento e agregação de valor extremamente baixo. Em São Paulo, de outubro de 2018 a janeiro de 2019, o pacote de 1 quilo do carioquinha tipo 1, independente da marca, passou de R\$ 3,61 para R\$ 5,46, o que representa um aumento de 55,6%. Dessa forma, verifica-se grande dificuldade de repasse dos últimos aumentos para o consumidor, e essa elevação abrupta poderá impactar ainda mais o consumo interno.

Assim, as vendas que já apresentam certa lentidão tendem a arrefecer, forçando o mercado a encontrar um ponto de equilíbrio, ou seja, um valor que o consumidor esteja disposto a pagar.

Em 2017 houve uma pequena recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,3 milhões de toneladas. No entanto, em 2018, a significativa queda dos preços no varejo, em relação ao ano passado, não foi suficiente para manter o atual consumo que, a princípio, deve recuar cerca de 200.000 toneladas. Dessa forma, de acordo com o volume de produção previsto e as importações e exportações estimadas em 150 e 120 mil toneladas, respectivamente, espera-se um estoque de passagem na ordem de 231 mil toneladas, cerca de 1 hum mês de consumo.



## 10.4. MILHO

A principal alteração no quadro de oferta e demanda de milho é o incremento nas exportações da safra 2017/18. Isso porque, surpreendentemente, devido a um entrave logístico para embarque da soja recém-colhida (custo alto do frete), as tradings, que possuíam navios já nomeados dos portos do Sul do país, optaram por embarcar milho, evitando não só a demora como o take or pay, uma vez que a maior parte do estoque remanescente desta safra se encontra nessa região.

Além disso, houve um pequeno ajuste nas importações, vez que os dados da Secretaria de Comércio Exterior de dezembro informam que o Brasil internalizou cerca de 840 mil toneladas.

Desta feita, o estoque final de milho da safra 2017/18 deve ficar em 14,3 milhões de toneladas, que, somado ao volume de produção estimado em 91,2 milhões e

às importações de 500 mil toneladas, gera um suprimento recorde de 106,1 milhões toneladas.

No entanto, o consumo estimado em 62,5 milhões de toneladas, destacando que parte deste incremento em ralação à safra passada, se deve ao aumento das indústrias de produção de etanol à base de milho, assim como a elevação das exportações de 24,8 para 31 milhões de toneladas colaborará para a diminuição dos estoques finais da safra 2018/19.

Esses estoques promovem um cenário bem confortável em relação ao abastecimento de milho tanto para esta safra como para o início da safra seguinte. Nesse cenário, possivelmente os preços domésticos devem ser pressionados próximos à colheita do milho segunda safra, porque, neste momento, a safra de milho dos Estados Unidos já estará definida e ao que tudo indica tende a ser maior que essa última.

## 10.5. SOJA

### 10.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Os preços internacionais médios de janeiro de 2019, na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), tiveram uma pequena alta, se comparados a dezembro de 2018, passando de UScents 898,74/bu para UScents 907,56/bu.

O entrave da guerra comercial entre China e Estados Unidos - onde os chineses taxaram a importação de soja em grãos americana em 25% continua, e, apesar do anúncio de compras dessa oleaginosa por parte da estatal chinesa, as exportações americanas, para os chineses, continuam com valor muito abaixo ao exportado nos anos anteriores.

Nesse cenário, os estoques de passagem americanos, para a safra 2018/19, estão estimados em mais de 118% ao valor estimado na safra 2017/18, momento em que já eram os maiores estoques de passagem americanos, historicamente.

### 10.5.1. MERCADO NACIONAL

No Brasil, os preços nacionais tiveram uma pequena queda, motivada principalmente pela forte baixa dos prêmios de porto, que no início de 2018 eram de US-Cents 120/bu, e no final de janeiro 2019, fechando a US-Cents 40/bu. No entanto o dólar também teve forte influência, já que em dezembro de 2018 foi cotado, em média, ao valor de R\$ 3,88 e em janeiro de 2019

Agrega-se a isso, o fato de que os chineses devem reduzir os esmagamentos de soja em grãos para a safra atual devido a problemas com gripe suína, que reduziram o quantitativo de consumo de farelo de soja.

Nesse contexto há de se dizer que os preços internacionais continuam baixos, todavia, se comparados aos praticados no início da guerra comercial, com os preços CBOT chegando a ser cotados a UScents 814/bu, vê-se que esses valores já portaram uma forte elevação.

Assim, a tendência é que com os problemas de quebra de safra no Brasil e, provavelmente na Argentina e Paraguai, e quando o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos divulgar o número real de produção desse país, os preços internacionais voltem a subir um pouco, mas a guerra comercial deve refletir muito mais nos preços CBOT.

esse valor médio passou para R\$ 3,74.

Em que pese os preços internacionais em baixa, a comercialização de soja em grão, para a safra 2018/19, encontra-se um pouco superior ao valor estimado de comercialização da safra 2017/18. O aumento ou redução da comercialização nos próximos meses vai



depender de uma recuperação dos preços no mercado internacional, mas, precipuamente, da recuperação dos preços de prêmio de porto e do dólar.

As exportações brasileiras de soja em grãos em janeiro começaram o mês com um valor forte exportado até a terceira semana de janeiro, posteriormente ocorreu uma redução brusca e fecharam em aproximadamente em 2,154 milhões de toneladas, sendo esse valor 37,76% maior que o exportado em janeiro de 2017, estimado em 1,56 milhões de toneladas.

Os preços médios FOB que em janeiro 2018 estavam em US\$ 380,06 tonelada, passaram para US\$ 378,36 a tonelada em janeiro de 2019, esta redução dos preços no porto (FOB), entre os períodos citados, foi motivada

## 10.6. TRIGO

O mercado tritícola apresentou pouca movimentação e baixa liquidez em janeiro, devido ao significativo volume de trigo de qualidade inferior e gerou uma expectativa de aumento das importações, principalmente de trigo argentino. Os produtores, por sua vez, mantiveram uma postura rígida em relação aos preços e não cederam, alinhando suas cotações à da paridade de importação.

Para atender à demanda interna e mediante o expressivo volume de trigo de qualidade inferior colhido, fez-se necessário importar 625,2 mil toneladas dos países: Argentina (92,16%), Paraguai (5,5%), Estados Unidos (2,3%) e Líbano (0,4%) durante janeiro. No mesmo período foram exportados um volume equivalente a 378 mil toneladas.

Os dados referentes à safra 2018/19 foram consolidados. Houve um aumento anual de área plantada na ordem de 6,6%. No que pese a quantidade produzida houve um acréscimo de 27,3%, totalizando 5.427,6 mil toneladas. A produtividade apresentou aumento de 19,4% (2.657 kg/ha), apesar dos problemas climáticos ocorridos nos principais estados brasileiros produtores (Paraná e Rio Grande do Sul), gerando um quantitativo de trigo com qualidade inferior, conforme citado anteriormente. Segundo informações do Departamento de Economia Rural do Estado do Paraná, até 24 de janeiro de 2019, 84% do trigo colhido havia sido comercializado.

pelos preços internacionais que, em janeiro 2018, estavam em UScents 969,69/bu e, em janeiro 2019, em UScents 907,56/bu, devido também pelos prêmios de portos, pois a média das cotações de prêmios de porto em janeiro de 2018 foi de UScents 73,63/bu, passando para UScents 48,33/bu em janeiro de 2019. Por outro lado, o dólar teve uma variação positiva, se comparar janeiro de 2018 e janeiro/ 2019, passando, em média, de R\$ 3,21 (janeiro de 2018) para R\$ 3,74 (janeiro de 2019).

Com forte queda de safra prevista para 2019, as exportações devem sofrer uma forte redução na safra 2018/19 e, por esta razão, as exportações deverão ficar no valor aproximado de 71,50 milhões de toneladas.

A Conab ainda não tem informações sobre a área plantada e produtividade para a safra 2019/20 e a metodologia utilizada até o próximo levantamento é de repetição da área plantada da safra anterior. No que se refere à produtividade, esta será estimada por meio de estatísticas de produtividades dos últimos anos, perfazendo um valor de 2.757 kg/ha e aumento de 3,8%. Quanto à produção, é previsto também um acréscimo de 3,7% e total de 5.631 mil toneladas.

Foram realizados ajustes no Quadro de Oferta e Demanda do Trigo em relação à produção e à importação, que acabaram por modificar também o volume de suprimento e o quantitativo de estoque final. A estimativa de importação aumentou devido ao elevado volume de trigo de qualidade inferior produzido internamente. Vale ressaltar que após um longo período sem embarques, o Brasil exportou 378 mil toneladas para países asiáticos (Indonésia, Filipinas, Vietnã e Cingapura), proveniente majoritariamente do Rio Grande do Sul.

Em relação ao ajuste no consumo das duas últimas safras, estima-se que parte do consumo doméstico é destinado a outros usos, como ração animal, diferentemente de anos anteriores em que grande parte do trigo de qualidade inferior foi exportado para países menos exigentes.



**Tabela 41 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas**

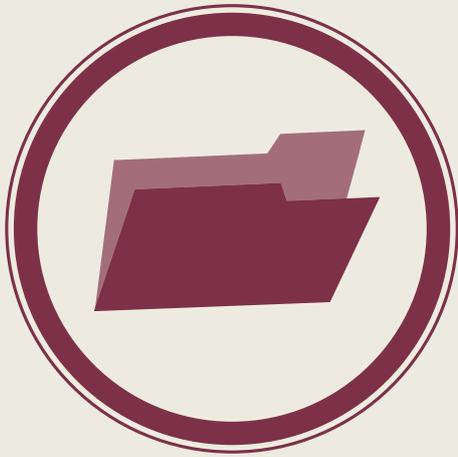
PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	2.005,8	20,0	2.271,1	680,0	900,0	691,1
	2018/19	691,1	2.564,9	5,0	3.261,0	730,0	1.450,0	1.081,0
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.064,2	900,0	13.675,8	11.400,0	1.600,0	675,8
	2018/19	675,8	10.698,2	1.300,0	12.674,0	11.400,0	900,0	374,0
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,0	81,1	3.499,7	3.100,0	162,4	237,3
	2018/19	237,3	3.064,5	150,0	3.451,8	3.100,0	120,0	231,8
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.972,4	18.883,2	6.617,3
	2016/17	6.617,3	97.842,8	953,6	105.413,7	57.330,5	30.836,7	17.246,5
	2017/18	17.246,5	80.786,0	900,0	98.932,5	59.844,8	24.767,0	14.320,7
	2018/19	14.320,7	91.652,3	500,0	106.473,0	62.500,0	31.000,0	12.973,0
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.200,0	42.791,9	1.238,2
	2013/14	1.238,2	86.120,8	578,7	87.937,7	39.600,0	45.692,0	2.645,7
	2014/15	2.645,7	96.228,0	324,1	99.197,8	42.500,0	54.324,2	2.373,6
	2015/16	2.373,6	95.434,6	382,1	98.190,3	41.500,0	51.581,9	5.108,4
	2016/17	5.108,4	114.075,3	253,7	119.437,4	43.800,0	68.154,6	7.482,8
	2017/18	7.482,8	119.281,7	187,0	126.951,5	42.600,0	83.605,2	746,3
	2018/19	746,3	115.343,7	400,0	116.490,0	44.000,0	71.500,0	990,0
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.874,0	3,9	28.745,5	14.350,0	13.333,5	1.062,0
	2013/14	1.062,0	28.952,0	1,0	30.015,0	14.799,3	13.716,3	1.499,4
	2014/15	1.499,4	31.185,0	1,1	32.685,5	15.100,0	14.826,7	2.758,8
	2015/16	2.758,8	30.415,0	0,8	33.174,6	15.500,0	14.443,8	3.230,8
	2016/17	3.230,8	32.186,0	1,6	35.418,4	17.000,0	14.177,1	4.241,3
	2017/18	4.241,3	31.262,0	0,2	35.503,5	17.200,0	16.862,0	1.441,5
	2018/19	1.441,5	32.340,0	1,0	33.782,5	17.200,0	14.400,0	2.182,5
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	7.059,0	5,0	7.714,5	5.556,3	1.362,5	795,7
	2013/14	795,7	7.332,0	0,1	8.127,8	5.930,8	1.305,1	891,9
	2014/15	891,9	7.897,5	25,3	8.814,7	6.359,2	1.669,9	785,6
	2015/16	785,6	7.702,5	66,1	8.554,2	6.380,0	1.254,2	920,0
	2016/17	920,0	8.151,0	58,1	9.129,1	6.800,0	1.342,5	986,6
	2017/18	986,6	7.917,0	35,2	8.938,8	7.100,0	1.414,5	424,3
	2018/19	424,3	8.190,0	40,0	8.654,3	7.200,0	1.100,0	354,3
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	11.287,4	206,2	1.685,6
	2018	1.685,6	5.631,0	6.700,0	14.016,6	11.406,4	600,0	2.010,2

Fonte: Secex, importação e exportação até a safra 2017/18;

Conab, demais dados.

Notas: Estimativa em fevereiro/2019/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



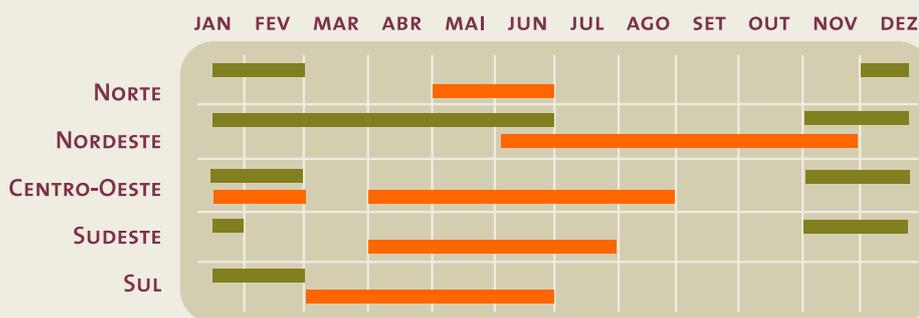


## 11. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

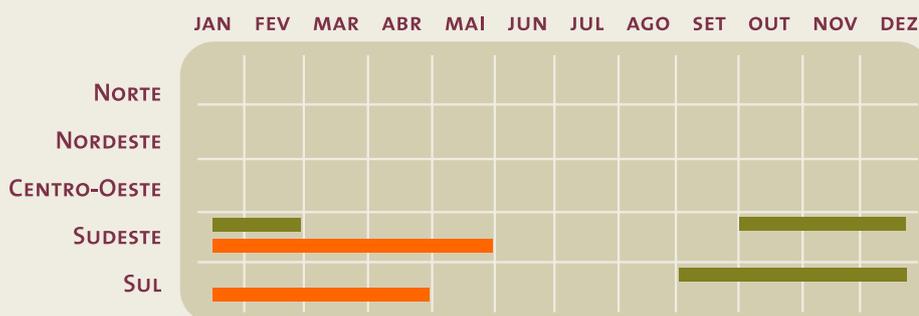
Plantio Colheita



Algodão



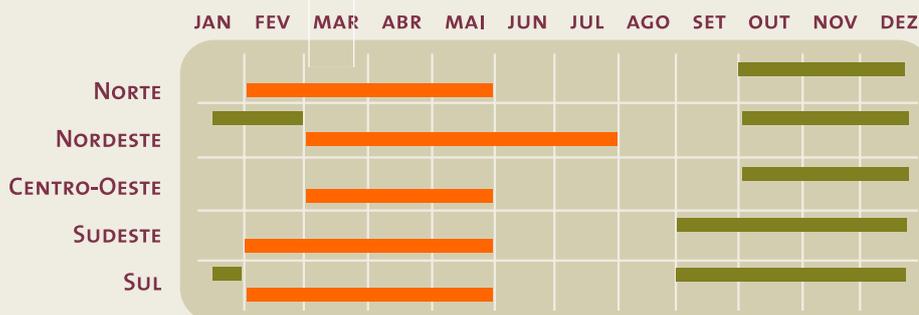
Amendoim 1ª safra



Amendoim 2ª safra



Arroz

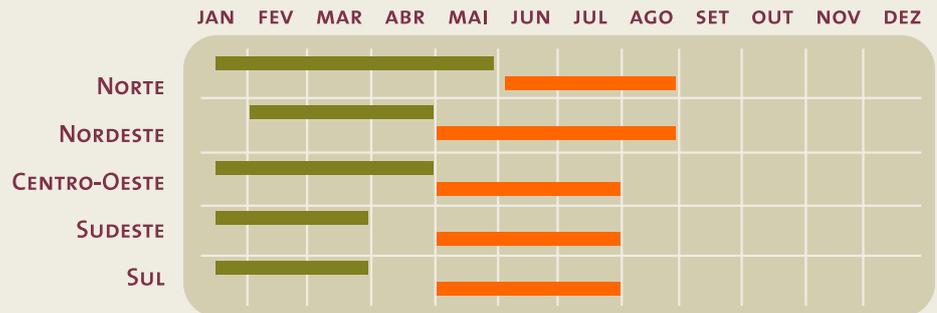


Feijão 1ª safra

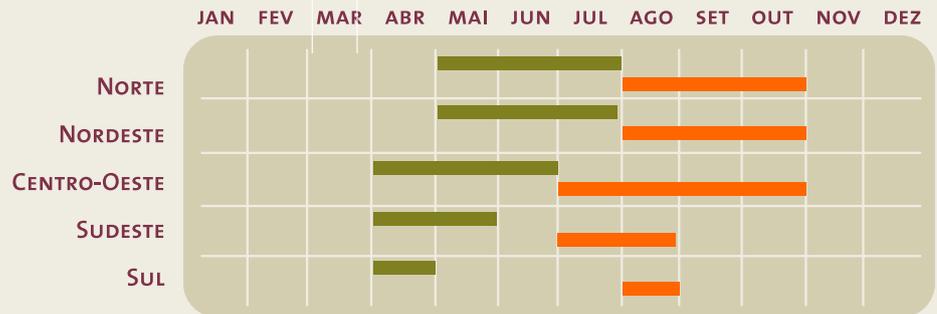




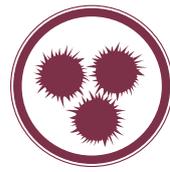
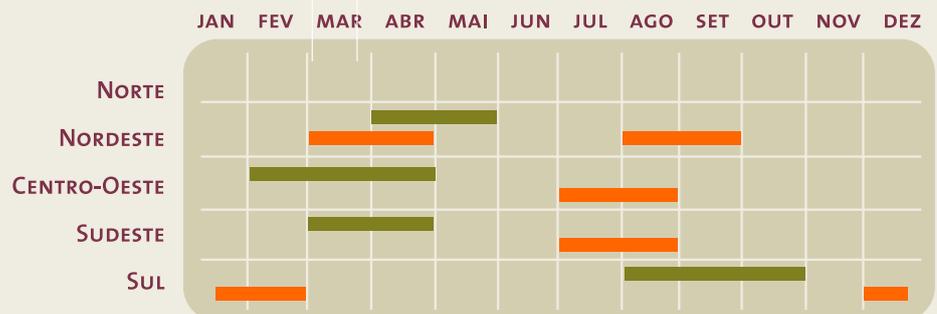
### Feijão 2ª safra



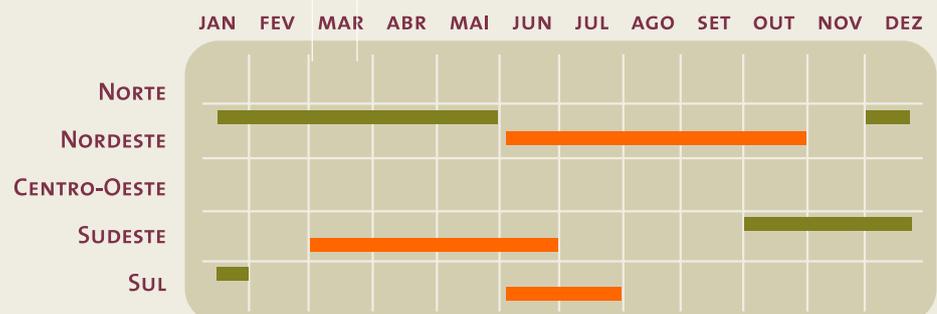
### Feijão 3ª safra



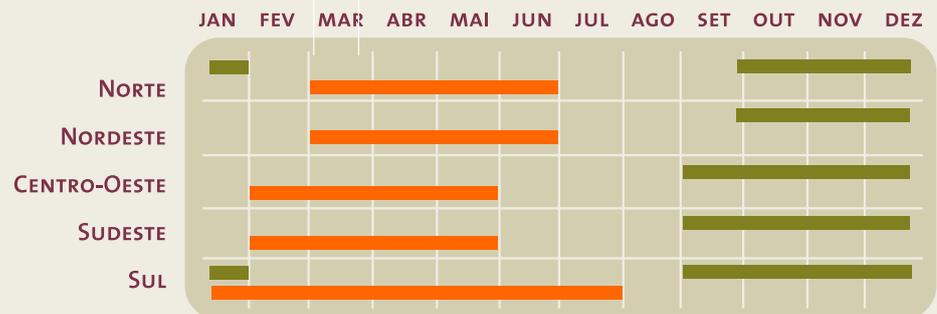
### Girassol



### Mamona



### Milho 1ª safra





### Milho 2ª safra



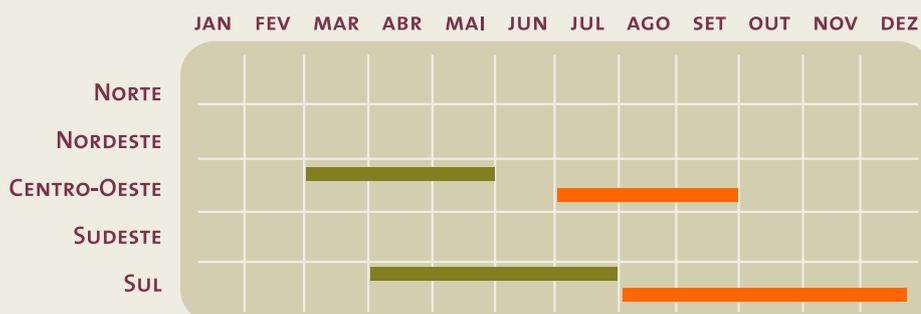
### Soja



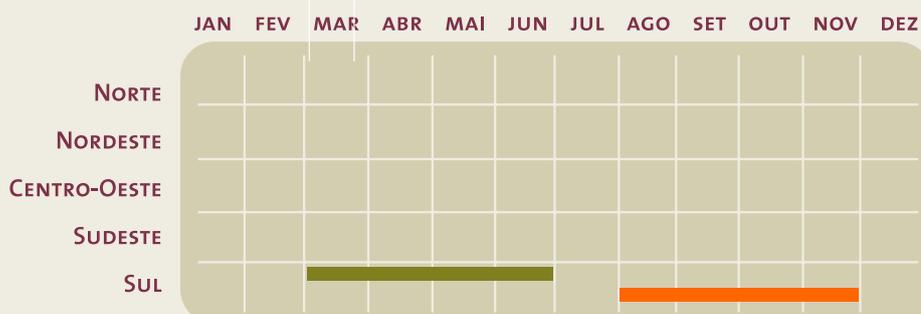
### Sorgo



### Aveia

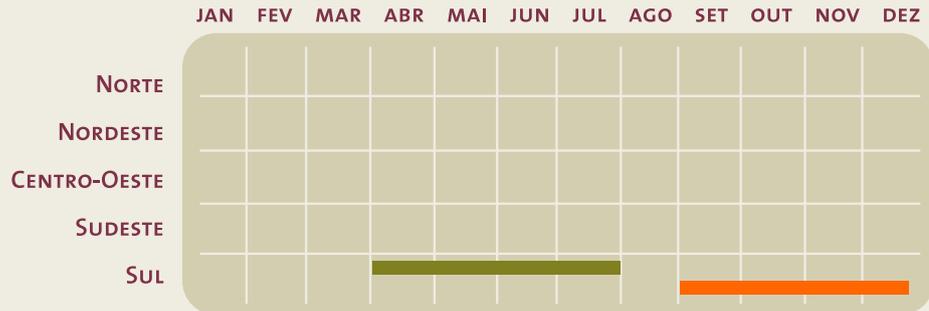


### Canola

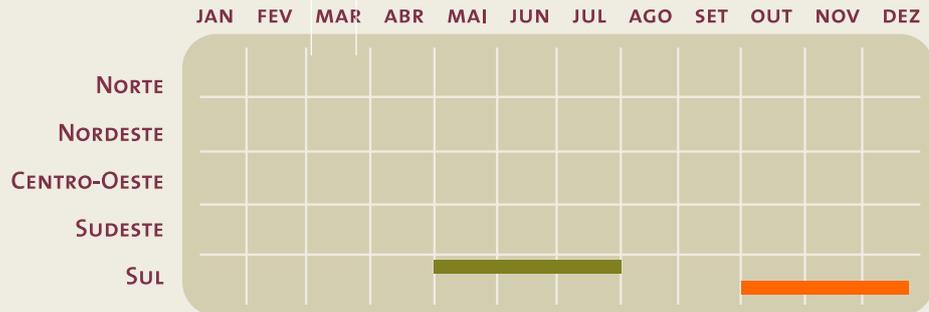




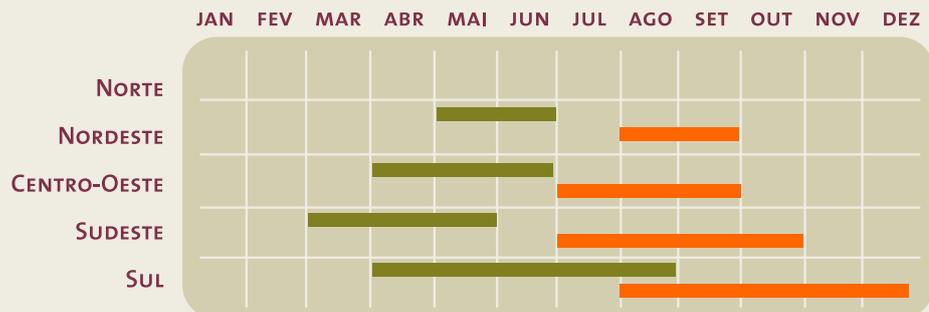
Centeio



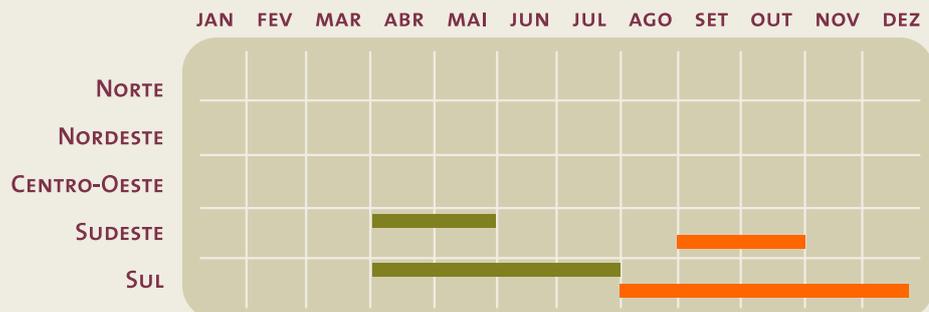
Cevada



Trigo



Triticale





---

Distribuição:  
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)  
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)  
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)  
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)  
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF  
(61) 3312-6277  
<http://www.conab.gov.br> / [geasa@conab.gov.br](mailto:geasa@conab.gov.br)





MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO

